A escravidão dos hebreus no Egito

E vamos ao Êxodo, meu povo. A palavra *êxodo* vem do grego e significa *saída* (agora que pensei nisso, o inglês *exit* deve ter a mesma origem), porque conta como os israelitas (ou hebreus, tanto faz) saíram do Egito, escapando assim da escravidão a que tinham sido submetidos. Ué, escravidão? Mas o Faraó não era amigo de José e de toda sua parentada? Pois é, mas as coisas mudam com o tempo...
Já contei sobre a morte de José, que fecha o Gênesis. Todos os irmãos de José morreram também. Claro que morreram, só me faltava essa, esbarrar com o Zebulom na Barão de Itapetininga, trabalhando como homem-sanduíche e assoviando pras moças que passam. As gerações foram se sucedendo, os israelitas se tornaram uma parcela significativa da população do Egito, espalhando-se por todo o país.
Tudo correu relativamente bem, até que subiu ao poder um faraó – provavelmente Ramsés II – que nunca tinha ouvido falar de José e nem lia o *Jesus, me chicoteia!* para saber de toda a história da bichinha governadora que salvara o Egito da fome. Para ele o povo de Israel era uma ameça à estabilidade do reino.
– Hebreus, hebreus, malditos hebreus! Não param de ter filhos, esses desgraçados. Daqui a pouco vai ter mais hebreu do que egípcio no Egito, e aí? E se eles resolverem entrar em guerra contra nós e tomar nossas terras? Hein? Hein?
Sei não, esse faraó aí devia ser uma encarnação anterior de Adolf Hitler. Começou com essa propaganda anti-israelita, e daí para tomar atitudes práticas foi um pulo: decretou que os hebreus seriam escravos. Assim, sem mais nem menos. O cara tava lá trabalhando na boa e de repente vinha um soldado:
– Larga tudo aí, meu. Agora você é escravo.
– Escrrava??? Que história essa?
– É, escravo, mano. Mão na cabeça, malandro, se não quiser levar chumbo quente nos cornos!
– Ô, essa non é Raul Seixas?
– Num interessa, agora cê é escravo e não tem nada que perguntar as coisas.
– Mas quem vai cuidarr do lodjinha?
– ANDA!
Assim os hebreus foram escravizados e, entre outras coisas, construíram as cidades de Pitom e Ramessés, perto da terra de Gósen. Apesar dos trabalhos forçados, porém, o crescimento de sua população continuava incontrolável. Então o faraó sangue ruim bolou outro plano, que envolveria Sifrá e Puá (que nomes!), as parteiras que atendiam os hebreus:
– Parteiras, prestem bem atenção no que eu vou dizer: Quando vocês forem ajudar uma mulher hebréia a parir, se for uma menina, deixem viver. Mas se for um menino, não tenham dó, matem o guri.
Muita crueldade, não? Sifrá e Puá também acharam, e não cumpriram a ordem. O faraó ficou muito puto ao saber disso, e chamou as duas novamente.
– Que porra vocês estão fazendo, hein? Tão querendo morrer? Eu dei uma ordem clara para vocês, porque não me obedecem?
– Nós obedecemos, Faraó. Mas as mulheres hebréias são mais fortes que as egípcias, e dão à luz sozinhas, antes da chegada da parteira. Aí não tem como a gente chegar lá e dizer, "Com licença, eu sou a parteira, eu sei que a senhora já pariu e tudo mais, mas vim só ver se é menino pra eu poder matar, tudo bem?"
– Hum. Que merda isso. Bah, bosta de plano esse meu também, contar com duas parteiras pra controlar o crescimento dos hebreus. Para isso eu vou precisar do meu exército.
Então o faraó ordenou a seus soldados que jogassem no Nilo todos os meninos hebreus que nascessem. O herói do Êxodo, Moisés, nasceu nessa época. Como ele escapou de virar comida de crocodilo? Daqui a pouco eu conto.

O nascimento de Moisés

Pois bem, como foi que Moisés se livrou de ser comida de hipopótamo?
– Hipopótamo???
– É. – ar superior – Existiam hipopótamos no Nilo naquele tempo.
– Hipopótamos são herbívoros, seu herege ignorante!
Hum. Então.
Um homem chamado Anrão, decendente de Levi (**filho de Jacó**, não se esqueçam), casou

com uma mulher chamada Joquebede, também levita. Não, a mulher não levitava. Prestem atenção: Levita é como se chama o descendente de Levi, ok? Beleza.
Joquebede deu à luz um menino. Como já foi dito, a ordem do Faraó era para matar todos os meninos que nascessem entre os escravos hebreus. Mas Joquebede, que não era besta nem nada, não ia sair à rua com o moleque no colo, "Olha, pari um menino, cês vão querer jogar no Nilo ou faço isso eu mesma?". Então escondeu a criança por três meses.
Uma criança recém-nascida é barulhenta, mas até dá para esconder. Agora um moleque de três meses, bem alimentado, sem chance: Era capaz de o próprio Faraó ouvir os berros do garoto lá do palácio. Não podendo esconder seu filho por mais tempo, Joquebede pegou um cesto de juncos, revestiu com piche e betume, botou o moleque dentro e o largou entre os juncos da margem do rio. Vejam só que engenhosa essa mulher: Fazendo isso, ela cumpria à risca a ordem do Faraó, pois estava de fato jogando o menino no Nilo, mas por outro lado dava uma chance de sobrevivência ao filho, chance que não teria se fosse encontrado pelos soldados. Eita mulher danada!
Tendo depositado seu filho nas águas do rio, Joquebede voltou para casa, e imagino com que peso no coração. Mas Miriam, sua filha, ficou por ali vigiando para ver o que acontecia ao cesto que continha seu irmãozinho. E aconteceu a coisa mais inusitada: A filha do Faraó veio tomar banho no rio, junto com sua comitiva. Viu de longe o cesto no meio dos juncos e mandou uma criada para ver do que se tratava.
– Eita, patroa! A senhora não vai acreditar...
– O que é? Puxa! É um garotinho hebreu. Tadinho, largado assim, chorando, no meio do rio.
– Como a senhora sabe que é hebreu, patroa?
– Olha o pinto dele, a pele cortada.
– E só por isso é hebreu?
– Ai, Osíris... Odeio falar com links, mas vou ser obrigada, a história é comprida. Você quer mesmo saber? **Aqui**.
– Ah...
Miriam não acreditava na cena que estava vendo. A princesa do Egito dava toda pinta de que tinha intenção de pegar seu irmão para criar. Então tomou coragem e foi falar com a filha do Faraó.
– Alteza! A senhora quer que eu vá procurar uma babá hebréia para o menino? Assim a senhora não vai ter aquela trabalheira toda.
– Hum. Boa idéia. Vai lá.
Miriam sai correndo para chamar sua mãe. Não, caro leitor. Não a **sua** mãe. A mãe dela.
– Mãe, a filha do Faraó vai criar nosso moleque, e a senhora vai ser babá e ama-de-leite dele.
– O QUÊ??? Cê tá doida, menina?
– Corre, mãe, que a princesa tá te esperando!
Joquebede correu para o palácio, e foi contratada para cuidar de seu próprio filho. Na boa, quantas mães não gostariam de ganhar uma grana para cuidar dos filhos?
Ah, e o moleque foi chamado Moisés, que significa *tirado*, por ter sido tirado das águas.
E Moisés, hein? Criado na côrte egípcia, provavelmente lado a lado com o herdeiro do trono, na maior mordomia. Vidão! Hum... Não exatamente. Quando já estava grande, aconteceu um negócio que obrigou Moisés a fugir do Egito, deixando para trás toda a pompa palaciana. Mas vou falar disso depois.

Moisés foge do Egito

Ora, seus hereges! Então vocês vêm aqui à cata de fotografias de belas mulheres nuas, não é? Tomem tento! Vocês precisam é do cajado de Moisés. Que na verdade é a vara de Arão, mas isso fica pra mais tarde. Vamos lá.
Moisés cresceu todo bonitão na côrte egípcia. Um dia resolveu sair para um passeio e foi até um lugar onde trabalhavam escravos hebreus. Ele tinha uma vaga consciência de sua condição de israelita, então se condoeu do sofrimento de seus irmãos. E ficou muito puto quando viu um egípcio açoitando um israelita.
– P-p-por que v-v-vo-você es-s-s-stá b-b-bat-t-tendo n-nnnn-n...
– Caralho, é pra hoje?
Ah, eu não contei pra vocês? Pois é, Moisés era gago.
– P-p-pára c-c-com iiiiiii...
– "Iiiiii" o quê? Cê é parente daquela tartaruga da Brahma?

– E-e-eu t-t-tô aaaa...
– "AAAA" o quê? É pra examinar sua garganta?
Bom, agora juntem a efervescência de hormônios adolescentes ao nervosismo da gagueira. Não podia dar em outra: Moisés olhou em volta para se certificar que não tinha ninguém olhando (exceto pelo hebreu que estava apanhando, que não ia denunciá-lo), matou o egípcio e escondeu o corpo na areia. No dia seguinte, voltou àquele lugar ("Eles sempre voltam", diria o Comissário Gordon, ou outro desses policiais aí) e viu dois hebreus brigando. Foi apartar a briga.
– N-n-não br-briguem! V-v-vocês sssão p-p-p-atrícios!
– Ô gaguinho, vai pra puta que pariu! Quem foi que botou você como juiz aqui? Será que vai querer me matar, como matou aquele egípcio ontem?
– F-f-f...
– É, isso aí. Fodeu. Agora sai andando.
Moisés ficou preocupado. E com razão, porque o caso chegou aos ouvidos do Faraó.
– Como é que é? Ele matou um egípcio?
– É isso aí, majestade.
– Eu bem que avisei à minha filha que hebreu é uma raça que não presta. Mas essa menina é cabeça oca, não ouve o que a gente diz. Agora deu nisso, um assassino dentro de casa. Mas não vai ficar assim, ah, não vai!
– O que o senhor vai fazer, majestade?
– Eu? Eu não vou fazer nada, porra! Sou o Faraó, qualé? Você que vai fazer. Vai matar o desgraçado.
– Mas majestade... Ele é seu neto!
– Que neto o cacete! Mata ele, mata, mata!
– Tá bom, Führer.
– Do que que você me chamou?
– Faraó, chefe. Faraó. Vou lá matar o desgraçado. Té mais.
– Falô.
Moisés ficou sabendo que estava com a cabeça a prêmio e fugiu para a terra de Midiã.
* * *

O sacerdote de Midiã, Jetro (também chamado Reuel e Hobabe, não me perguntem por quê), tinha sete filhas. "E daí", vocês perguntam. E daí que quem manda aqui sou eu, e dou as informações que eu achar relevantes. Bah!
Certo dia as filhas de Jetro foram tirar água de um poço para dar de beber às ovelhas e cabras do pai. Moisés estava sentado ao lado do poço, e ali por perto estavam uns pastores também. A chegada das meninas causou alvoroço entre os pastores:
– Ê, lá em casa!
– Ô terra boa pra eu plantar minha mandioca!
– A ovelhinha tem telefone?
E outras bobagens do tipo. Vendo aquilo, Moisés enfureceu-se. E para não perder tempo falando, tratou logo de botar os pastores para correr. Feito isso, e tendo ajudado as moças a encher os bebedouros, elas voltaram para onde estava o pai. Jetro estranhou a volta das filhas tão cedo.
– Um egípcio ajudou a gente, pai. Tinha uns pastores lá mexendo com a gente, mas ele botou eles pra correr e ainda ajudou com a água.
– E por que vocês deixaram o pobre moço lá? Que falta de educação! Tragam o rapaz aqui. Se ele vem mesmo do Egito deve estar cansado da viagem e precisando de comida e abrigo.
As meninas foram buscar Moisés, que jantou muito bem na casa de Jetro. Depois do jantar, o sacerdote convidou Moisés para ficar morando na casa dele, e Moisés aceitou. E a hospitalidade de Jetro não conhecia limites: Além de casa e comida, ofereceu sua filha Zípora em casamento. E Moisés, como de hábito, aceitou. Tempos depois Zípora teve um filho, e Moisés o chamou de Gérson, que significa *peregrino*, porque ele era peregrino em terra estrangeira.
A vida de Moisés começava a se acertar, mas os hebreus continuavam sofrendo no Egito. Moisés bem que queria permanecer omisso nessa história, mas nem teve como. Depois eu falo por quê.

Deus acorda e se lembra da promessa feita a Abraão, Isaque e Jacó

– Miguel! Ô, Miguel! Dá um jeito aqui. Não agüento mais ouvir a choradeira desses caras lá no Egito.
– Choradeira? Que choradeira, Gabriel?
– Bota o fone de ouvido um pouquinho. Tá escutando?
– ARGH! Que gritaria é essa?
– São os hebreus lamentando a escravidão.
– Escravidão? Peraí, não são os caras daquela família?
– Sim, os próprios. Deus prometeu mundos e fundos pra essa família, que seriam uma grande nação e não sei mais o quê.
– Ué, então ele não devia ir lá ajudar os caras?
– Devia, mas tá num sono pesado...
– Há quanto tempo?
– Em tempo terrestre? Sei lá... Que horas são?
– Quatro e vinte.
– Ah, deixa eu ver... Hum... Ele foi dormir estressado por causa daquela **história de Jacó não querer ir pro Egito**. Isso foi há... Quinhentos anos.
– COMO???
– É. Ele tá dormindo há quinhentos anos.
– Porra, precisamos acordar o velho.
– "Precisamos" o cacete! Eu já tenho que ficar aqui com essa porra de fone de ouvido monitorando a merda toda lá embaixo. Você acorda ele, Miguel.
– De jeito nenhum! Você que é o melhor amigo dele!
– Melhor amigo dele??? Porra, você lembra o que **ele fez com o melhor amigo**?
– Ah, é verdade... Bom, vamos os dois então?
– Vamos.
Que coisa feia, não? Dois arcanjos das ordens celestes superiores se cagando de medo do mau humor matinal de deus. Lá foram os dois, cu na mão, acordar o velho.
– Seu Jeová... Seu Jeová... Tá na hora...
– Hum? Hein? Hein?
– Somos nós, deus. Miguel e Gabriel. Viemos acordar o senhor.
– **PORRA! Quantas vezes eu vou ter que dizer que não quero que vocês me acordem? Eu já botei o rádio-relógio pra despertar, na hora que essa merda tocar eu acordo! Tenho sono leve, vocês sabem! AGORA DÊEM O FORA DAQUI, ANTES QUE EU RESOLVA MANDÁ-LOS PRA CASA DO CAPETA!**
– Er... Seu Jeová? Desculpe o mau jeito, mas é que o rádio-relógio já tocou.
– Já tocou??? E como eu não ouvi?
– Ele toca a cada nove anos. Aí o senhor aperta o botão *snooze* e volta a dormir.
– Puta que pariu... UAAAAAAAAAAAAAAAAH. Hum. Mas e aí, aconteceu alguma coisa enquanto eu dormia?
– De certa forma. Aquela família que o senhor escolheu, lembra?
– Ora, claro que lembro! A família do velho Abraão! Prometi a ele e sua descendência que seriam uma grande nação e coisa e tal. Aí depois veio aquele filho dele, como era o nome?
– Isaque.
– Esse aí. Não ia muito com a minha cara. Aí teve o filho dele, Israel. **Saí na mão com ele** uma vez, no vale do Rio Jaboque, já contei essa história?
– Algumas vezes, senhor.
– Então. Agora tem esse menino aí, filho dele, meio viado. José. É, José. Governador do Egito, coisa fina. Mas e aí, como é que o velho Israel está se saindo no Egito? A família cresceu?
– Ahn... Jacó já morreu.
– Morreu??? Faz muito tempo?
– Uns quinhentos anos.
– Cáspita! E a família?
– A família se tornou uma grande nação.
– Rá! Eu não disse? Eu sou foda! Eu sou é deus, tão me ouvindo? Deus!
– É, sem dúvida. Mas tem um detalhe. Eles são escravos no Egito...

– ESCRAVOS??? Como?
– Sabe como é, seu Jeová. O tempo passa, as gerações atuais não estudam história, não lêem o *Jesus, me chicoteia!*, não sabem de nada... Acabou acontecendo isso. E agora o povo de Israel passa os dias e as noites lamentando sua condição.
– E o que vocês fizeram a respeito?
– ...
– PUTA QUE PARIU! Será possível que eu tenho que fazer tudo aqui nessa joça? Porra. Saiam daqui, vou dar uma mijada, escovar os dentes, trocar de roupa e daqui a pouco estou lá na sala de controle. **Cadê meu chinelo, porra**???

Deus fala com Moisés

Moisés levava aquela vida besta em Midiã: Acordava cedo, ia apascentar o rebanho do sogro, voltava para casa, brincava um pouco com Gérson, assistia o Jornal Nacional com Zípora, aquela rotina. Mas um dia ele resolveu levar o rebanho de Jetro para pastar no monte Sinai (também chamado Horebe) e sua vida nunca mais foi a mesma.
– I-i-ih. Que c-co-coisa es-s-s-stranha... Tem uma m-m-mo-moita p-pe-pegando f-fo-fogo ali.
É Moisés, tá bom. Puta que pariu, haja paciência pra agüentar esse cara gaguejando. Mas o que ele viu era de fato muito esquisito: uma moita em chamas que no entanto não se queimava. Ele chegou mais perto para ver melhor que mistério era aquele. E outra coisa mais esquisita ainda aconteceu: Uma voz de trovão saiu de dentro da moita.
– Moisés! Moisés! Ô, Moisés!
– P-p-porra, eu s-s-sou ga-ga-gago, n-n-não su-surdo.
– Moisés, pare aí e... Peraí. Pronto. Pô, comprei esse megafone ontem e tava esperando uma oportunidade de usá-lo. Só que você é um estraga-prazeres. HUMPF! Mas como eu ia dizendo: Pare aí e tire suas sandálias, porque o lugar onde você está pisando é sagrado.
– U-u-é, e d-da-daí?
– Er... Não sei, inventei isso agora. Vai, tira as sandálias, tô mandando.
– Q-q-quem é v-vo-você, d-do-dona m-m-mo-moita?
– Moita é o cacete! Eu sou é deus, tá me ouvindo? Deus! O deus de Abraão, de Isaque e de Jacó!
– N-n-num co-conheço esses ca-ca-caras não.
– Ai ai... Sou deus. Israel é meu povo escolhido.
– ...
– ARGH! Depois eu explico. O negócio é que o povo de Israel está se fodendo na mão do Faraó, e eu desci para libertar meu povo e levá-lo para uma terra boa e rica, de onde mana leite e mel.
– C-co-conta outra...
– CALE-SE! Para isso vou precisar da sua ajuda. Você vai liderar esse povo até a terra onde moram os cananeus, heteus, amorreus, perizeus, heveus e jebuseus. Mas antes disso você vai lá falar com o Faraó e dizer a ele que vocês estão saindo.
– O-o-ora! Pra um m-m-matinho você até que é bem e-e-en-engraçado. Co-como eu v-v-vou lá f-f-falar com o F-F-F... Droga! F-Faaaaaa-F...
– ...Faraó?
– I-isso. E-e-ele quer me m-m-m-maaaaaaa...
– ...Matar, tô sabendo. Mas eu estarei com você.
– Ah, q-q-que bom! Dá aí uma f-f-f-folhinha pra eu b-botar atrás da o-o-orelha...
– Escutaqui! Eu escolhi me manifestar em forma de sarça ardente porque achei que seria um efeito especial de impacto! Eu NÃO SOU uma moita, tá certo? Pára de fazer piada com isso, que eu já tô ficando puto!
– B-b-be-beleza. M-m-mas o p-p-povo vai querer s-s-saber s-s-seu nome, aí o que eu d-d-digo?
– EU SOU QUEM SOU, Moisés.
– P-Po-Popeye???
– Ai caralho, sempre essa confusão... Tô falando hebraico com você, certo? Como fica "Eu sou" em hebraico?
– H-h-hum... Javé.

– Isso aí. Javé. Bom, na verdade não é bem meu nome. Meu nome é feito só de consoantes: YHWH. Mas podem me chamar de Javé, eu até gosto.
– J-ja-javé. B-b-bo-bonito no-nome.
– Obrigado. Bom, então você vai lá falar com os líderes de Israel e dizer que Javé, o deus dos antepassados deles, veio para libertá-los. Diga que os guiarei até uma terra que mana leite e mel, a terra onde hoje moram os cananeus, os...
– T-tá, já s-sei: p-pi-pirineus, f-f-fa-fariseus, m-m-macabeus, S-S-São Mateus, z-z-ze-zebedeus.
– É. Hum. Mais ou menos isso. Bom, detalhes, detalhes... O fato é que o meu povo dará ouvidos a você. Depois você e os líderes vão lá falar pro Faraó que Javé, deus dos hebreus, apareceu a vocês. E que é pra ele deixar vocês irem até o deserto para oferecerem sacrifícios.
– U-u-é, m-m-mas a i-i-idéia n-n-não era ir e-em-embora pra s-s-sempre?
– A idéia é essa, Moisés. Mas cê vai ser doido de chegar na cara do Faraó e dizer que todos os escravos hebreus vão abandonar o Egito assim, de uma hora pra outra? Porra, eu sou deus, mas não dá pra facilitar. Bom, o negócio é que o Faraó não vai deixar.
– E-en-então de que a-a-adianta?
– Relaxa. Eu vou dar um jeito. Tenho uns truquezinhos na manga.
– M-m-m... M-ma-ma... M-mas e s-s-se o F-F-Faaaaaaaaaa. Merda. Se o F-Fa-Faaaaaaa... o F-Fa-Fa-Fafafafaaaaaa...
ARGH! Vamos deixar Moisés aí cantando *Psycho Killer*. Essa conversa continua, mas só depois que Moisés conseguir engatar uma segunda. Tenham paciência.

Os milagres de Moisés

Ôpa, acho que agora vai:
– ...mas se o ... o F-Fa-Fa-Fafafafaaaaaa... Faraó [UFA!] não quiser me ouvir? E s-se o po-povo rir d-da mmmmminha ca-cara?
– O povo vai rir da sua cara de qualquer jeito, com essa gagueira. Rá. Hum. Aê, foi mal. O que cê tem na mão?
– U-uma va-vara.
– Ui, santa!
– T-tá me s-s-sa-sa-sacane-neando, J-J-Ja-Javé?
– Arrá, viu como é bom? Vê se agora aprende a não me chamar de moita. Humpf! Bom, joga essa vara aí no chão.
– P-pra quê?
– Faz o que eu tô mandando, porra. Ô gago teimoso...
Ele jogou a vara no chão e imediatamente ela se transformou numa cobra. Moisés ficou com medo e fugiu dela.
– Ué, gosta de vara mas não gosta de cobra? Vai entender... Moisés, pega a cobra pelo rabo.
– E-eu não!
– Vai, Moisés.
– N-não sou d-doido.
– PEGA A COBRA PELO RABO!
– T-tá, t-tá...
Moisés pegou a cobra e na mesma hora ela voltou a ser uma vara.
– C-ca-caramba! S-s-será que o Mi-Mister M explica e-e-essa?
– Mister M é o cacete, Moisés. Eu sou é deus! Cê vai fazer essa mágica aí da vara que vira cobra na frente do povo de Israel, e vão acreditar em você. Mas se ainda assim não acreditarem, tem outra: Bota a mão no peito.
– V-vou vi-virar uma c-c-co-cobra???
– Não, Moisés, vai apalpar suas mamas em busca de caroços. Porra, faz o que eu tô dizendo. Cara chato...
Moisés botou a mão no peito, e quando tirou ela estava leprosa, esbranquiçada.
– A-ai c-c-caralho! T-tô le-leproso! P-p-puta que pa-pariu! F-f-f-f...
– Não fodeu não, Moisés. Bota a mão no peito de novo.
Moisés o fez, e a mão voltou ao normal.
– Viu só? Rá! Eu sou foda! Agora é só ir lá falar com os israelitas. Você tem uma palavra de esperança e duas mágicas para eles, não tem como dar errado. Mas se ainda assim eles não acreditarem, depois de mandá-los todos para a puta que pariu, pegue uma tijela de água do

Nilo e jogue no chão.
– P-pra quê? "Ah, v-vocês não aaaacreditam? En-n-tão v-vou molhar s-s-eus pe-pés". Que c-coisa ri-ridícula!
– Não, porra! Na hora que a água bater no chão, vai virar sangue. Adoro esse truque.
– Hum. Tá. M-m-mas... S-só tem u-u-uma co-coisa...
– Que é?
– E-EU SOU GA-GAGO, PORRA! C-C-COMO QUE EU V-VOU FA-FALAR EM P-P-PÚBLICO???
– Porra, Moisés, cê ainda não percebeu que eu sou foda? Vai lá, fala com os caras, eu dou um jeito.
– N-não, J-J-Ja-Javé! M-m-manda outro!
Deus ficou muito puto. Não estou inventando não, tá lá na bíblia, Êxodo 4:14: *"Então o Senhor ficou irritado com Moisés"*. Ficou puto de verdade:
– PORRA! CARALHO! COMO VOCÊ É CHATO, MOISÉS! Não quer falar com os caras? Tudo bem, então não fala. Foda-se! Cê não tem um irmão chamado Arão? Seu irmão tem facilidade pra falar, é eloqüente, usa figuras de retórica, conta piadinhas pra relaxar a platéia, prende a atenção do público, um showman. Pois Arão está vindo te visitar aqui em Midiã, então combine com ele assim: Eu falo as coisas pra você, você transmite a ele e ele divulga para o povo. Para ele, você será como deus. E ele será como um assessor de imprensa *(valeu, **Bárbara**!)* para você. Tá bom assim ou vai querer motorista particular também?
– T-t-tá bom.
– Então estamos combinados.
– B-b-beleza. P-preciso ir.
– Tá bom. Tchau.
– T-tchau.
– Ô Moisés!
– F-fala.
– Não vai esquecer a vara. SANTA!

Moisés volta para o Egito

Moisés bem que tentou se esquivar da missão que deus inventara para ele. Mas não deu, então o jeito era voltar para o Egito. Foi falar com Jetro:
– S-seu Jetro, eu t-ta-tava p-p-pensando em ir até o E-E-E-Eeeee...
– Elefante?
– N-não. Até o E-E-Eeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeee...
– Elicóptero?
(ARGH!)
– N-NÃO, P-PO-PORRA! Até o E-E-Egito. Ufa. P-pa-para vi-visitar meus p-p-parentes.
– Ah... Pois muito bem, pode ir. Te dou uns dias de folga.
E assim Moisés pegou a família, encarapitou todo mundo no lombo de um jumento e partiu para o Egito. Mal sabia Jetro que a partida era definitiva. No meio do caminho, deus veio falar com ele:
– Moisés, ensaiou as mágicas? Vê lá, hein, não vai me fazer passar vergonha. Se bem que não vai adiantar porra nenhuma, porque mesmo impressionado o Faraó não deixará você partir com o povo de Israel.
– P-pô, então p-p-pra quê eu v-vou f-f-falar com o c-c-cara?
– Calma... Cê vai dar um recado meu pra ele. Vai dizer que Israel é meu filho primogênito, e que eu ordenei que ele deixasse meu povo ir. Mas ele não quer deixar, então eu vou matar o filho mais velho dele.
– E-ei, p-p-peraí, c-c-calma! P-p-recisa ta-tanto?
– Ah, com essa raça é assim, Moisés. E, na boa: Eu gosto mesmo é de ver sangue.
– P-p-porra, mas é o fi-filho do c-c-cara! Que-queria ver s-s-se fo-fosse o seu fi-filho...
– Meu filho? Tá louco??? Nunca que eu ia deixar alguém matar meu filho! Tá pensando o quê? Eu sou é deus!
Dado o recado, deus retirou-se. E deve ter ido beber em algum boteco, porque apareceu mais tarde, muito louco, na espelunca onde Moisés e sua família tinham parado para passar a noite.
– Moisés? Ô, Moisés! Vem aqui que eu vou te matar, desgraçado!
– M-m-me matar? Q-que que eu f-f-fiz a-a-agora?

– Você sabe! E agora vai morrer!
Entenderam alguma coisa? Nem eu, e muito menos Moisés. Mas Zípora, sua esposa, era muito esperta e viu logo o que estava acontecendo. Deus queria matar Moisés porque Gérsou, seu filho, não havia sido circuncidado. Percebendo que o problema era esse, ela pegou uma pedra afiada e cortou o prepúcio do menino.
– Assim que eu gosto
Com sua ira aplacada, deus foi embora cambaleando pelo caminho. E encontrou Arão na estrada.
– Arão! Como é que vai, rapaz?
– E aí, tudo bem? Quem é você? De onde me conhece?
– Eu sou Javé, deus de Abraão, de Isaque e de... Bah, é uma história comprida. Seu irmão Moisés tá hospedado naquele pulgueiro lá atrás. Vai até lá que ele te explica tudo.
Arão foi até a hospedaria encontrar-se com seu irmão, que não via fazia muito tempo.
– Cabeça de Melão! Olha só, casou, tem filho, que beleza!
– C-ca-catota! Q-q-que s-s-saudade!
– Ô, encontrei um cara na estrada que disse que você tinha uma coisa pra me contar. O que cê aprontou, moleque?
– E-e-eu? N-n-não a-a-aprontei na-nada. O n-n-negócio é o s-s-seguinte...
E Moisés contou a Arão tudo o que acontecera: O assassinato do Egípcio, a ameaça de morte, a fuga para Midiã, o casamento com Zípora e o nascimento de Gérson, o encontro com deus no meio de uma sarça ardente no monte Sinai, as instruções de deus para libertação do povo de Israel. Agradeçam-me por não transcrever toda a conversa: Com Moisés gaguejando desse jeito, ia levar mais tempo que o **Gênesis todo**. Quando ele terminou de contar a história, Arão estava empolgado:
– Moisés, você vê as possibilidades por trás disso? Nós vamos entrar pra História, cara! Imagina as manchetes em todos os jornais do Egito, de Canaã, da puta-que-pariu! Imagina nós dois na Ilha de Caras! Nós vamos dar entrevista no Jô, Moisés! Seremos heróis! Vamos comer muita mulher!
– C-c-cala a b-boca, o-o-olha m-m-minha m-m-mulher aí...
– Ah, mas ela eu não quero, tá meio passada...
– P-p-po-porra...
– Bom, a gente pensa nisso depois. Agora precisamos dormir, para partirmos amanhã bem cedo para o Egito e falar com o povo.
E assim fizeram. Já no Egito, falaram com o povo, fizeram as mágicas todas, e eles acreditaram. Foi uma empolgação geral, todo mundo já pensando na viagem para Canaã, na vida como homens livres. Mas nada foi tão fácil assim, como veremos mais tarde.

Aarão?

Algumas traduções da Bíblia grafam o nome do irmão de Moisés como *Aarão*, e não *Arão*. Mas ignorem isso, os tradutores escreveram com Moisés ditando, daí a gaguejada no nome do cara.

Moisés e Arão vão falar com o Faraó

Com o povo botando fé em ambos, os irmãos se sentiram motivados e foram falar com o Faraó.
– A-A-Arão, não esquece q-que J-J-Javé fa-falou pra g-g-gente di-dizer ao F-F-Fafa-Faaaaaaaaaaaaa...
– ...Faraó
– I-isso, q-que o po-povo vai p-pro de-deserto s-só o-o-oferecer uns sa-sacrifícios e j-j-já volta.
– Deixa isso comigo, Moisés. Sou seu irmão e assessor de imprensa, confia em mim.
Chegando à presença do Faraó, Arão pediu permissão para falar e disse:
– Ó, Faraoó-Ó-Ó-Ó, soberano do Egito-Egito-Ê...
– Ué, já sabia que seu irmão era gago. Mas e você, é gago ao contrário?
– Não, Faraó. É aquela música da *Banda Reflexus*. Pra quebrar o gelo, sabe?
– Não sei não. Que música? Que banda? Aliás, o que é gelo?

– Hum. Deixa pra lá. Então. Viemos aqui pra pedir uma coisa ao senhor. Javé vai dar uma festa no deserto, uma *rave* das maiores que já se viu. Ele convidou todos os hebreus para a festa, e deixou bem claro que quer todo mundo lá. Então viemos aqui pedir para o senhor deixar o povo ir à festa.
– Javé? Quem é esse tal Javé, que dá uma festa, não convida o Faraó, mas chama um bando de escravos? Não conheço Javé nenhum, e não vou deixar esse bando ir pra essa tal festa não. Podem esquecer.
– Ô, Faraó. Javé é o deus dos hebreus. Ele é muito brabo, se a gente não for é capaz dele matar todo mundo! Se emputece com facilidade, o Javé. Pô, não custa nada! O lugar da festa fica a três dias de caminhada, quando o senhor perceber, já voltamos.
– TRÊS DIAS DE CAMINHADA??? Cês fumaram maconha mijada, foi? Mas de jeito nenhum que eu vou deixar vocês irem! Era o que faltava... E digo mais! Cês ficam com essa conversinha de festa pra lá e pra cá, por isso que esses hebreus andam mais vagabundos do que habitualmente. Cadê o Ministro da Escravatura? Ah, cê tá aí. Seguinte: A partir de hoje vocês não vão mais dar palha aos hebreus para eles fazerem tijolos. Eles que vão atrás de palha. E vão ter que continuar produzindo exatamente o mesmo número de tijolos, se não o bicho vai pegar aqui nessa porra! Eles andam sem fazer nada, por isso ficam falando em festa no deserto e sei lá o quê. Quanto a vocês, Moisés e Arão, sumam da minha frente, que tá me dando gastura olhar pra cara de vocês!
Os dois saíram com os respectivos rabos entre as pernas. Para piorar, de acordo com a ordem do Faraó, os capatazes pararam de entregar palha aos escravos hebreus, obrigando-os a sair catando palha antes de começar o trabalho de fabrico dos tijolos. E os capatazes apertavam:
– Vambora, seus porras, vambora! Cês têm que entregar o mesmo número de tijolos que antes, tão pensando que é moleza, que a vida é festa? Todo mundo trabalhando!
Os oficiais hebreus que fiscalizavam o trabalho começaram a ser açoitados todos os dias, por entregarem um número inferior de tijolos. Foram chorar para o Faraó.
– Ô seu Faraó, pelamordedeus, assim não dá! Trabalhamos feito burros de carga, e ainda somos açoitados, não há cristão que agüente!
– E desde quando cês são cristãos, porra? Estão apanhando porque merecem: São vagabundos que só querem saber de farra. Em vez de estarem aqui chorando, deviam era trabalhar direito. Vão embora daqui, que eu não tô com saco pra agüentar hebreu hoje.
Os caras saíram do palácio desconsolados, e encontraram Moisés e Arão no caminho.
– Cês viram o que fizeram? Inventaram esse negócio de festa no deserto, e agora o Faraó tá querendo foder a gente de todo jeito. Puta merda.
Os dois ficaram muito sem graça com isso, e Moisés foi queixar-se com deus.
– Ô J-J-Ja-Javé! C-c-cê tá de b-b-brincadeira c-com a g-g-g-gente, é? O p-p-povo tá m-m-muito pu-puto com e-esse n-ne-negócio.
– Relaxa, Moisés...
– R-RE-RELAXA??? O-o-ora, c-cê fala i-i-isso p-porque n-não é em vo-você que e-e-eles tão bo-botando a cu-culpa. É E-EM M-M-M-MIM, PO-PORRA!
– Calma, porra! Eu já não falei que eu sou foda? Então! Eu sou é deus, tá sabendo? DEUS!
– E o q-que cê v-vai fa-fazer?
– Cê vai ver, Moisés, cê vai ver. Vou aprontar cada uma com esse Faraó que no fim ele vai implorar pra vocês irem embora. Aguarde e confie...

Moisés e Arão vão falar de novo com o Faraó

O que será que deus está planejando? Não sei ainda, porque ele resolveu dar uma segunda chance ao Faraó.
– Moisés, vai lá falar com o cara de novo.
– T-t-tá d-doido? Se a g-g-gente for lá o-o-outra v-vez, e-e-ele m-m-mata a g-g-g-gente.
– Mata nada, mata nada. Lembra da mágica de transformar a vara em cobra? Então, faz lá pra ele, quem sabe o cara não se impressiona e deixa o povo ir?
– Hum... T-t-tá bom. M-m-mas só m-m-mais uma v-vez.
– Relaxa.
Então Moisés e Arão foram de novo ao palácio do Faraó. Aquele mesmo esquema: Moisés cochichava no ouvido de Arão, que transmitia o recado ao Faraó. Ah, um detalhe: Arão estava com 83 anos, e Moisés com 80.
– Puta que pariu, vocês de novo aqui? Que que vocês querem?

– Javé mandou dizer que é pra você deixar o povo ir.
– Ah, Javé mandou dizer, foi? Então vai lá e fala pro Javé que eu o mandei à merda.
– Javé é poderoso, se o senhor não deixar o povo ir, é capaz dele ficar puto e detonar tudo aqui no Egito.
– É poderoso? Muito bem, que tal uma demonstração do poder desse cara?
– Tudo bem.
Arão jogou a vara no chão, e ela imediatamente se transformou numa cobra. Um truque impressionante, de fato, mas o Faraó tinha uma carta na manga: mandou chamar o Mister M.
– Mister M, paladino dos mágicos, mestre de todos os mistérios, explique para nós esse truque!
Mister M então pegou uma vara, jogou no chão e ela também se transformou numa cobra.
– Ah, Mister M!
E nem o fato de a cobra de Arão devorar a do Mister M impressionou o Faraó:
– Ora, isso só prova que a sua cobra estava com mais fome que a do Mister M. Grandes merdas. Agora sumam daqui!
– M-m-mas.
– Mas é o cacete, se eu não tenho paciência com seu irmão, não é com você que eu vou ter, gaguinho. Fora!
Os dois foram embora, mais frustrados que nunca. Mas deus veio falar com Moisés naquele mesmo dia, e Arão até estranhou quando viu o irmão tão animado.
– Que foi, Moisés? Tá rindo à toa, ficou besta?
– P-p-pode e-e-esperar, A-arão. N-nós v-v-vamos levar e-e-esse p-p-povo pra T-T-Te-Terra P-Prometida.
– Mas de que jeito? O Faraó não pode mais nem ver nossa cara! O que que a gente vai fazer? Fugir escondido à noite? Se fossem umas dez pessoas, tudo bem. Mas são 600 mil homens, Moisés! Juntando mulheres e crianças, deve ser uma população de 3 milhões!
– A-a-aguarde e co-confie...

A praga do sangue

Na manhã seguinte o Faraó foi até o rio para tomar banho e deu de cara com Moisés.
– Ô, porra... Mas nem na hora que eu vou tomar banho eu me livro de você? Sai daqui, me deixa em paz.
– O s-senhor não q-quer d-d-deixar o p-p-povo de I-I-I-Iiiiiiiii...
– ...Israel?
– O-obrigado. O povo de I-Israel ir. E-então J-J-Ja-Javé v-v-vai t-t-te m-mostrar o que é b-bom pra tosse! A-Arão!
Arão levantou sua vara (sem duplo sentido, por favor) e estendeu a mão para o Nilo. No mesmo instante, toda a água do rio se transformou em sangue.
– V-viu só, F-Faraó? O c-ca-cara é d-deus! E a-a-agora, hein?
O Faraó ficou muito puto com aquilo. Pegou seu celular e ligou para o Mister M, que mais que depressa veio atender o chamado do rei. Pegou uma vasilha de água e a transformou em sangue também, então o Faraó não se impressionou com o que Arão e Moisés tinham acabado de fazer. Mas toda a água do Egito se transformou em sangue, os peixes morreram e as pessoas tinham nojo de beber a água. Tiveram que cavar poços para encontrar água. O Faraó voltou para o palácio soltando fogo pela venta, sem sequer ter conseguido escovar os dentes e tirar a remela dos olhos.
Toda a água do Egito se transformou em sangue, e assim ficou por sete dias. Nem assim o Faraó deixou o povo ir embora.

A praga das rãs

Depois de sete dias, toda a água do Egito voltou ao seu estado normal. O Faraó estava sossegado em seu palácio, sendo abanado por dois eunucos e comendo tâmaras recém-colhidas, quando Moisés entrou.
– F-F-Faaaa.. F-Fi-Fi-Fó-Fa-Faaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa... Af-Af-Fe-Fi-Faaaaaaaaaa...
– Faraó?
– É. F-Fa-Faraó! V-vo-você não de-deixou o p-p-povo de I-I-Israel ir. E-Então todo o E-E-

EEEEEEEgito será c-co-coberto de r-r-r-r-rãs.
– Ai, ai... Que saco isso, viu? Preferia quando seu irmão falava, esperar você terminar suas frases é um porre.
– Pois que seja, Faraó. O que meu irmão Moisés está dizendo é que as rãs vão subir do Nilo e cobrir toda a terra do Egito. Entrarão nas casas, pularão sobre vocês, estarão esperando os egípcios em suas camas. Você abrirá a torneira e sairá uma rã. Ligará a TV e verá uma rã apresentando o Jornal Nacional. Levará uma linda donzela para seu leito e descobrirá, tarde demais, que é uma rã. Rãs por todos os lados! Rãs! Rãs!
– Tá, tá, já entendi. Rãs. Cobrindo todo o Egito. Conta outra.
– Ah, quer ver? Prestenção...
Arão levantou sua vara. Fez-se silêncio no palácio. Depois de cinco minutos, sem que nada tivesse acontecido, o Faraó começou a rir.
– HAHAHAHA! Cadê as rãs, Arão? Hein? Bah, é cada uma. Agora saiam daqui, que eu estou cansado de olhar pras suas caras de múmia.
– Mas...
– Mas porra nenhuma. Tchau. Mas essa das rãs foi muito boa, viu? Talvez eu contrate vocês como bobos da corte. Rãs! Boa! Hahaha! Haha... Ha... Peraí. Que barulheira é essa lá fora?
(CROAC! CROAC! CROAC!)
– Ah, Arão, você é ventríloquo também? Que barato! Que mais cê sabe fazer? Ah, definitivamente, preciso te contrat...
O Faraó foi interrompido pela invasão de rãs no palácio. Elas vinham aos montes, pulando umas sobre as outras, um verdadeiro mar de anfíbios.
– AAAAAAARGH! Que porra é essa? Como você fez isso???
– Javé é foda, Faraó.
– Javé de cu é rola! MISTER M!!!!!!!
Mister M veio correndo para ver o que acontecia. Viu aquela cena repugnante, milhares de rãs se contorcendo no piso do palácio, e rapidinho repetiu o truque.
– Muito bem, Mister M! Mas peraí... Os caras fizeram vir as rãs. E essas que você fez aparecer são pererecas.
– Ué, eu prefiro pererecas.
– Ah, faz sentido... Mas será que não dá pra fazer uma mágica para sumirem tanto as rãs como as pererecas?
– Er... Veja bem... Fica difícil, ainda não cheguei nessa parte da apostila e...
– INCOMPETENTE! Ô, Moisés... Será que não dá pra você sumir com essas rãs não? Se você der um jeito de normalizar a situação. eu deixo seu povo ir ao deserto para a tal festa.
– J-Jura?
– Palavra de Faraó.
– T-tá b-bom. V-v-vou falar com J-Ja-Javé a-a-amanhã e ele d-dá um j-j-jeito.
– Amanhã? Mas por que não hoje, Moisés?
– Ah, e-ele tá no s-s-sítio agora, o c-ce-celular d-dele tá fo-fora da á-área de c-cobertura.
– Hum. Tá bom, beleza. Mas amanhã sem falta, hein?
– E aí a g-g-gente po-pode ir?
– É isso aí.
– Fe-feito.
No dia seguinte Moisés falou com deus, e ele matou todas as rãs. Foi uma merda do mesmo jeito, milhões de rãs mortas, aquela fedentina e tal. Mas pelo menos o Egito estava livre de mais uma praga, e essa durara apenas um dia. Após alguns dias de trabalho, os garis conseguiram limpar a área e o Faraó se esqueceu de sua promessa.

A praga dos piolhos

– Ô J-Ja-Javé, e-e-esse ne-negócio de p-p-pragas não t-tá dando ce-certo...
– Ô, Moisés, confia em mim! Eu sei que pra você tá sendo foda e tal, mas cê não tem idéia do quanto foi divertido ver o Egito coberto de rãs. E agora vai ser mais legal ainda.
– L-Lá v-vem...
– Porra, Moisés, cê tem que ser mais motivado. Essa próxima vai ser muito legal. É o seguinte: Fala pro Arão bater com a vara dele na terra.
– P-pra q-q-quê?
– É surpresa. Vai, fala lá.

– A-ai... A-A-Arão, bate c-com a va-vara no ch-chão.
Arão fez conforme Moisés pedia e na mesma hora todo o pó do Egito se transformou em piolhos. Os bichos infestaram as pessoas e os animais por todo canto.
O Faraó estava na boa no palácio, assistindo uns filmes, comendo pipoca, quando sentiu uma coceirinha na cabeça. Foi coçar e sentiu com os dedos os piolhos andando sobre o couro cabeludo.
– Ô, merda... Só me faltava essa. Rei do Egito piolhento não dá, porra. Cadê meus servos? SERVOS!
Os empregados vieram, e o Faraó estranhou todos se coçando daquela maneira.
– O que tanto vocês se coçam, estrupícios?
– O senhor não tá sabendo, Faraó? É uma praga de piolhos em todo o Egito, pegou as pessoas e o gado.
– Ufa, pensei que fosse só comigo... Mas isso aconteceu assim, de repente?
– É. Andam dizendo que é coisa daqueles dois velhos hebreus lá, Moisés e Arão.
– Ah, puta que pariu, de novo? Cadê o Mister M?
– Disse que ia andar de pedalinho no Nilo com o Cid Moreira.
– Pois podem ir chamá-lo.
Em alguns minutos Mister M compareceu ao palácio, ele também se coçando.
– Está com piolhos, Mister M?
– Parece que sim, majestade.
– Isso é mais um daqueles truques dos hebreus.
– Tô sabendo.
– Mostra aí pra gente como é que eles fizeram esse truque.
– Hum... Eu já tentei, Faraó, não deu certo. Os caras transformaram os grãos de poeira em piolhos, essa eu nunca tinha visto, nem ouvido falar. Não sei não, mas acho que esse tal deus deles aí é cheio de mumunhas mesmo.
– Puta merda, você é um imprestável mesmo.
– Não, Faraó, vai por mim: Ninguém nunca fez isso. Talvez fosse uma boa idéia deixar esses caras irem até o deserto. Eles transformaram água em sangue, depois fizeram surgir aquele monte de rãs, agora esses piolhos. Quem sabe do que são capazes? Melhor não arriscar...
– Ora, por Osíris! Eu sou o Faraó, porra! Não vou me deixar intimidar por dois mágicos de quinta categoria. O sangue e as rãs desapareceram, o mesmo vai acontecer com os piolhos.
– Mas enquanto não desaparecerem, vai ser um inferno.
– Bom, quanto a você eu não sei. Eu vou raspar a cabeça.
– E os hebreus?
– Bah, que se fodam os hebreus!
É, convenhamos, essa praga dos piolhos nem foi tão assustadora assim. Se o cara viu toda a água virar sangue e não deixou o povo ir embora, imaginem se ia deixar com um problema menor. Dessa vez deus mandou muito mal.

A praga das moscas

– A-Aê, J-J-Ja-Javé. Q-que i-i-idéiazinha de je-jerico a-a-aquela dos pi-piolhos, he-hein?
– É, Moisés, tenho que concordar com você. Praguinha mixuruca, que se resolve com uma máquina zero. Foi mal aê. Mas a próxima vai ser melhor. Amanhã de manhã cê vai com o Arão lá pra beira do Nilo esperar o Faraó. Quando ele vier tomar banho, vocês vão repetir a lenga-lenga toda de deixar o povo ir e coisa e tal. E digam que se ele não der permissão para a saída do povo, eu enviarei enxames de moscas por todo o Egito.
– Hu-hum... É me-melhor que os pi-piolhos, m-mas não mu-muito...
– Peraí, peraí, prestenção... O negócio é que dessa vez eu vou fazer diferente: A terra de Gósen, onde vivem os hebreus, ficará livre das moscas. O Faraó vai ficar doido vendo o Egito todo forrado de moscas e só a terra dos hebreus livre da praga.
– M-mas e se e-ele ch-chamar o Mi-Mister M?
– Bah, ele demitiu o Mister M depois do truque que ele não conseguiu repetir. Ao menos para isso serviu a praga dos piolhos.
E no dia seguinte, quando Faraó se dirigia ao rio para fazer suas abluções (*abluções*, me segura!), teve uma sensação de *dejá-vu* quando deu de cara com Moisés.
– Ai puta que pariu, que foi agora?
– J-J-Javé o-o-ordena que v-v-vo-você d-d-d-deixe o p-p-p-p-pppppppp-po-popo...

– ... O povo ir pra tal festa no deserto, tô sabendo. Minha resposta é não. O que cê vai fazer? Mandar uma praga de joaninhas contra a gente?
– U-u-um p-p-pouco p-pior.
– Ah, pior que joaninhas? O quê, hein?
– M-m-m-mo-mo-mo...
– Mochilas?
– N-não! M-m-mo-mo-mo...
– Moçoilas? Êba!
– NA-NA-NÃO, PA-PORRA! M-M-MO-MO-MO...
– Mortadelas? Mobiletes? Morsas? Mola... Êpa! Que barulho é esse? Um zumbido esquisito... Tá aumentando... Ih, caralho, uma mancha preta no horizonte, que é aquilo? Tá chegando mais perto. MOSCAS! PORRA! MOSCAS!
– Porra não, Faraó. Só moscas. Mas não é má idéia.
– Calaboca, Arão! ARGH! Tira esses bichos daqui! Esse zumbido é insuportável, esses bichos são imundos!
– Bom, pra nós tanto faz. A terra de Gósen está livre das moscas.
– Porra, é festa que cês querem? Podem fazer a festa aqui no Egito mesmo, pra que ir até o deserto? Cês podem fazer até um carnaval se quiserem, mas tirem essas moscas daqui!
– Não, Faraó. O negócio é no deserto, a três dias de caminhada, já dissemos.
– Tá, tá, podem ir. Beleza? Agora falem lá com o tal Javé pra ele mandar essas moscas de volta para o lugar de onde vieram.
– Muito bem, sairemos daqui e falaremos com Javé para que dê um fim as moscas. Mas antes o senhor tem que prometer que não vai nos enganar como das outras vezes.
– Prometo solenemente.
– Ok. Então vamos ali falar com Javé.
Quinze minutos depois as moscas foram embora e os dois irmãos foram até o palácio para acertar com o Faraó os detalhes para a viagem.
– Ô, F-F-Faraó. C-c-co-como vai s-ser o ne-negócio? V-v-vai ter ô-ônibus f-f-f-fretado?
– Ônibus fretado??? Pra quê?
– Pa-para no-nossa vi-viagem ao de-de-deserto.
– Que viagem ao deserto? Além de gago agora ficou doido? Ah, Moisés, some daqui, vai. Eu até me divirto com você às vezes, mas hoje eu não tô bom, beleza? Passa amanhã.
Ô Faraozinho desgraçado... O que será que deus vai ter que fazer para convencê-lo a deixar o povo ir embora?

A praga da peste

Hehehe, praga da peste é legal...

– J-J-Javé, a-acho me-melhor a g-gente de-desistir.
– DESISTIR??? Tá doido, Moisés? Eu sou é deus, tá me ouvindo? Deus!
– M-mas v-vo-você já f-fez de t-tudo pra f-f-fo-foder c-com a v-vida do F-Fa-Faraó, e e-ele n-nem a-a-assim se co-convenceu.
– Pois é, esse Faraó é cabeça dura. Só que eu ainda não dei prejuízo de verdade a ele. Mas agora ele vai ver o que é bom. Vou mandar uma peste para atacar a terra do Egito, uma doença que vai acabar com todo o gado. Agora eu quero ver esse Faraó continuar teimando...
– P-pô, vai ma-matar os p-pobres dos b-bi-bichos, q-que não t-têm na-nada c-c-c-om i-isso?
– Vou, ué. O rebanho dos hebreus vai escapar ileso, mas os egípcios vão ficar sem gado nenhum.
– T-ta-tadinhos dos a-a-animais...
– Ah, Moisés, me poupe. Já fiz coisa muito pior. Bom, é isso. Amanhã a peste vai começar a atacar os animais. Todos: ovelhas, cabras, bois, camelos, jumentos. Vai ser uma beleza, carcaças por todo lado.
– C-ca-carniceiro
– O que cê disse?
– N-na-nada.
* * *

No dia seguinte as notícias que chegavam ao Faraó eram horríveis. Animais mortos por todos

os lados. Trabalho atrasado. Prejuízos incalculáveis.
– Porra, será que é mais uma daqueles hebreus? Nem vi a fuça deles depois das moscas... Mandem alguém até Gósen para ver se os animais dos hebreus também estão morrendo.
Os mensageiros voltaram trazendo más novas: Os rebanhos dos escravos estavam saudáveis.
– Filhos da puta... Tudo bem, não há de ser nada. Não vai ser com essa que vão me convencer. Agora já é questão de honra.

A praga dos furúnculos

Dias depois, Moisés e Arão compareceram mais uma vez ao palácio para falar com o Faraó.
– Ai meu saco! Vocês de novo? Ainda não perceberam que não vão conseguir me convencer?
– F-F-F-Fa-Faaaaaaaaaaa... Fa-Faaaaaaa... Fa-Fi-Fo-Faaaaaaaa...
– ARGH! Arão, fala você. Teu irmão me dá nos nervos.
– Tudo bem. O senhor viu o que aconteceu com os animais. Continua dizendo que não vai nos deixar ir?
– O que você acha? Oras! E daí que os animais morreram? Foi um grande prejuízo, é verdade. Mas prejuízo maior seria abrir mão de toda essa mão-de-obra escrava.
– O senhor é quem sabe. Moisés!
Moisés chegou mais perto e lançou no ar um punhado de cinzas.
– Ai, porra, que é que vocês tão planejando agora? Vão transformar todo o Egito num enorme cinzeiro? Bah!
– E-E-Espere e ve-verá...
– Tô esperando. Ainda não entendi qual é a idéia. Alguma coisa do tipo "Deixa os hebreus irem, se não a gente vai sujar todo o palácio"? Que bobagem! Já disse, vocês são engraçados. Ai ai... Ai. AAAAI! Que coceira na bunda! Porra, tá sangrando. Tô com um furúnculo no rabo, era o que me faltava...
– Olha no espelho, Faraó. Também tem um furúnculo bem grande no meio da sua testa, e tá jorrando pus.
– PUTA QUE PARIU! Mas agora cês se deram mal: Eu readmiti o Mister M! Vou ligar agora mesmo, ele vai vir aqui e vai fazer esses furúnculos desaparecerem. Alô! Mister M? Vem aqui pro palácio agora, mostrar pra esses hebreus quem é o paladino de todos os mágicos do Egito... O quê?... Como não pode vir???... Eu tô mandando!... Não consegue andar?... Furúnculo?... Onde?... Ok, ok, poupe-me dos detalhes... Tá, tchau. Malditos hebreus, o que vocês fizeram dessa vez?
– A praga dos furúnculos está atacando todo o Egito, tanto as pessoas como os animais que acabaram de comprar. E assim continuará, até que o senhor deixe o povo de Israel ir ao deserto.
– Praga dos furúnculos? Isso já tá começando a parecer pegadinha do **Mução**... PORRA! Olha, meus braços estão cobertos de furúnculos! Minhas pernas! Meu peito! MINHA CABEÇA!!! QUE NOJO!!!
– Agora o senhor vai dar sua permissão para...
– NÃO! Eu sou o soberano do Egito! Não vou sucumbir só por causa disso! Sumam daqui os dois!

Praga da Saraiva

– O que é isso aí, praga da saraiva?
– Ué, cê não sabe? Cê compra um negócio lá uma vez na vida, um CD de cinco reais, e passa o resto dos seus dias recebendo e-mails diários com promoções de coisas que não te interessam.
– Não acredito!
– Pode acreditar. É uma praga!
– Porra do que é que cês tão falando???
– Chicoteia, você por aqui! Cê não falou aí em praga da Saraiva? Pois então, tô contando pra ele. Uma vez eu comprei um CD do Frank Aguiar, e além de levarem uma semana pra entregar, agora ainda tenho que agüen...

– PORRA! NÃO É NADA DISSO?
– *Não???*
– Não. Puta merda. Peraí que eu vou mudar o título...

O granizo
– *Ah, granizo... Agora sim!*
– Eu posso contar a história ou vocês vão ficar aí comentando?
– *Ô, foi mal. Manda bala*
– HUMPF!

Pois bem.
Moisés tá lá conversando com deus. Desconsolado, é óbvio.
– P-p-po-porra, Ja-Javé. N-n-num tá da-dando...
– Bah, Moisés! Cê vai ver, ainda nem comecei a brincar com esse Faraó aí. Amanhã cê vai lá falar com ele.
– M-m-mas d-de no-novo? D-da ú-última vez e-ele a-a-até botou uma va-vassoura a-atrás da po-porta pra g-g-gente ir em-embora l-lo-logo.
– Calaboca e me escuta. Cê vai lá. Com o Arão, claro. E cês vão falar pra ele que eu ainda não ataquei o Egito de verdade, porque se eu quisesse já tinha acabado com essa merda toda. Mas eu quero que eles estejam vivos para verem o meu poder. E diz também que se ele não deixar o povo de Israel sair do Egito, vou mandar uma chuva de granizo por todo o país, que vai arrasar com tudo. Então se ele quiser salvar ao menos os animais e os habitantes do Egito, é bom que mande todo mundo se recolher para fugir da chuva de pedra. Porque quem estiver do lado de fora quando chover tá na roça.
– C-claro que t-tá na ro-roça, o-oras...
– Cê entendeu, não seja impertinente. Agora vai lá falar com o cara.
E foi aquela cena que cês já conhecem: Moisés e Arão foram lá falar com o Faraó, que fez aquela cara de enfado quando os dois chegaram e ouviu impaciente as novas ameaças.
– Bah, granizo? E desde quando eu tenho medo de granizo? Sumam daqui, por Osíris. Quero um pouco de paz na minha vida.
Os dois foram embora desconsolados com mais um fracasso. Alguns funcionários do Faraó, no entanto, ouviram a conversa e resolveram avisar o povo. Sabe horóscopo? Se diz que pessoas de determinado signo não devem sair de casa naquele dia, alguns não acreditam e saem só de birra, outros acreditam e não saem, outros ainda não acreditam mas também não saem de casa, para não arriscar, vai que funciona. Pois é, a reação dos egípcios ao aviso dos dois hebreus foi nessa linha: Uns ignoraram, outros acreditaram, e outros não acreditaram mas acharam que não tinha nada de mais em se garantirem. E fizeram bem, porque veio uma chuva de granizo que acabou com tudo. As plantações se perderam, muitas pessoas e animais morreram, aquela desgraceira. E a terra de Gósen foi poupada, como um carro da Família Addams ao contrário: Chovia em todo lugar, menos sobre ela. Vendo aquilo, o Faraó achou por bem ligar pra casa de Moisés e Arão.
– A-A-Alô, q-q-quem é?
– Porra, Moisés, deixa eu falar com o Arão.
– Q-quem tá fa-falando? C-co-como sa-sabe que s-sou eu?
– É o Faraó, Moisés! E claro que eu sei que é você, porra. Tem algum outro gago aí?
– A-Ah é. Pe-peraí. A-Arão, pra vo-você. É o F-F-Fa-Faaaaaaaa... Fa-fe-Faaaaaaaaa... O F-F-F-Faaaaaaaa...
– Já peguei a extensão, Moisés, pode desligar. Diz aí, Faraó.
– Cara, o que cês aprontaram dessa vez? Esse granizo é uma desgraça! Olha, esse Javé aí é foda mesmo, admito.
– Ah, admite...
– É isso aí. Fala lá pra ele que eu estou muito arrependido de ter sacaneado os hebreus e que agora eu vi que ele é deus de verdade, com essa chuva de granizo e tal. Pede pra ele parar com a chuva que eu já entendi o recado e vou deixar o povo dele ir ao deserto.
– É mesmo?
– Claro, Arão. E dessa vez pode confiar em mim, que eu não sou doido de desafiar esse deus maluco de vocês.
– Beleza. Minutinho. *Moisés! Ô, Moisés! Fala aí pro cara parar a chuva que o mano aqui resolveu abrir as pernas... Hein? Ah, tá.*. Faraó, o Moisés precisa usar o telefone pra falar com Javé. Podemos te ligar em cinco minutos?

– Claro!
Moisés acertou tudo com deus e a chuva parou. Arão ligou imediatamente para o Faraó.
– Faaaaaaaaaaala, Faraó! Beleza? E aí, quando é que a gente pode dar a boa notícia pro povo?
– Que boa notícia? Que povo? Quem está falando?
– Como assim, quem está falando? Sou eu, Faraó! Arão!
– Arão, Arão... Não conheço nenhum Arão.
– O irmão do Moisés, Faraó. O cara que levanta a vara. Lembrou?
– Não...
– Moisés, aquele gago...
– Ah, sei! Legal. Que cê quer?
– Ué, o senhor não prometeu que ia deixar o povo ir se a chuva de pedra parasse?
– EEEEEEEEEEEEU? Tá doido? Pô, dá licença, tenho mais o que fazer.
– Mas você prometeu!
[TUM-TUM-TUM-TUM]
– E a-aí, A-Arão?
– Desligou na minha cara, o viado.
– Fi-filho da p-p-puta!
– É, filho da puta. Porra, quero ver agora o que a gente vai fazer.

A praga dos gafanhotos

Dias depois adivinhem o que Moisés e Arão fizeram? Isso mesmo! Foram ao palácio do Faraó.
– Ô, Faraó.
– Fala, Arão...
– Se liga, Javé tá dizendo que é pra você deixar o povo ir. Se você não deixar, ele vai mandar uma praga de gafanhotos pra cá, que vai devorar o que restou depois do granizo. Os bichos vão encher o palácio, as casas dos oficiais, os templos, as casas do povo. Cê que sabe. Javé tá puto.
– Ora, por que vocês não... Ué, cadê eles? Já foram? Melhor assim.
– Faraó...
– Diga, oficial.
– Deixa esses caras irem servir o deus deles no deserto. Vai ser melhor pra todo mundo. Essas pragas aí tão fodendo com o Egito, nossos animais morreram, os peixes do rio morreram, perdemos quase toda a safra desse ano. Se ainda vierem gafanhotos, aí que isso aqui vira a Argentina mesmo.
– É, acho que cê tem razão. Liga no celular do Arão, fala pra eles voltarem aqui.
Meia hora depois os dois irmãos já estavam de novo na presença do Faraó.
– Muito bem, vamos acabar com a putaria. Vou deixar vocês irem ao deserto para a tal festa do Javé. Quem vai?
– B-bom... Os jo-jo-jovens. E os v-velhos ta-também. Ah, e a-as c-c-crianças. E as mu-mulheres. Q-quem mais? A-a-acho que é s-só. A-Ah, os r-re-rebanhos t-também.
– Peraê, peraê! Que porra é essa? Vão levar as crianças, os velhos e até os bichos para uma rave no deserto? Cês tão querendo me enrolar, felasdaputa! De jeito nenhum! Podem ir, mas só os homens adultos.
– M-Mas.
– Mas é o cacete, já não disse? GUARDAS!
Moisés e Arão foram expulsos do palácio, o Faraó cada vez com mais ódio deles.
– A-Arão, me e-e-empresta o ce-celular, pra eu fa-falar com J-J-Ja-Javé.
– Putz, Moisés. Tá sem crédito.
– Ô, m-merda. V-vou a-ali l-li-ligar do o-o-orelhão. Pe-peraí.
Moisés foi e deus passou instruções a ele, que voltou para perto do irmão e estendeu a mão sobre a terra, um gesto dramático. Começou um vento muito forte vindo do oriente. Ventou durante todo o dia e noite adentro. E na manhã seguinte o vento trouxe os gafanhotos.
O negócio foi feio, viu? Os gafanhotos cobriram toda a terra do Egito, escurecendo tudo. Devoraram o que restara das plantações, acabaram com as árvores e com o junco na beira do Nilo. Invadiram as casas, foi um inferno. Faraó, claro, mandou chamar Moisés e Arão de novo.
– Puta que pariu, cês me desculpem. Não levei a sério essa história de gafanhotos. Mas agora

tô vendo do que o deus de vocês é capaz, ele é doido mesmo. Peçam pra ele sumir com esses bichos, que amanhã mesmo vocês pegam a estrada.
– T-todos n-n-nós?
– Sim! Homens, mulheres, velhos, crianças, animais, tudo! Agora vão, não dá pra conviver com esses gafanhotos!
– P-po-posso usar o te-telefone?
– Pra falar com Javé?
– É.
– Porra, essa ligação vai custar uma fortuna... Ah, foda-se. Liga aí.
Moisés comunicou a deus a decisão do Faraó e deus mandou um vento muito forte do ocidente, que arrastou os gafanhotos para o Mar Vermelho.

– Legal! E aí o Faraó deixou eles irem, né?

Que nada! Ainda faltam duas pragas...

A praga das trevas

E lá se foram Moisés, Arão e deus, de volta à prancheta.
– E a-a-agora, Ja-Javé?
– E agora Javé?/A festa acabou,/a luz apagou,/o povo sumiu,/a noite esfriou,/e agora, Javé?
– Q-que po-porra é e-essa?
– É Drummond, seu ignorante. Aliás, esse "a luz apagou" me deu uma idéia. Porra, como eu não pensei nisso antes? Essa vai ser pra arrasar de vez com o Faraó e todo o Egito. Vou escurecer o país inteiro.
– E d-d-da-daí?
– Como, e daí? Daí que vai ficar tudo escuro, os caras vão ficar apavorados.
– Ah, J-Ja-Javé, cê j-já foi m-m-me-melhor...
– Porra, Moisés, cê não bota fé em mim, né? Eu vou mandar pro Egito uma escuridão tão espessa que luz nenhuma vai conseguir atravessar. Cê vai ver. Aliás, não vai ver. Levanta aí sua mão pro céu. Vai, anda. Levanta a mão.
Moisés levantou a mão, meio a contragosto, e na mesma hora as trevas se abateram sobre o Egito. As pessoas acendiam tochas, lamparinas, lampiões, lâmpadas, faróis, holofotes, mas luz nenhuma era capaz de vencer tamanha escuridão. Ninguém saía de casa. Ora, poucos tinham coragem de sair da cama!
Na terra de Gósen, é claro, tudo permaneceu normal. Depois de três dias de absoluto breu, Arão resolveu dar uma ligada para o Faraó.
– Alô?
– Faraó?
– Ele mesmo.
– Demorou pra atender, hein?
– Claro que demorei, porra! Pensa que é fácil achar o telefone nesse escuro? Arrebentei minha canela na quina de um móvel aqui, então não me irrite. Quem tá falando?
– Arão, Faraó.
– Arão, meu amigo! Há quanto tempo, rapaz! Tudo bem aí com você e Moisés?
– Er... Sim, Faraó, tudo beleza.
– Que bom, que bom, fico feliz! Acho que vocês ainda querem ir com o povo ao deserto, não?
– Sim senhor.
– Ok, então por que não vêm até aqui pra gente discutir os detalhes da viagem?
– Olha, a gente até queria ir. Mas não vai dar pra encarar essa escuridão toda não.
– Ora, então por que vocês não pedem pro Javé acender a luz, pra vocês poderem vir aqui conversar comigo...?
– Droga. Cê é esperto, né?
– Pra caralho. Mas venham, estou ansioso pra falar com vocês.
– Tá, vou ver aqui com o Moisés. Té mais.
– Tchau.
Moisés ligou para deus e explicou a situação. As trevas se dissiparam e os dois irmãos puderam ir ao palácio.
– Olá, meus amigos, como vão vocês? Preparados para a viagem?

– Sempre!
– Que bom, porque dessa vez é sério mesmo. Podem ir, todos vocês: homens, mulheres, velhos, crianças, todo mundo. Só peço que deixem os animais aqui.
– Ih, Faraó, não vai dar. A gente precisa levar os animais também, ordens de Javé.
– Porra! Eu aqui dando minha autorização pra vocês irem, abrindo uma exceção que jamais abriria, e vocês ainda me vêem com exigências? Pois querem saber? Do Egito vocês não saem! NUNCA!
– M-M-Mas, F-F-Fa-Faaaaaaa... Fa-Fa-Fi-Fo-Faaaaaaaaaaa... Fa-Fa-Fe-Fe-Fi-Fu-Faaaaaaaaaaa...
– PÁRA! Você me irrita, Moisés! Essa sua gagueira, essa sua teimosia, essa mania de achar que é líder dos hebreus! Puta que pariu, você me irrita! Suma da minha frente, mas suma de vez. Nunca mais quero te ver. Se te vir de novo, te mato, desgraçado!
– T-Tem r-ra-razão nu-numa c-coisa. V-você n-n-n-nunca mais v-vai me v-v-ver...
Pois é, ainda não foi dessa vez. Mas reparem que essa foi a nona praga, então só falta uma. Será que deus vai conseguir inventar uma praga tão cruel que convença o Faraó a deixar o povo de Israel ir embora? Parece difícil, mas a experiência nos mostra que nunca devemos subestimar a crueldade divina.

A praga sobre os primogênitos e a instituição da Páscoa

– Aí, Moisés, pode melhorar essa cara aí, que dessa vez nós vamos botar pra quebrar.
– A-Ai... Q-qual é o p-plano a-a-agora?
– Cara, cê não tem idéia. Vai ser foda. O Faraó vai pedir penico, ah vai! Vai implorar pra vocês irem embora logo. E a partida de vocês será o maior desejo de todos os egípcios. Cês vão pedir dinheiro, jóias, tudo pra eles, e eles vão dar, só pra se verem livres de vocês logo. Putz, tô até ansioso.
– Po-porra, q-que que cê t-tá m-ma-matutando aí.
– A melhor de todas as pragas, Moisés! A melhor! E você vai agora mesmo anuciá-la ao Faraó.
* * *

O Faraó era a própria imagem da desolação, mais jogado do que sentado sobre o trono, o rosto encovado e o corpo emaciado pela fome, os olhos perdidos numa meditação profunda, ou talvez fossem só os delírios da febre. E foi nesse estado que Moisés e Arão o encontraram quando entraram no palácio.
– F-F-Fa-Faaaaaaaaa... F-F-Fa-Fe-Fi-Faaaaaaaaaaaaaaaa... Fa-Fa-Faaaaaaaaa...
– Pára. Por Osíris, pára. Deixa seu irmão falar. Por favor.
– Moisés, xacomigo. Hoje a gente vai ser curto e grosso, Faraó. Seguinte: Javé vai vir aqui embaixo pra matar geral. Todos os primogênitos morrerão.
– Todos o quê???
– Primogênitos, Faraó. Os filhos mais velhos. Cê tá mal mesmo, hein? Bom. Todos vão morrer, desde o seu filho mais velho até o primogênito do motoboy. Nem as primeiras crias dos animais vão escapar. Cês tão fodidos. Haverá no Egito um choro tão alto como nunca se viu. E ainda nem falei a parte mais legal: Com o povo de Israel nada vai acontecer, que é pra você ver de uma vez que o negócio é sério.
– É i-i-isso aí, s-seu f-f-fi-filho da p-puta! S-seus o-o-of-oficiais vão s-se a-ajoelhar na mi-minha f-f-frente, i-i-implorando pra e-eu ir e-e-e-embora e l-le-levar m-meu po-povo junto. Co-corno ma-manso!

– Caralho, Moisés, eu já não disse que não queria mais ouvir sua voz?
– Ah, n-não q-quer, é? E-então se p-p-prepara! F-filho da pu-puta!
Moisés saiu muito puto do palácio e foi falar com deus.
– T-tá da-dado o r-re-recado. E a-a-agora, Ja-Javé?
– E agora, Javé?/a festa acabou/a luz apa...
– Po-poupe-me.
– Tá, beleza. Então. Moisés, não sei se eu comentei alguma vez, mas o negócio é que eu tô meio cego. Cê sabe como é isso, ficar velho é uma merda. Mas eu vou ter que sair pelo Egito matando os filhos mais velhos de todo mundo e tal. Vai ser à noite, e não vou conseguir distingüir egípcio de hebreu mas nem a pau.
– P-porra, e-então n-nos f-f-fodemos? A-ainda b-bem que A-Arão é m-ma-mais ve-velho...
– Calma, Moisés, calma! Tava aqui pensando nisso e acho que vou dar um jeito. Assim: A partir de agora, esse mês em que estamos passará a ser o primeiro mês do calendário de vocês. Pois bem. Todo dia dez desse mês, quando todos estiverem com o salário no bolso, todo pai de família vai comprar um cordeiro. Se a família for pequena para um cordeiro, chamará a família vizinha. Atenção para o detalhe: Este cordeiro, ou cabrito, terá que ser macho, com um ano de idade, sem nenhum defeito. Vocês vão pegar o cordeiro e guardar até o dia 14, quando ele será morto. Então vocês vão comer a carne assada, acompanhada de pão sem fermento e ervas amargas. E vão dar umas pinceladas no batente da porta com o sangue do cordeiro. Tá acompanhando até aqui?
– T-tô. Q-que po-porra é e-essa? S-si-simpatia?
– Mané simpatia! Tô tentando criar um símbolo aqui, percebe? Cês vão comer tudo, raspar o prato. Se sobrar alguma coisa, será queimado. E cês vão ter que comer vestidos para viagem, e com pressa. Percebeu o símbolo aí, percebeu?
– N-não.
– Ai meu caralho... É pra simbolizar que vocês estão com pressa de ir embora, porra! Então. Isso aí é a Páscoa.
– T-tá. Mu-muito bo-bonito. Mas o q-que t-tem a v-ver c-com o ne-negócio da ma-matança?
– Arrá, aí é que entra a minha esperteza. Tutano, Moisés! Cuca! Na hora em que eu estiver passando pra matar essa gente toda, antes vou sentir o cheiro da casa. Se tiver cheiro de sangue, das duas uma: Ou eu já passei e fiz o serviço, ou é casa de hebreu e está com sangue na porta.
– P-pô. De v-vez em q-quando cê d-dá u-uma de-dentro... B-boa.
– Eu tô te falando, Moisés! Ao contrário daquele herege lá do Jesus, me chicoteia! eu tô no meio de um surto criativo. Aliás, acabo de ter uma idéia pra outra celebração. Na Páscoa vocês vão jogar fora todo o fermento que tiverem em casa. Durante uma semana vocês só vão poder comer pão sem fermento.
– P-por quê?
– Quer saber mesmo? PORQUE EU QUERO ME DIVERTIR, PORRA! Gosto

de ver vocês sofrendo. Nada pessoal. Agora vai comunicar esse negócio todo aí pros líderes do povo, que é pra todo mundo fazer direitinho. Não quero ver depois nego reclamando que o filho morreu porque não entendeu que era pra passar o sangue do cabrito na porta. Vai lá.
Moisés foi e explicou como era esse negócio de Páscoa e Festa dos Pães Asmos.
– Asnos?
– Calaboca.

* * *

Deus olhou o relógio. Meia-noite.
– Gabriel! Ô, Gabriel!
– Pois não, senhor.
– Vou sair pra balada, não sei que hora volto.
– Balada, é? Onde?
– Baladinha leve, nada que se compare ao **Dilúvio** ou à **destruição de Sodoma e Gomorra**. Só vou ali no Egito matar uns primogênitos e já volto.
– Ah, legal. Divirta-se.
– Valeu.
A história vocês já devem conhecer: Deus passou pelo Egito, entrando em todas as casas que não tivessem marcas de sangue na porta e matando os primogênitos. De madrugada o Faraó acordou assustado com um barulho. Era o som do choro de pais e mães por todo o Egito lamentando a morte de seus filhos. O soberano levantou-se e foi correndo para o quarto do filho mais velho. E ele também não fôra poupado.
Ainda sem acreditar direito que um deus pudesse ser tão cruel, o Faraó chamou seus oficiais e foram todos falar com Moisés e Arão.
– Vão embora! Sumam daqui vocês, todo esse povo, os animais, tudo! Por mim vocês podem levar até as casas, foda-se, mas desapareçam daqui. Esse deus de vocês é o pior que existe, não quero mais nem ouvir falar desse ser tão filho da puta. Vão embora, vão!
E todo o povo egípcio pressionava os hebreus para irem embora logo. No entanto, percebendo que estavam por cima da carne seca, os hebreus fizeram conforme deus falara a Moisés, e saíram pedindo as riquezas de seus vizinhos egípcios.
– Ô, véio. E aí. Sabe aquele seu **balde de gelo** todo de prata? Então, gostei dele. Quero pra mim.
– Ah, não! De jeitimaneira! Foi presente da minha falecida mãe.
– Tá bom. Então não vou embora.
– Ô merda! Toma, toma essa porcaria. Agora some daqui!
O golpe foi tão bem aplicado que os hebreus enriqueceram de uma hora pra outra, só nessa brincadeira de chantagear os egípcios. Já ricos, era hora de se prepararem para a longa viagem de volta a Canaã, voltando pelo caminho trilhado por **Jacó e seus filhos tantos séculos antes**.

A saída do Egito

– Muito bem, nossa repórter está nas imediações da estrada que sai de Gósen em direção a Sucote, no Egito. Parece que temos um congestionamento recorde por aí, é isso?
– Isso mesmo. Devido ao feriado da Páscoa, 600 mil homens hebreus estão saindo do Egito. Há ainda mulheres, crianças e muitos animais. Saíram de Gósen hoje, em direção ao norte, onde fica Sucote. Segundo informações ainda não confirmadas, de Sucote eles pretendem partir para Canaã, onde passarão a viver. Está aqui ao meu lado o líder desse movimento, Moisés. Hebreu criado na côrte egípcia, ele largou tudo para levar esperança a seu povo. Moisés, andam dizendo pora aí que não é só uma viagem para aproveitar o feriadão. Vocês disseram ao Faraó que iam a uma festa no deserto, mas há rumores de que vocês estariam na verdade partindo para Canaã, para nunca mais voltarem.

– A v-v-verdade é q-q-que o p-po-povo de I-I-IIIIIIIIIII... I-I-IIIIIIIIIIIIIIIIII...
– Arram. Deixa que eu falo, Moisés. Cê tá muito emocioando. Olá, eu sou Arão, irmão e assessor de imprensa do Moisés. Meu irmão estava dizendo que o povo de Israel não pode mais suportar a situação que vive no Egito. Nós, hebreus, habitávamos no Egito há 430 anos, primeiro como hóspedes, depois como escravos. Mas nosso deus, Javé, nos libertou, e agora estamos indo embora para não voltar mais. E, mesmo que quiséssemos voltar, os egípcios não aceitariam.
– Arão, mas não é um prejuízo muito grande para a nação egípcia a perda repentina de toda essa mão-de-obra?
– De fato, o prejuízo é incalculável. Mas muito pior seria se permanecêssemos aqui. Javé acabou com esses caras: **transformou a água em sangue**, **mandou rãs invadirem o país**, depois **piolhos**, depois **moscas**, **fez adoecerem e morrerem os animais**, encheu os egípcios de **furúnculos**, mandou do céu uma **chuva de granizo** que arrasou tudo, e ainda mandou **gafanhotos**, que acabaram com o restinho que escapara da saraiva, e depois fez com que **tudo ficasse totalmente escuro** por três dias.
– Puxa vida, esse deus de vocês aí é bem raivoso, hein? Bom, depois de tudo isso não é de se espantar que o Faraó tenha deixado vocês saírem do Egito.
– E quem disse que ele deixou? A cada praga nova que vinha ele chamava a gente, dizia que estava arrependido, que ia deixar o povo ir. Aí Moisés batia um fio pra Javé, pedia pra aliviar pro lado do Faraó. Era o que bastava: o filho da puta esquecia sua promessa e tudo permanecia igual.
– Ué, mas e aí? Como foi que vocês conseguiram convencê-lo?
– Ah, a noite passada Javé passou de casa em casa, **matando os filhos mais velhos de todo mundo**. Nem o filho do Faraó escapou.
– Arão, você quer mesmo que eu acredite nisso? Nenhum deus seria tão cruel assim.
– Pois o nosso é. E deu resultado, pode ver aí: os egípcios imploraram para que saíssemos do Egito.
– Mas ele matou os filhos de um monte de gente que não tinha nada com isso! Se ele é assim tão poderoso, por que não veio pessoalmente e tirou o povo do Egito?
– Ah, os caminhos de deus são misteriosos.
– ARGH! Vamos voltar para o estúdio. O deus desses caras me revirou o estômago

A travessia do Mar Vermelho

Lá vai aquela multidão. Seiscentos mil homens adultos, no total talvez sejam três milhões de pessoas. E mais animais, carroças, uma multidão a se perder de vista. O caminho para Canaã é curto, basta passar pela Filistia, olha ali no mapa, a seta cinza. Mas a Filistia estava em guerra, e deus achou melhor levar o povo por outro caminho. Vai que os caras vêem a guerra, ficam com medo e resolvem voltar pro Egito? Pois é. Então vão por outro caminho.
– M-Mas J-Ja-Javé, no ma-mapa n-não t-tem o-outra ro-rota!
– Eu traço outra rota, aqui ó, em vermelho, tá vendo? Além do mais, eu vou na frente, mostrando o caminho. Eu vou andando, fumando meu baseado, e vocês vão seguindo a coluna de fumaça.
– T-tá bom e-então.
E lá se foi o povo, por um caminho desconhecido no meio do deserto, guiado pela fumaça do baseado de deus durante o dia, e pela brasa à noite.
* * *

– ÔOOOOOOOOO, Moiséeeeeeeeeeeeeeeeeeeeees!

WHASSSUUUUUUUUUUUUP?
– Bo-bota a li-língua pra d-dentro, J-Ja-Javé. Co-coisa f-feia...
– Hihihi. WHASSSSUUUUUUUUUUUP??????
– Po-porra, me d-deixa d-d-d-dormir.
– Tá, tá. Hehehe. Seguinte, Moisés. Prestenção. Tá me ouvindo? Tá'scutando? Então prestenção. Ó. Hehehe. Seguinte: O Faraó se arrependeu de deixar vocês irem.
– CO-CO-CA-CO-C-COMO???
– Peraê, peraê. Calma lá, prestenção: Ele tá planejando vir atrás de vocês. Mas cês vão fazer assim, ó. Se liga. Ó como cês vão fazer: Cês vão acampar perto de Pi-Hairote, entre a cidade de Migdol e o Mar Vermelho. Aí, olha só. O Faraó. O Faraó, aquele, tá ligado? Então. Ele vai pensar que cês tão perdidos. E aí... E aí... E aí...
– E a-a-aí...?
– Hum. Esqueci. Mas tá tudo lá no computador. Amanhã a gente vê isso, que agora eu num tô bãaaaaaaaao Num tô meeeeeeeeeesmo. UUUUUUUUUUUH!!!! Tchau.
* * *

E não é que deus, apesar de bem louco, estava certo? O Faraó acordou muito puto no meio da noite.
– PORRA! Que foi que eu fiz??? Deixar esse povo todo ir embora, caralho??? ONDE É QUE EU ESTAVA COM A CABEÇA.
Começou a ligar para seus oficiais, que vieram correndo para o palácio. Traçaram um plano de batalha madrugada adentro, e começaram a convocar soldados e preparar carros e cavalos para a perseguição aos hebreus.
– Faraó, uma boa notícia! Eles estão acampados em Pi-Hairote. Se viermos por trás... Hehehe... "Se viermos por trás". HAHAHAHA. Ha. Hum. Arram. Então, o fato é que eles ficarão encurralados contra o Mar Vermelho. Não têm a mínima chance.
– Ah, mas que beleza... Então preparem tudo, que no fim da tarde nós começamos a marcha para o deserto. Hebreu que não quiser voltar para trabalhar, será morto sem dó. Entendido?
– Quem, eu? Eu não, Faraó, tá me estranhando? Tenho mulher, até amante eu tenho, sou macho...
– Ai meu saco. Perguntei se você entendeu, comandante.
– Ah, sim. Claro. Entendi tudo. Perfeitamente.
– Ótimo.
Estavam os israelitas acampados, já anoitecia e todos se preparavam para dormir quando ouviram um rumor vindo do oeste. Alguns foram ver do que se tratava e voltaram com as piores notícias possíveis.
– Fodeu! É o exército do Faraó! O filho da puta tá vindo atrás da gente!
Desesperado, o povo reclamava com Moisés:
– MOISÉS! Ô, Moisés! Os cemitérios do Egito estavam lotados, por isso você trouxe a gente pra cá, pra morrer no deserto? PORRA! A gente

cansou de dizer que não queria sair do Egito. Lá nós tínhamos nossa vidinha sossegada. Mas não! Você e seu irmão vieram com esse papo de Javé, de Terra Prometida, o caralho a quatro! E agora, Moisés? E AGORA???
– Ca-calma, p-p-pe-pessoal! Ja-Javé v-v-vai d-dar um j-j-jeito!
– Que jeito??? Todo o exército egípcio está vindo de um lado, e do outro lado temos o mar. O que é que Javé vai fazer?
– O-oras! Ja-Javé v-vai... Va-vai... Ele v-v-v-vai... Pe-peraí um i-in-instantinho. – Pegou o celular e ligou pra Javé – Ô. Q-que cê va-vai fa-fazer m-m-mesmo?
– Ué, porque cê pergunta pra mim? Manda o povo andar na direção do mar.
– T-TÁ M-M-MA-MALUCO???
– Confia em mim, Moisés. Eu sou é deus! Levanta a sua vara em direção ao mar, e dê ordens ao povo para marchar naquela direção.
– M-Mas e a-aí??? Os e-e-egípcios t-tão ch-chegando!
– Ah, dá-se um jeito. Prestenção.
Deus então puxou uma tragada que queimou o baseado até o dedo, prendeu por um tempo e depois soltou a fumaça na direção de onde estavam os soldados egípcios. Ficou tudo escuro por lá e eles ficaram desnorteados.
– É agora, Moisés. Manda o povo marchar, que eles vão ver a melhor mágica de todos.
Moisés deu a ordem. O povo não queria, mas iam fazer o quê? O tal de Javé era maluco, capaz de aprontar mais uma.
E aprontou mesmo: De repente as águas começaram a se agitar sem razão aparente. Alguma coisa estava acontecendo, aquele movimento da água do mar não era normal. Alguma coisa começou a surgir. Uma estrutura. O que era aquilo?
Uma... Uma ponte?
– U-Uma po-ponte, J-Ja-Javé?
– "Uma ponte" não! Essa aí é a Ponte Rio-Niterói. Nessa época de seca esse trecho do Mar Vermelho tem só dez quilômetros de largura, dá e sobra pra vocês passarem por cima da ponte.
– Pu-puxa... Eu e-e-esperava que v-você f-f-fosse di-dividir o m-mar no me-meio?
– Acho que cê assistiu muito filme do Cecil B. DeMille. Não reclama, eu trouxe essa ponte de muito longe, no tempo e no espaço. Agora bota esse povo pra correr, que o fumacê não vai durar muito.
Dessa maneira o povo de Israel atravessou o mar. O exército egípcio veio atrás, mas quando estavam no meio da ponte, os hebreus já estavam a salvo do outro lado. Então deus levou a ponte de volta para o Rio de Janeiro e os soldados morreram afogados no Mar Vermelho.
* * *

– Governadora! Governadora! Acorda, governadora!

– Ô, mas que diabo! Não se pode dormir em paz. Que foi, metralharam a prefeitura de novo?
– Não senhora. Muito pior.
– Pior? O que foi? Desembucha!
– A ponte Rio-Niterói sumiu.
– A pon... Ah, vai à merda! Que brincadeira é essa? É coisa do Gugu, vieram me acordar? Cadê o Rodolfo e o ET?
– É serio, governadora. Vamos lá, a senhora vai poder conferir.
Pegaram o carro e em alguns minutos chegaram. A ponte estava lá, como sempre.
– Ah, pelamordedeus. Nem sei porque me dei ao trabalho de vir até aqui.
– Mas... Mas... A ponte tinha sumido, juro!
– Rapaz, você é muito bom assessor e tudo mais. Mas precisa parar com o que quer que esteja tomando. Tá afetando seriamente a sua cabeça.
– Mas... Mas...
– Mas nada. Me leva de volta pra casa, que eu quero ver se volto a dormir e continuo a sonhar com a queda do palanque do Garotinho. Ô, cena linda...

Moisés dá um tempo para fazer um som

– E aí, galera! Mais um Super Nova na sua telinha. E nossa repórter está no show de Moisés e seus irmãos às margens do Mar Vermelho. Uma grande multidão está lá para comemorar a saída do Egito. MC Moisés, o ídolo do funk israelita, e seus irmãos, o DJ Arão e Miriã, a Cachorrona Chapa-Quente, estão fazendo um megaconcerto de celebração. Nossa repórter está lá. Diz aí!
– Pois é, isso aqui está uma loucura! Milhões de pessoas se acotovelam para ver o Moisés. Tem gente desmaiando, coisa de maluco. E olha lá, ele acaba de subir ao palco. Vamos ouvir

<u>Moisés</u>
Eu vou falar para vocês
Como foi a travessia
Se não fosse por Javé
Todo mundo se fodia.

Os soldados perseguindo
A galera de Israel
Se não fosse por Javé
Ia tudo pro beleléu.

Mas a gente atravessou
Esse mar, que curtição
E o tal do Faraó
Já tomou no popozão.

ENTÃO VEM FARAÓ,
PEGA NA MINHA E BALANÇA
E AGORA MIRIÃ
VAI FAZER A SUA DANÇA.

<u>Miriã</u>
Oh, Faraóoooooooo

Oh, Faraóoooooooo
Se fodeu tão direitinho
Que eu até fiquei com dó

[APLAUSOS ENSURDECEDORES]

Moisés – P-por hoje é s-só, pe-pessoal!

– É isso aí, mais uma demonstração de música estritamente comercial e sem qualidade alguma. Voltamos pro estúdio!

A água amarga torna-se doce

Fim de festa, todo mundo bêbado, os hebreus começaram a se recolher a suas tendas. Alguns dormiram mesmo por ali, ao relento. E pode-se imaginar a cena no dia seguinte: Centenas de milhares de homens e mulheres acordando de ressaca. Não havia água potável por perto, então começaram a andar. Depois de algum tempo de marcha, chegaram a um lugar chamado Mara. Moisés foi beber a água e saiu cuspindo.
– Á-Água r-ruim da po-porra!
– Claro que é ruim, Moisés. Cê não viu que o nome do lugar é Mara?
– Vi. E d-daí?
– Ai meu ovo... E daí que "mara" significa "amarga". O lugar recebeu esse nome justamente por causa de suas fontes de água amarga. Mas você, hein? Criado na côrte, tudo do bom e do melhor, e não aprendeu porra nenhuma nas aulas de Geografia.
– N-não e-e-enche o sa-saco, A-Arão. S-Só q-quero sa-saber como eu v-vou d-dar de be-beber a e-esse p-povo to-todo. Vou fa-falar com J-J-Ja-Javé.
Moisés explicou a situação para deus, que fez aquela cara de "deixa comigo".
– Essa é fácil, Moisés. Seguinte: Pega aquela árvore ali e joga ela na água.
– C-como é q-que é???
– Cê entendeu, porra. Joga a árvore na água.
– EU T-TENHO O-O-OITENTA A-ANOS DE I-I-I-IDADE, PO-PORRA!
– Escuta aqui, Moisés. Eu não faço mágica de graça. Em troca eu quero me divertir um pouco, ao menos. E vai ser engraçado pra caralho ver você arrastando a árvore. Vai lá.
Moisés foi, se escangalhou todo pra arrastar a árvore, quase ficou de saco rendido, mas no fim das contas conseguiu jogar a desgraçada na água. E, vejam só que coisa, a água ficou doce! Todos puderam matar a sede, e retomaram o caminho.
Bah, queria ver se o Padre Quevedo ou o **James Randi** já existissem naquela época, se esses caras iam fazer milagres assim, na maior. E, também, nem foi grande coisa, porque eles continuaram a andar e logo chegaram a um lugar chamado Elim, onde tinha água a dar com o pau e um monte de palmeiras, e passaram a noite lá.

O Maná

O povo de Israel saiu de Elim em direção ao deserto de Sim...

– Não!
– Calaboca.

Eu ia dizendo que eles foram para o deserto de Sim, que fica a meio caminho entre Elim e o monte Sinai. Falando assim parece tudo muito rápido, mas já fazia dois meses e meio que os hebreus tinham saído do Egito. E no meio do deserto, o povo começou a reclamar:
– Caralho, Moisés! Não tem nada pra comer nesse lugar, cê tirou a gente do Egito pra morrer de fome no deserto? Melhor era lá, que tinha carne e pão todo dia. Puta que pariu!
Moisés – que era uma espécie de gerente, espremido entre as lamúrias dos subordinados e as ordens do diretor – foi falar com deus sobre a falta de comida que, de fato, estava difícil de suportar.

– Ué, o povo não tem pão?
– N-não.
– Então que comam brioches. HAHAHAHAHA. Não, sério. Hum. Já sei. Vou fazer chover comida pra esse povo parar de encher o saco.
– Co-conta outra...
– Porra, Moisés, num fode. Cê já viu eu fazer coisa mais difícil, isso aí vai ser moleza. E digo mais: Hoje à tarde cês vão comer carne. Espera só pra ver.
E não é que era verdade? À tarde um bando de codornas, vindo sabe-se lá de onde, invadiu o acampamento. Foi uma festa: Codorna assada, codorna frita, codorna cozida, guisado de codorna, strognoff de codorna, ovos de codorna para Moisés e Arão, uma maravilha. E durante a noite inteira caiu um orvalho do céu. De manhã, quando o orvalho evaporou, ficou na terra uma coisa fina, parecendo escamas. Quando os hebreus acordaram e viram tudo coberto por aquele negócio, começaram a se perguntar:
– QUE PORRA É ESSA, CARALHO?
– Esse – respondeu Arão, porque é um saco ficar escrevendo as falas de Moisés – é o pão que deus mandou do céu para matar a fome de vocês. Ontem foram as codornas, e a partir de hoje todos os dias teremos esse pão aí. Podem provar, tem um gostinho de pão de mel, é bom. A ordem de Javé é que vocês colham todos os dias um ômer por cabeça...

– Homer? Cabeça? HAHAHAHA!
– Calaboca, porra. O ômer era uma medida de volume, correspondia a 3,5 litros.
– Ô, Chicoteia. Posso continuar com esta merda?
– Desculpa aí, Arão. Vai na fé.

– Como eu ia dizendo, antes de ser rudemente interrompido, cês vão colher um ômer por cabeça, nem mais nem menos. E às sextas feiras vocês colherão porção dobrada, para não trabalharem no sábado. Parece que Javé tá com um projeto aí de dar folga pra todo mundo no sábado, acho que tem a ver com as Leis do Trabalho, o Velho tá com medo de levar uma multa, essas coisas.
Então o povo saiu colhendo aquele negócio, de acordo com as ordens de Arão. Enquanto colhiam, Moisés lembrou de uma coisa:
– A-atençao. V-vo-vocês n-não devem d-deixar n-nada p-pro d-dia s-se-seguinte!
Mas o povo não era besta, vai que era só naquele dia, e depois voltavam à miséria de antes, então muitos estocaram bem mais do que precisavam. Mas na manhã seguinte, o que tinham armazenado estava fedorento e bichado. E Moisés ficou muito puto.
– P-porra, eu n-não a-a-avisei? Co-confiem em m-m-mim, v-vai t-ter to-todo dia, não p-precisam g-guardar pro d-dia se-seguinte.
– A não ser na sexta-feira – complementou Arão, – quando vocês irão colher o dobro dos outros dias. O que sobrar da sexta vocês podem guardar para o sábado, porque o de sexta deus manda já pasteurizado e não vai estragar de um dia pro outro.
E assim fizeram. No sábado alguns ainda saíram para ver se tinha mais no campo, mas nada. Javé, que estava cheio de idéias para criar uma religião organizada, e com ela seus rituais, ordenou a Moisés que guardasse um ômer do pão caído do céu, para que servisse de lembrança às gerações futuras.
Legal, né? Pão chovendo do céu todo dia, era só sair e colher, que beleza! Mas agora imaginem comer só isso durante quarenta anos. Imaginaram? Pois foi o que aconteceu aos hebreus: Durante todo o tempo em que ficaram no deserto, só comeram maná.
Ah, por que maná? Maná, em hebraico, quer dizer "Que porra é essa?".

Água sai da rocha

Muito bem, o povo enchia o cu de maná todo dia, e mesmo assim não perdia a mania de reclamar. Saindo de Sim, andaram de um canto para outro, segundo as orientações de deus (que fazia os caras andarem em círculos e em ziquezague, só pra sacanear) e acabaram chegando a um lugar chamado Refidim. Lugarzinho mixuruca sem-vergonha, onde nem água tinha. E lá foram os israelitas reclamar com Moisés:
– Moisés, cadê a água? Queremos água!
– P-porra, c-cês são ch-chatos pra c-ca-caralho...

Mesma ladainha de sempre: Ah, cê tirou a gente do Egito pra morrer de sede no deserto, isso não se faz, você é um feladaputa e blá-blá-blá. De saco cheio, Moisés foi falar com deus:
– Ô J-Javé, dá u-um je-jeito a-aí. M-mais um po-pouco e e-esse p-povo me c-ca-capa.
– Hum. Povinho bunda esse aí, hein? Acho que vamos precisar de uma pequena encenação. Faz o seguinte: Pega uns três ou quatro líderes do povo e suba com eles naquela rocha, no monte Sinai. Não esquece de levar a vara. Levar a vara. Hehehe...
– P-porra, Ja-Javé!
– Ah, desculpa aí. Então, chegando lá cê vai bater na rocha, e dela sairá água pra esse povo.
Moisés escolheu os manda-chuvas mais influentes e levou-os para o alto da pedra. De lá fizeram um puta discurso para o povo, aquela coisa toda. No final, Moisés bateu na rocha, a água começou a jorrar e todos puderam matar a sede. E a partir daquele dia o povo passou a chamar o lugar de *Massá* ("provocação")e *Meribá* ("reclamação").

Guerra contra os amalequitas

Hum. Onde é que estávamos mesmo? Ah, **água saindo da rocha**, aquela palhaçada toda. Pois bem. Os israelitas ainda estavam ali em Refidim quando os amalequitas vieram atacá-los. Sabe como é, um bando de gente andando sem rumo pelo deserto é um alvo fácil. Vieram, atacaram, aquela zona. Então Moisés chamou Josué, um cara ainda jovem mas que tinha a manha de estratégias de guerra. Guardem esse nome, ainda vamos falar muito dele. Pois Moisés chamou Josué:
– J-Jo-Josué, v-você vai e-e-escolher os ho-homens p-para lu-lutar c-contra os a-a-a-aaaaaaamalequitas. Du-durante a b-batalha, eu v-vou fi-ficar em c-cima do m-monte, c-com a va-vara de J-Ja-Javé na m-mão.
– HAHAHA! Qualé, Môsa? Vai ficar segurando a vara do cara em cima do monte? Seu velho pederasta sem-vergonha!
– J-já fa-falei pra v-você n-não m-me ch-chamar de M-Môsa, po-porra! M-mais re-respeito. E p-pederasta é t-teu p-pai.
– Calma, Môsa! Olha o coração! Se você quer subir no monte pra ficar segurando a vara de Javé, ninguém tem nada com isso. Vai fundo. Enquanto isso, vou recrutar uns caras pra gente dar uma surra nesses amalequitas.
E assim fizeram: Josué montou um exército em tempo recorde para a batalha, e saíram ao encontro dos amalequitas. Enquanto isso, Moisés, Arão e Hur subiram ao monte Sinai. Mas quem é esse tal de Hur? SEI LÁ! Apareceu de repente, devia ser algum puxa-saco de Moisés. Só sei que eles subiram lá e começou o pega-pra-capar no campo de batalha. E logo tanto israelitas quanto amalequitas notaram uma coisa estranha: Quando Moisés estava com a vara erguida (hehehe), o povo de Israel se dava bem. Se ele abaixava a vara, os amalequitas começavam a levar a melhor. Ele bem que queria manter a vara erguida o tempo todo, mas já estava bem velho, o mero fato de conseguir erguê-la já era um milagre. Então Abraão e Hur (quem é esse cara???) sentaram Moisés numa pedra e ficaram um de cada lado, segurando seus braços. Desse modo a vara ficou erguida até o pôr-do-sol, e Israel venceu os amalequitas.
Finda a batalha, deus veio falar com Moisés.
– Aê, Moisés! Boa essa! Gostei da sua empunhadura na minha vara, coisa de profissional.
– N-num sa-sacaneia, J-Javé.
– Hehehe... E esse moleque aí, Josué, cabra bom, tem futuro. Diz pra ele que eu vou destruir os amalequitas, varrer seus rabos gordos do mapa.
(essa dos rabos gordos é pro Risadinha)

Jetro visita Moisés

– Moisés! Ô, Moisés! Lembra da Zípora?
– Z-Zípora? N-não...
– Sua mulher, porra!

– M-mu-mu-mulher???
– É, Moisés. Mulher. **Cê é casado**, esqueceu?
– P-puta q-que pariu! P-por que c-cê f-foi l-lembrar da-daquela me-megera a-a-aaaaaaagora, A-AAArão?
– Calma, calma.. Cê fica nervoso e a gagueira piora. Lembrei dela por acaso. Tava pensando nos bons tempos da nossa juventude e tal, e lembrei do seu casamento. Ah, aí aconteceu um negócio engraçado: Seu sogro, o Jetro, veio até aqui porque ficou sabendo de tudo o que aconteceu no Egito, as pragas, o episódio do Mar Vermelho e tudo mais. Tá aí fora, com sua esposa e seus filhos.
– A-A-A-AAAAAAAARGH! Ô! P-Peraí. F-fi-filhos? Só l-lembro do G-Gérson.
– Quando cê saiu de casa, Zípora estava grávida. O moleque nasceu, chama-se Eliezer, que significa *deus ajuda*.
– E-eu sei o q-que si-significa, A-A-AArão.
– Ah, é. Bom. Mas é isso. O Jetro tá aí, veio te devolver sua mulher. Olhe pelo lado bom, Moisés: Seus filhos são adultos, podem cuidar de você na velhice.
– V-vai à m-merda. Bom, v-vamos a-aacabar lo-logo com i-isso.
Assim dizendo, Moisés saiu ao encontro de Jetro. Cumprimentou-o na maior alegria, como se sua chegada fosse a melhor notícia em anos. Convidou-o a entrar na tenda e resolveu sacanear o sogro: Começou a contar tudo o que acontecera desde que voltara ao Egito. E Jetro naquela situação: Querendo fugir para qualquer lugar, qualquer um, só para não ter que passar pela tortura de ouvir uma história comprida contada por um gago; mas tendo que ser cordial, ou Moisés seria capaz de mandar Zípora e os filhos de volta com ele. Então agüentou firme. Até deu umas cochiladas aqui e ali, mas Moisés não notou, tão empolgado estava com a narrativa de seus feitos.
– ... E f-foi a-a-assim q-que de-derrotamos os a-a-aaaaamalequitas. C-com a va-vara de J-Javé e-erguida. Je-Jetro, cê t-tá me o-ouvindo?
– Hum? Ah. Claro, claro! A vara de Javé. Grande vara de Javé. Não há vara maior nesse mundo. U-hu. Viva Javé.
* * *

No dia seguinte, Moisés se sentou numa pedra pra julgar o povo, aquela gente toda em pé esperando a vez. Vendo aquilo, Jetro ficou encucado e foi perguntar a Arão do que se tratava. Bom, na verdade ele foi perguntar a Moisés. Mas vocês querem mais um diálogo de Jetro com Moisés, com aquela gagueira irritante? Não, né? Então não reclamem se troco ele por Arão. Dá na mesma. Bom. Jetro perguntou a Arão que porra era aquela, e Arão respondeu:
– Ah, Moisés faz isso aí uma vez por semana. Quando há discussões, questões de propriedade, essas coisas todas, o povo vem aqui para que Moisés consulte deus a respeito e decida quem está com a razão.
– Porra, mas que lusíada esse Moisés! Não vê que assim ele se acaba, e o povo também? Ele porque já está velho e não pode passar por esse perrengue toda semana, o povo por ficar em pé embaixo desse sol do deserto. Não, esse trabalho é muito pesado! Ele tem que aliviar isso aí para poder cuidar de outras coisas mais importantes.
– Tá, mas **de que jeito?**
– Te digo de que jeito: Fala pra ele escolher uns líderes do povo. Líderes de grupos de dez pessoas, de cinqüenta, de cem e de mil. Ele ensina as leis pra esses caras. Então quando dois caras brigarem, irão até o líder do grupo de dez pessoas dos quais eles fazem parte. Se o cara não resolver, a questão sobe um degrau na hierarquia, para o líder de cinqüenta. E assim por diante, de modo que só causas mais graves

cheguem a Moisés.
– Porra, Jetro, que idéia bestial! Vou levá-la agora mesmo ao conhecimento de Moisés.
Moisés ouviu a idéia, gostou e tratou logo de pô-la (pôla!) em prática. E viu que, de fato, sua vida ficou bem mais sossegada. Jetro, feliz por ser o criador do primeiro Tribunal de Pequenas Causas, voltou para sua terra. E, para desespero de Moisés, não levou a filha junto.

Os israelitas ao pé do monte Sinai

Três meses depois da saída do Egito, os hebreus chegaram ao deserto do Sinai. Três meses andando de lá pra cá e nada de Terra Prometida. Moisés e Arão lideravam um povo impaciente. Vendo aquilo, deus resolveu interferir ligando para Moisés.
– Moisés, tenho duas coisas pra te falar.
– D-diz a-aí.
– Primeira: Muda o toque dessa porra de celular, que "I will survive" te compromete...
– T-tá b-bom.
– Segunda: Sobe o monte Sinai que eu vou te econtrar lá. Precisamos conversar a respeito desse povinho bunda aí.
Moisés mudou o toque do celular para o *Nokia tune*. Depois disso, pegou uns suprimentos e subiu o monte para falar com deus.
– Moisés, negócio seguinte: Cê vai falar praquele povo que eles viram muito bem o que eu fiz por eles. As pragas, a travessia do Mar Vermelho, a água saindo da rocha, o maná, as codornas, o...
– P-peraí. C-cê não v-vai co-colocar os li-links?
– Nah, mó preguiça... Mas eu dizia: Eles viram a presepada toda. Então. Se eles forem bonzinhos e me obedecerem, serão o meu povo escolhido.
– U-ué. M-mas vo-você já n-não é d-dono de to-todas as co-coisas?
– Hum. Er... Sou, claro que sou, sou! Eu sou é deus, não sou? SOU! Então. Mas Israel vai ser o meu povo, entende? O predileto do papai aqui, o protegido, o que vai ganhar os melhores presentes, o que vai fazer natação e judô, o que vai estudar em escola particular, o que vai...
– T-tá, já e-eeeentendi.
– Certo. Então eu vou conceder uma coletiva para os israelitas depois de amanhã, aqui mesmo no Sinai.
– L-legal! Pe-perguntas p-por e-escrito?
– Que perguntas? Não vai ter pergunta nenhuma não! Eu falo, vocês escutam. Perguntas! Era o que me faltava...
– U-ué, p-por que n-não?
– Porque sempre vai ter um babaca pra fazer aquelas perguntas de sempre: "Se deus é tão bom, porque existe tanta maldade no mundo?". Ou: "Por que nascem tantas crianças defeituosas?". Ou então: "Se é pra ser feita a vontade de deus de qualquer forma, de que adianta rezar". Ou ainda: "Deus, nesse calor do deserto até elefante na bunda sua?", "E quando o Nilo seca, crocodilo no seco anda?", "No meio do deserto não seria bom para o senhor uma chuvinha em cima?", ARGH! Fico puto com essas perguntinhas, sempre as mesmas. Portanto vai ser assim: Eu vou falar, falar, falar. Vocês vão escutar, escutar, escutar. E aplaudir no final. Beleza?
– B-beleza.
– Ah, Moisés, só mais uma coisinha: Esse povo tá aí vagando pelo deserto há três meses, sem tomar banho direito. Às vezes lá de cima eu sinto a catinga. Fala pra eles tomarem banho e lavarem as roupas antes da entrevista. Ah, e pra garantir, eles só vão poder ficar ali no sopé. Quem encostar no monte será condenado à morte.
– Q-que e-exagero!
– Exagero porra nenhuma! Sou um deus limpinho, não suporto gente suja e maltrapilha. Agora vai e prepara tudo. Avisa pra eles só chegarem perto quando ouvirem meu saxofone.
– S-sa-saxofone?

– É, tô fazendo aula, mó barato. Cê vai ver. Por enquanto, vai lá e avisa os caras.
Moisés desceu o monte e tratou logo de mandar um e-mail para israelitas@exodo.org avisando sobre a entrevista coletiva e os preparativos necessários.
Dois dias depois, uma nuvem escura desceu sobre o Sinai. Trovões, relâmpagos. De repente, um som de saxofone muito mal tocado saiu de dentro da nuvem. Uma coisa remotamente parecida com Kenny G, que já é suficientemente ruim quando bem tocado. Todos os israelitas ficaram com medo de chegar perto do monte e ficarem surdos. Mas Moisés tanto insistiu que eles acabaram se aproximando. O Sinai estava soltando fumaça e o som do saxofone ficava cada vez mais alto e distorcido. Querendo acabar logo com aquela tortura, Moisés ligou para deus:
– J-J-Ja-Javé, e-estamos aqui n-no pé d-do mo-monte. P-pode pa-parar de t-tocar.
– Ôpa, legal. Sobe aqui Moisés. Só você, hein? Se mais alguém subir, morre.
Moisés começou a subir o monte. Oitenta anos de idade, aquela subida escarpada, chegou lá em cima com a língua pra fora.
– Já chegou Moisés? Legal. Agora desce lá e chama o Arão, que eu quero falar com ele também.
– N-não p-preciso de-descer. Eu l-ligo p-pra ele...
– Não! Eu quero que você desça e chame o cara.
– M-mas p-por quê???
– Porque eu me divirto com isso, Moisés. Vai lá.
"Filho da puta", pensou Moisés, e começou a descer novamente.
– Moisés?
– F-fala.
– Ouvi o que você pensou. Melhor não abusar, viu?
– B-bah!
Quando Moisés já estava lá embaixo procurando Arão, deus falou com o povo. O que ele disse? Ah, um negócio tão legal que merece um capítulo próprio. Fica pra depois.

Os Dez Mandamentos

– Ah não! Esse filme é muito comprido... Não dá pra passar Men In Black II*?*
– Vai à merda, porra.

ARGH! Onde é que eu estava? Ah, aquela putaria toda no monte Sinai. Pois muito bem. Deus começou a falar para Moisés, Arão e todo o povo lá embaixo:
– Seguinte, cambada de filhos da puta! Eu sou é deus, tão me ouvindo? DEUS! Eu que tirei vocês lá do Egito, não fosse por mim estariam todos se fodendo na mão do Faraó.
– É, e agora estamos nos fodendo na mão de um deus que nem mostra a cara...
– Alguém aí disse alguma coisa???
– ...
– HUMPF! Preciso falar umas coisinhas pra vocês. Prestem atenção, seus porras. Vou falar bem alto pra vocês não perderem nada.
Primeiro: Vocês não podem ter outros deuses. O único deus aqui nessa porra sou eu. Tão me ouvindo? Só eu, mais nada! Se vierem com papinho de outros deuses, vocês se fodem.
Segundo: Vocês estão proibidos de fazer estátuas ou outros tipos de imagem para adorarem. Porque eu sou ciumento e vingativo, e se alguém começar a adorar imagens, eu castigo o cara, os filhos, os netos, os bisnetos. Isso é sério! Se não levarem a sério, vocês se fodem.
Terceiro: Não fiquem falando meu nome à toa. Esse negócio de "Graças a Javé" pra lá, "Javé te abençoe" pra cá, "Vai com Javé", "Javé ajuda quem Seu Madruga", puta merda, fico puto com isso. Muito cuidado, se não eu fodo com a vida de vocês.

Quarto: O sábado vai ser um dia sagrado pra vocês, porque eu fiz tudo em seis dias e descansei no sábado. Então sábado vai ser dia de descanso. Aproveitem essa folga.
Quinto: Cês têm que respeitar os pais de vocês. Se vocês fizerem isso, vão viver mais. Se não, vocês se fodem.
Sexto: Acho que eu nem precisava dizer isso, mas vocês são burros, então é bom deixar bem claro que matar é pecado. Não matem ninguém. Ou vocês se fodem.
Sétimo: É proibido comer a mulher dos outros. E todas as outras combinações. Adultério, nem pensar. Ou vocês se fodem.
Oitavo: Nada de roubar também. Adivinhem o que vai acontecer com quem roubar? Muito bem, isso mesmo: Vai se foder.
Nono: Não tem coisa pior do que fazer calúnia contra os outros. Quem começar com calúnias, se fode.
Décimo: Inveja, olho gordo, não quero ver nada disso por aqui. Quem ficar cobiçando a mulher dos outros, ou a casa, ou os animais, ou os escravos, ah!, tá fodido

– É isso aí. Não reclamem, até que é uma lei bem justa. Eu queria fazer um negócio mais legal, tipo proibir o álcool e a maconha, essas coisas, então não reclamem. Mas e aí, entenderam tudo?
– ...
– Porra, cadê o povo?
– T-todo m-m-mundo s-saiu co-correndo, J-J-Javé. E-eles estão c-com m-medo de v-vo-você.
– Bah, povo bunda! Medo do quê, oras? Sou um cara legal. Bom, xapralá. Moisés, chega aí que eu preciso falar mais umas coisinhas com você.
– Ó, merda...
E lá foi Moisés subir o monte outra vez, na direção das densas trevas onde deus estava. Quando chegou lá, deus começou a falar. Falou. Falou. Falou pra caralho. Falou tanto que não cabe aqui. Depois eu conto.

Deus começa a passar as leis para Moisés

– Moisés, cadê você?
– T-tô a-aqui.
– Ôpa. Seguinte, puxa uma cadeira, que a conversa vai ser longa. Tenho que te passar umas leis aí.
– L-leis? M-mas já n-não ba-bastam os D-Dez M-M-MMandamentos?
– Claro que não! Esse monte de gente aí não se governa com só dez mandamentos não, Moisés. Tem que ter leis detalhadas, penas severas e bem definidas, tabus. Tem que botar medo nesse povo, muito medo. Ah, você aprende. Tá pronto pra ouvir?
– D-diz aí.
– Pois muito bem, vamos começar pelas leis a respeito dos escravos...
– E-escravos? Q-que e-escravos?

– Os escravos de vocês, oras. Lerê-lerê-Lerelereleiê, aquele negócio. Ô, mas cê tá burro hoje, hein?
– M-mas n-não é um pa-paradoxo a g-gente ter e-escravos? F-fomos e-escravos no E-Egito p-por ta-tanto tempo...
– Ah, Moisés, você não sabe de nada. A escravidão é necessária para o bom funcionamento de qualquer sociedade, entende? Mesmo em sociedades ditas livres, a escravidão existe. Percebe a sutileza da coisa? Oquêi, vamos em frente. Escravos, escravos... Olha só, por exemplo: Se um cara compra um escravo hebreu, esse escravo vai servir por seis anos, mas deverá ser libertado no sétimo.
– Q-quanta b-bondade...
– Como disse?
– N-nada.
– Hum. Então, o cara será livre depois de sete anos. Se entrou sozinho, sai sozinho; se entrou com a mulher, sai com a mulher. Agora, se entrou sozinho e o dono dele arrumou uma mulher pra ele, e tiveram filhos; quando ele for liberto se fode: Tem que deixar a mulher e os barrigudim na casa do dono. A não ser que o escravo diga que quer ficar com a mulher e os filhos: Nesse caso, o proprietário o levará na presença dos juízes, furará sua orelha com uma sovela, e ele será escravo pra sempre.
– Q-que s-sorte, não?
– Cê falou alguma coisa?
– E-eu? E-eu não...
– Tá. Então. Aí suponha que um cara venda a filha dele como escrava; ela não vai ter esse direito aí de ser libertada no sétimo ano.
– P-por quê?
– Ora, por quê... Porque sim, Moisés. Porque eu quero, e eu sou é deus. Oras. Então. Mas se o senhor dela não se agradar da menina, deverá permitir que ela seja resgatada pela família. É proibido vendê-la a algum povo estrangeiro. Só que tem o seguinte: Se o senhor resolver casá-la com um filho, deverá reconhecer seus direitos de filha. E se depois ele casar o filho com outra mulher, não poderá diminuir o mantimento da primeira, nem as roupas, nem os direitos conjugais. Se assim não fizer, ela sairá de graça. Hum. É, quanto aos escravos acho que é isso. Aí tem toda a parte pra quando uma pessoa matar a outra.
– M-mas p-precisa i-isso? C-cê já n-não fa-falou nos D-Dez M-Mandamentos que q-quem ma-matar se fo-fode?
– Falei, Moisés, falei. Mas não é tão simples assim. Veja só: Se um cara matar outro, pena de morte pra ele. Mas se não foi na deslealdade, se eu que tiver feito o cara cair nas mãos dele, então ele deverá fugir para um lugar que eu vou determinar depois. Aliás, deixa eu marcar isso no Palm pra não esquecer... Pronto. Que mais, que mais... Ah, quem agredir o pai ou a mãe, morre. Quem raptar um homem, se fodeu, morre. Quem amaldiçoar os pais, rá!, morre.
– P-porra, é p-pena de mo-morte pra t-tudo???
– Claro que não, Moisés. Não sou tão mau assim, já dizia Raul Seixas. Se dois caras brigarem e um cair de cama, mas depois de uns dias se recuperar, o outro não vai ser condenado à morte; só vai ter que pagar os dias de trabalho que o cara perdeu e ajudar no tratamento. Se alguém der umas chibatadas em seu escravo e ele morrer, será punido. Mas se o escravo fiacr vivo uns dois dias, fica por isso mesmo.
– C-como???
– Ué, Moisés! É só um escravo, propriedade do cara! Oras. Putz, agora perdi o fio da meada, deixa eu ver aqui... Muito bem. Se houver uma briga e uma mulher grávida for ferida e abortar, os caras que estavam brigando vão pagar uma multa no valor que o marido da mulher estipular. Mas se houver morte, ah... Peraí, que eu vou falar um negócio pra ficar gravado na cabeça de todo mundo: Vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por...
– ... Fe-ferida p-por fe-ferida. T-tá, j-já sa-saquei.
– Certo. É bom mesmo. HUMPF. Ah, por falar em olho e dente, tem mais umas coisinhas aqui sobre escravos: Se um patrão ferir o olho ou tirar um dente de um escravo, o escravo será libertado por isso. E agora, leis sobre animais.
– A-animais??? Ô Ja-Javé, cê n-não t-tá e-exagerando c-com esse ne-negócio?
– Exagerando nada! Se você soubesse o que pode acontecer de confusão por causa de bicho... Por exemplo: Se um boi chifrar uma pessoa, e a pessoa morrer, o que você faz?

– Pu-puxa. N-nunca p-pensei nisso...
– Tá vendo? Eu tô te falando, Moisés, a lei tem que ser bem detalhada! Nesse caso aí: O boi vai ser apedrejado e jogado fora, mas o dono será absolvido. Agora, imagina a seguinte situação: O boi era bravo, vivia correndo atrás dos outros. O dono, advertido disso, não tomou nenhuma providência. Aí o boi chifrou uma pessoa e a pessoa morreu. Então sim, o dono e o boi serão mortos. A não ser que a família da vítima prefira indenização, nesse caso o dono do boi vai pagar o que a família quiser. Outro caso: Um boi mata um escravo. Aí o dono do escravo vai receber trinta siclos de prata e o boi será apedrejado. E então temos a situação oposta, que é quando o animal de alguém é morto. Digamos que alguém cave um buraco, deixe aberto, e o boi ou jumento ou outro animal caia no buraco e morra. Então o que cavou o buraco vai pagar o preço do animal ao dono, mas o animal morto será seu. Aliás, um bom jeito de se arrumar carne pra um churrasquinho. Deixa ver, o que mais pode acontecer com bichos? Ah, se o boi de alguém matar o boi de outra pessoa, o boi que ficou vivo será vendido. O dinheiro da venda do boi será repartido igualmente, assim como a carne do boi morto. A não ser, é claro, naquele caso que eu já disse: O boi era bravo, o dono sabia e não fez nada. Aí vai ter que pagar o preço do boi para o outro, e ficará com a carne do boi morto.
– É. E-essas l-leis para os a-animais pe-pelo m-menos são j-justas... E d-detalhistas t-também, pu-puta merda. T-tem mais a-alguma co-coisa?
– Se tem mais? Putz, nem comecei ainda! Pega uma cerveja ali na geladeira, que agora vamos falar sobre leis acerca da propriedade.
– A-ai meu s-saco...
– Não reclama. Vamos lá...

Leis a respeito de roubos e prejuízos

– Hum. Onde é que eu estava mesmo, Moisés? Já falei aquele lance do boi chifrador?
– J-já.
– Ok, então agora vou te passar as leis para roubo e prejuízo. Começando pelo mais simples: Se alguém roubar um boi ou uma ovelha, e matar ou vender o animal, vai pagar cinco bois ou quatro ovelhas, segundo o caso.
– Q-que po-porra de c-critério é e-esse?
– Ah, sei lá, inventei agora.
– E é s-só p-pra bo-boi e o-ovelha? E s-se o ca-cara r-roubar, s-sei lá, um ju-jumento?
– Bah! Se eu começar a ser muito específico, a gente não sai mais daqui. "Ah, se o cara roubar uma zebra branca com listras pretas a pena é tal, mas se for uma zebra preta de listras brancas, vai pagar assim-assim". Mas você que sabe, eu tenho a eternidade pela frente, não tenho pressa...
– D-deixa p-pra lá.
– Muito bem, então vamos tocar o barco: Se o cara não tiver como pagar pelo roubo, vai ser vendido como escravo pra pagar. Mau negócio, hein? Agora, se o animal roubado for encontrado vivo com ele, a pena é mais branda: Paga só dois por um, seja boi ou ovelha.
– E ze-zebra?
– **Numfode**... Deixa eu continuar, que tem coisa pra caralho. Próximo artivo, deixa eu ver... Hum. Se um ladrão entrar à noite e for morto pelo dono da casa, o que matou não será culpado pela morte do ladrão. Mas se isso for durante o dia, o dono da casa será culpado de assassinato.
– U-ué, qual a d-diferença?
– Porra, o cara que vai assaltar à luz do dia, além de ladrão é burro. Juntar a isso a condição de morto não vai ser nada bom para o currículo dele. Então tenho que dar um jeito de proteger o coitado. Bom, essa parte aí de roubos já tá beleza. Agora os prejuízos: Se algum zé mané irresponsável deixar os animais dele pastando num campo ou plantação alheios, vai pagar o prejuízo com o que tiver de melhor no próprio campo ou plantação. O mesmo acontecerá para alguém que acender uma fogueira, o fogo se espalhar e queimar plantações alheias. Hum, deixa eu pensar em outro caso... Ah, suponha que alguém recebeu dinheiro ou objetos de outra pessoa para guardar. Muito bem. Aí vem o ladrão e rouba. Se o ladrão for pego, beleza, pagará em dobro o que roubou. Agora, se não acharem o mequetrefe, o cara que era responsável pelo que foi roubado será levado ao lugar de adoração para jurar que não

roubou nada.
– L-lugar de a-adoração? Q-que l-lugar de a-adoração?
– Ah, um lance aí que eu tô aprontando. Depois eu te falo, tá na prancheta ainda. Vamos manter o foco no nosso assunto aqui, beleza? Então. Essa lei que eu acabei de falar também serve para animais.
– P-para a-animais? T-tipo, s-se a v-vaca g-guardar o d-dinheiro do j-jumento?
– Não se faz de burro, Moisés. Tô falando de quando um cara pega um animal emprestado de outro cara. Vale a mesma lei do dinheiro e dos objetos, com um detalhe a mais: Se o animal adoecer e morrer na ausência do dono, o cara que tinha pegado o bicho emprestado vai pagar. No entanto, se o bicho adoecer e morrer na presença do dono, ou for morto por animais selvagens, o cara não paga nada. No caso de ser um animal alugado, só paga o aluguel. Que mais, que mais... Hum. Ah, Moisés, pode ir.
– P-posso ir e-embora???
– Pode ir pegar mais uma cerveja. Rá! Falta muito ainda, véio. E vai rápido, que é pra eu começar a te falar das leis morais e religiosas.
– P-putz...
– Reclama não, Moisés, essa parte é legal. Bota um pouco de cerveja aqui no meu copo, só pra molhar as palavras. Aê, tá bom. Vamos lá...

Leis morais e religiosas

– E aê, Moisés? Tá boa a cerveja?
– T-tá b-brincando??? E-Essa po-porra é S-Schincariol!
– Porra, cê queria o quê? Foi o que eu pude arranjar, aqui no meio do deserto. Pô, sou deus mas não sou dois. Aliás, bota isso na cabeça do povo: Eu sou um só. Isso é importante. E por falar nisso, vamos passar às leis morais e religiosas. Deixa eu ver, por onde eu começo? Hum. Putaria! Putaria é sempre um bom modo de começar. Pois vamos lá: Se um homem comer uma menina virgem que não estiver prometida para casar, será obrigado a pagar o dote e se casar com a moça. A não ser que o pai da menina não permita de jeito nenhum que ela se case com o sujeito. Aí o cara vai pagar multa.
– J-Javé, o-onde é que o c-cara v-vai a-achar uma v-virgem?
– Ah, Moisés, sei lá. É só um exemplo. Vamos em frente: Se algum demente resolver que quer trepar com os bichos, será morto.
– E-então eu n-não po-posso m-mais m-mandar A-AArão ir d-dar pro ca-cavalo?
– Poder, pode. Ele que não pode ir, oras. Hum. Matar, matar. Gosto de pena de morte. Ah, as bruxas! As bruxas devem ser mortas! Morte às bruxas! E quem adorar a outros deuses, será morto também. PEGA! MATA! MATA! SANGUE! SANGUE!
– C-calma, J-Javé. O-olha a sua p-popularidade...
– Ah, é. Melhor eu falar de coisinhas bonitas. Ah, já sei: Vocês vão proteger as viúvas e os órfãos. Isso é uma ordem. Se vocês não o fizerem, EU MATO VOCÊS TODOS NA GUERRA E AÍ SUAS MULHERES E FILHOS É QUE FICARÃO VIÚVAS E ÓRFÃOS! SANGUE! SANNNNNNNNNNNGUEEEEEEEEEEEEEEEE!!!
– J-Javé...
– Ôpa, foi mal. É mais forte que eu. Mais coisinhas fofinhas: Eu proíbo vocês de cobrarem juros sobre empréstimos.
– Q-QUÊ??? S-somos i-israelitas, e-esqueceu? Já v-viu ju-judeu n-não co-cobrar j-juro?
– Putz, é mesmo... Bom, deixa assim por enquanto, depois a gente acha uma brecha na lei e tal. Em tudo se dá um jeitinho, Moisés, é só ter jogo de cintura.
– D-deus é b-brasileiro m-mesmo...
– Como disse?
– N-nada. T-toca o b-barco.
– Vamos lá. Quem tomar a roupa de alguém como garantia de empréstimo, deverá devolver a roupa antes de anoitecer, mesmo que o empréstimo não tenha sido pago. Porque, convenhamos: Um cara que dá a roupa do corpo como garantia de empréstimo tá muito fodido mesmo, nunca vai ter como pagar, e trouxa é quem empresta alguma coisa pra um cara desses. Que mais, que mais? Ah, vocês não podem reclamar de mim. Nem do governo.
– P-pô, s-sacanagem!

– Sacanagem? Ora, Moisés, é necessário que se mantenha a ordem nessa zona aí.
– T-tá, mas q-que go-governo?
– Ah, quando vocês chegarem à Terra Prometida a gente vê isso. Por enquanto o governo é você.
– T-taí, g-gostei.
– Sabia que cê ia gostar, seu velho sem-vergonha. Mas vamos logo terminar essa parte. Os primogênitos de vocês serão dedicados a mim. Ah, e os dos animais também. Só que as crias dos animais serão sacrificadas. Os filhos de vocês, não. Olha como eu sou bonzinho.
– T-tô vendo...
– Bah, Moisés, tô ficando velho. Não tenho mais disposição pra fazer coisas como o Dilúvio e a destruição de Sodoma e Gomorra. Quero me aposentar logo, então vou deixar essas leis escritas aí, pra eu poder descansar, sabe? Mas enquanto eu não me aposento, fica na sua aí e presta atenção no que eu digo. Vamos passar agora às leis de justiça e misericórdia.
– P-puta que p-pariu...
– Paciência, Moisés. Paciência...

Leis de justiça e misericórdia

– E aí, Moisés? Pronto pra continuar?
– T-tenho a-alternativa?
– Claro que não. Pois bem, vamos em frente. Leis de justiça e misericórdia. Redigi esse conjunto de leis cuidadosamente para evitar que Israel fique feito minha terra, o Brasil. Aquilo lá é uma zona. Aqui não! Aqui eu quero as coisas funcionando direito. Vou começar pelo mais simples: Não espalhem notícias falsas. Não quero saber desse negócio de fofocas, mexericos, boatos, e-mails sobre gatos-bonsai e a venda da Amazônia. Todo dia recebo uma caralhada dessas mensagens: É o cara que acordou sem rins numa banheira de gelo, é o outro que cheirou éter achando que fosse perfume e foi seqüestrado, é TV que explode e mata criança, é **campanha para libertar Dona Antonia**, puta que pariu! Isso me irrita, sabia? TENHO VONTADE DE MATAR O FILHO DA PUTA QUE ME MANDA ESSAS COISAS! MATAR! SANGUE! SANNNNNNNNNGUEEEE!!!!!!!
– J-Javé, o-olha seu co-coração.
– HUMPF! Bom, vamos em frente com essa porra. Tem umas coisas que são muito óbvias, mas se eu não disser que é lei, vocês vão e fazem, na maior cara-de-pau. Falso testemunho, por exemplo: Preciso descer do céu, onde tenho mordomias e como tudo quanto é vagabunda, pra vir dizer a vocês que é errado? Mas se eu não disser, neguinho dá uma de joão-sem-braço, "Ah, não sabia!". É foda. Então é isso, que fique bem claro: Mentir pra prejudicar os outros é um puta troço nojento, e eu vou foder com a vida de quem fizer isso. Mesmo que seja, sei lá, pra ajudar um cara pobre e tal: Se for com mentira, não quero saber. E ainda tem gente que vai fazer isso pra acompanhar a multidão, "Ah, se todo mundo tá dizendo que fulano é culpado, vou dizer também". Taí um negócio que me emputece de verdade: Maria-vai-com-as-outras. Sabe o que eu respondo a essa gente? Sabe, Moisés?
– "E se tiver todo mundo se jogando de cima de um prédio bem alto, você vai também?"
– Ué, cê não gaguejou!
– É q-que f-foi u-uma ci-citação.
– Ah... Mas como você sabia que era isso que eu respondia pra esse povo?
– M-minha m-mãe v-vivia fa-falando i-isso q-quando eu era mo-moleque. E eu n-nem sabia que e-ela era m-minha ma-mãe, p-pensava q-que f-fosse s-só u-uma b-babá, a-achava q-que m-minha ma-mãe fo-fosse a fi-filha do Faaaaa... Fa-Faaaaaaaa... Fa-fi-Fu-Faaaaaaaa...
– Tá, Moisés, tá! Todo mundo já sabe dessa história, se você for recontar, tamos na roça. Não temos tempo a perder com sua gagueira, vamos em frente. Bom, essa parte de falso testemunho eu já acabei. Deixa eu ver o que vem agora... Bom, acho que ajudar os amigos é uma coisa que todo mundo faz, então nem vou falar nisso. Agora, o bicho pega quando se trata de inimigos. Por exemplo: Um cara vem andando pela estrada, sem nada pra fazer, e vê um jumento ou boi desgarrado que ele sabe que pertence a um inimigo. Pois bem, é obrigação dele pegar o bicho e levar até o dono. O mesmo acontece se der de cara com um desafeto tentando levantar um jumento que arriou embaixo da carga: Deve ir ajudar o cara, mesmo sendo inimigo. E isso serve para quaisquer situações.

– S-sei. Re-resumindo, é p-para a-amar os i-inimigos, é i-isso?
– Amar os inimigos? Tá louco? É pra manter a sociedade funcionando direito, não tem nada de amor aí. Esse papo de amor é coisa do meu filho, mas ele é meio hippie, ninguém leva o moleque a sério. E espero que nunca levem.
– C-cê t-tem um fi-filho?
– Tenho, mas não quero falar nisso. Vamos tratar da nossa vida aqui, deixa meu filho pra lá. O que tá faltando? Hum... Suborno. Suborno é foda. O cara que recebe suborno muda seu discurso, se finge de cego, de surdo, é uma merda. Ninguém deve aceitar suborno. E acho que é só isso. Ah, os estrangeiros! Já ia me esquecendo dessa parte. Vocês devem se lembrar que foram estrangeiros na terra do Egito, então devem tratar bem os estrangeiros que forem à terra de vocês, beleza? Isso é importante. Tá prestando atenção, Moisés?
– T-tô t-tentando...
– Pois preste muita atenção, que ainda tem mais.
– P-peraí s-só um po-pouco. P-precijo mi-mijar.
– Beleza, tô esperando. Mas vai rápido, ainda falta muita coisa.

O sábado, o ano sabático e as festas

– Porra, Moisés. Nunca vi nego demorar tanto pra dar uma mijada.
– É q-que m-meu pi-pinto é ga-gago t-também.
– Como? Não, não, poupe-me dos detalhes. Vamos continuar com nosso negócio aqui. Com coisinhas mais amenas. O ano sabático, por exemplo. Vocês vão semear a terra e colher seu fruto durante seis anos, mas no sétimo ano deixarão a terra descansar. Mesmo se brotar alguma coisa na terra no ano sabático, vocês não colherão nada: Será para os pobres, e o que sobrar ficará para os animais selvagens.
– M-mas p-pra q-quê de-deixar a t-terra de-descansar?
– Ah, Moisés, confia em mim. Vi isso no Globo Rural, é melhor pra fertilidade da terra e coisa e tal. Fora isso aí da terra, tem aquele negócio do sábado que eu já falei nos Dez Mandamentos. Vocês vão descansar no sábado, bem como seus escravos, seus animais e os estrangeiros que estiverem trabalhando para vocês.
– P-por que vo-você f-faz t-tanta questão di-disso, Ja-Javé?
– Ah, cê não sabe a aporrinhação que pode dar isso aí se um fiscal do trabalho passar por aqui. Vou ter que molhar a mão do cara, e mesmo assim nada garante que eu não vá receber uma multa. É foda isso. Tô tentando implantar uma política neoliberal por aqui, mas tá difícil, com esse meu filho barbudo metido a comunista. É foda. Mas vamos adiante, vou falar agora das três festas anuais.
– F-festas? C-com b-bolo, b-brigadeiro, ca-carne louca, c-cajuzinho?
– Claro que não, Moisés! São festas rituais, que é pra vocês nunca esquecerem que eu tirei seus rabos gordos do Egito. Todo ano, pra comemorarem a saída do Egito, vocês vão celebrar a Festa dos Pães Ázimos, **como eu já tinha ordenado**. Durante os sete dias da festa, vocês não vão comer pão com fermento. Quando vocês forem colher o que plantaram, vão celebrar a Festa da Colheita. No outono, com a colheita das uvas, virá a comemoração da Festa dos Tabernáculos. Depois eu explico isso aí tudo em detalhes. Por enquanto só guarde algumas regras: Quando vierem me trazer sacrifícios, não tragam pão com fermento.
– P-por quê?
– Oras, por quê! Tá vendo essa minha túnica? Quando cês saíram do Egito, ela estava com um caimento perfeito. Agora está apertada na barriga e na bunda. Eu tô uma baleia, Moisés, preciso me cuidar! Na minha idade a gente não pode dar moleza. Então eu quero pão sem fermento, e a gordura dos animais que vocês sacrificarem deverá ser queimada. Ah, e todos os anos vocês vão trazer ao lugar de adoração os primeiros cereais que colherem, que é pra eu ter um café da manhã rico em fibras.
– S-só uma co-coisinha: O q-que os a-animais t-têm com i-isso? Por que sa-sacrificar os bi-bichinhos, co-coitados?
– Moisés, Moisés... Lá em Canaã, pra onde cês tão indo, tem uns caras que sacrificam os próprios filhos aos deuses deles. Vocês têm é que me agradecer por não exigir nada assim. Eu podia largar mão disso aí e não exigir sacrifício nenhum, mas aí ia pegar mal com os outros deuses. Eles iam tirar sarro de mim e os filhos deles iam bater no meu moleque na escola.

– O-outros de-deuses? U-ué, mas vo-você não d-disse q-que é u-um s-só?
– Er... Hum... É, disse. É... Veja bem... Ah, Moisés, pára de fazer pergunta difícil. Pega mais uma cerveja pra mim lá na geladeira, que é pra gente acabar logo com esse papo chato.

Deus faz promessas e avisos

– Ô cerveja ruim da porra!
– E-eu t-te fa-falei.
– É, sou obrigado a concordar. Puta que pariu! Pode deixar, Moisés, da próxima vez só vai ter Bohemia, Original e Serramalte aqui. Porra, assim fica difícil de conversar. Mas temos que terminar logo esse negócio, então vamos lá. Cê sabe que eu queria muito viajar com vocês, né? Essa caminhada no meio do deserto, debaixo desse sol feladaputa, areia entrando por todos os buracos, sem água nem comida, ah!, como eu queria me divertir assim! Mas acontece que eu estou velho, não tenho mais esse pique. Então vou mandar um anjo no meu lugar, um cara bom, da minha segurança pessoal. Ele vai proteger e guiar vocês até Canaã.
– L-legal! U-um a-anjo de se-segurança pa-particular!
– É, legal mesmo. Mas cuidado: Não contrariem o cara nem se revoltem contra ele. Sabe como é polícia, folgado pra caralho. Então fiquem na miúda que ele ajuda vocês na luta contra seus inimigos.
– Q-que i-inimigos, J-Javé?
– Ora, que inimigos! Cê tá caduco mesmo, Moisés. Tá pensando que Canaã tá lá vazia, só esperando vocês? Aquilo lá tá cheio de gente: Amorreus, heteus, perizeus, cananeus (lógico), heveus, jebuseus, gente que não acaba mais. Cês vão ter que lutar contra esse povo todo. Tá pensando que é moleza? Mas não se preocupe, eu vou ajudar vocês e esses povos serão destruídos.
– De-destruídos? P-precisa? Se-será que n-não da-dava pra ge-gente co-conviver n-numa b-boa?
– Mané conviver numa boa, Moisés! Se eu deixar vocês convivendo com aqueles caras, do jeito que vocês são bestas, vão acabar adotando os deuses deles e eu fico na mão. Não senhor! É pra chegar lá botando pra foder. Eu quero sangue! SANGUE! MOOOOOOORTE! SAAAAAAAAANGUE!!!!!!!!!!!!!
– C-calma, Ja-Javé. J-Já e-entendi...
– Muito bem, mas não se esqueça disso: É pra chegar matando todo mundo e destruindo os deuses deles. Não quero ver pedra sobre pedra. Se vocês fizerem tudo direitinho, do jeito que eu tô mandando, eu vou dar aquela força: Cês vão ter comida e água, vão ter saúde, as mulheres não abortarão e todos terão vida longa. Seus inimigos terão medo de vocês e sairão correndo. Os limites das terras de vocês irão do golfo de Ácaba até o rio Eufrates e do Mediterrâneo até o deserto. Vai ser uma belezura. Mas vão ter que fazer direito, sem acordos com ninguém, matando geral. Se vocês pisarem na bola, tão fodidos. Cê tá entendendo?
– H-hum... T-tô. M-mas não co-concordo m-muito...
– Bah, Moisés, cê tem coração mole! Não pode ser assim não, meu velho. Tem que chegar matando aqueles putos, que é pra vocês terem a terrinha de vocês.
– M-mas e-eles n-não fi-fizeram na-nada!
– Bom, não vou perder meu tempo discutindo com você. A ordem é essa, desobedece pra ver o que acontece... E vamos em frente, que eu quero acabar logo com esse papo, que já tá comprido demais pro meu gosto.

O acordo de ~~Deus~~ deus com o povo de Israel

– Bom, Moisés, acho que já chega de leis, né?
– Q-que b-bom! A-as l-leis que vo-você p-passou já s-são su-suficientes pa-para f-formar u-uma s-sociedade ju-justa e ha-harmoniosa?
– Sociedade justa e harmoniosa é o cacete, Moisés! Que papinho mais gay! Quero nem saber se as leis são suficientes ou não, só sei que a cerveja acabou e eu tô de saco cheio. As leis são

essas aí, virem-se!
– T-tá b-bom, e-então. Po-posso ir e-embora?
– Péra. Desce lá, chama o Arão, o Nadabe, o Abiú, os setenta líderes do povo e volta aqui. Eles vão vir com você só até o meio do caminho, onde vocês vão me adorar.
– T-te a-adorar?
– É, porra. Puxar meu saco, beijar meu rabo, lamber minhas bolas. "Ó, Javé, você é tão foda, o mais foda dentre os fodas, aleluia", essas coisas. Gosto disso. Depois de me bajularem bastante, você vai subir até aqui pra levar um papo rápido comigo e eles vão ficar por lá mesmo.
– P-porra, se é p-pra t-trazer os ca-caras s-só até o m-meio d-do ca-caminho, p-pra que t-ter e-esse t-trabalho to-todo?
– Não seja burro, Moisés. O negócio aí é a tal da adoração. É isso que eu quero. Porque me apetece, e você não tem nada com isso. Então desce lá, faz o que eu mandei e não discute.
Moisés, que era gago mas de besta não tinha nada, percebeu que não era hora de discutir mesmo e desceu o monte. O povo lá embaixo já estava preocupado com ele, e todo mundo se juntou pra saber das novidades. Primeiro ele avisou aos líderes do povo que teriam que ir ao monte para beijar a bunda de deus, e depois dirigiu-se ao povo:
– Se-seguinte, po-povo de I-I-IIIIIIIsrael! De-deus m-me pa-passou d-dez ma-mandamentos e m-mais u-uma po-porrada de l-leis, e e-eu v-vou re-repassar t-tudo pra v-vocês!
– Hum... Moisés?
– S-sim, A-Arão?
– Primeiro esse negócio de "passar", "repassar", cê tá pensando que tá no SBT? E outra: Deus não falou pra gente subir lá com você? Não é por nada não, mas se você for falar para o povo todas as leis que você levou esse tempo todo pra ouvir, a gente não sai daqui essa semana. Sem querer ofender, mas essa sua gagueira atrapalha nesse tipo de coisa. Cê não tomou nota das leis?
– T-tomei.
– Então pronto! Tira várias xerox das leis e distribui pro povo. Aliás, tenho uma idéia melhor! Manda pra gráfica, faz uma capa legal e a gente vende. Veja que multidão, e todos vão precisar ter uma cópia das leis. Vamos encher o cu de dinheiro, mano!
– P-porra, A-A-Arão, não s-sei n-n-não... G-ganhar di-dinheiro u-usando o no-nome de d-d-deus n-não pa-parece c-certo...
– Bobagem sua! Isso é o futuro! Estamos fundando uma religião aqui, Moisés, e religiões precisam de dinheiro. Ou a gente ganha nosso dinheiro assim, na boa, ou então vamos ter que fazer alguma coisa ridícula, sei lá, se embrulhar num lençol cor de abóbora, raspar a cabeça e sair no meio do povo vendendo incenso e livrinhos.
– N-não, me-melhor f-fazer u-uma c-coisa o-o-organizada.
– Então! Esquece esse negócio de discurso e vamos logo lá pra perto do monte pra fazer a tal da adoração.
– C-calma, A-A-Arão. T-tô ca-cansado, n-não v-vou v-voltar lá ho-hoje n-não. P-preciso d-dormir um p-pouco.
– Ok, beleza, não tem pressa.
Na manhã seguinte, Moisés constriu um altar de pedras ao pé do monte, e ali ergueu doze colunas representando as Doze Tribos de Israel. Feito isso, mandou que alguns rapazes queimassem animais em sacrifício e matassem touros como ofertas de paz. Moisés pôs a metade do sangue dos animais em bacias e derramou a outra metade no altar.
– Porra, Moisés, pra que essa carnificina toda? Não bastava a gente puxar o saco do cara e beleza?
– C-cá pra n-nós, A-Arão, o Ja-Javé é d-doido p-por sa-sangue...
– Caralho, se eu soubesse que o cara era assim nem tinha entrado nessa. Bom, queima aí seus sacrifícios, que eu vou montar a banca pra vender os livros.
A venda foi um sucesso, claro. Afinal de contas, sabendo que as coisas mais absurdas podiam ser punidas com a morte, ninguém queria morrer por ignorância da lei. A tiragem esgotou-se rapidamente. Depois que todos deram uma lida rápida na lei, assinaram um termo de responsabilidade, dizendo que fariam tudo conforme as ordens de Javé. Não eram nem doidos de fazerem de outro modo, com um deus louco e sanguinário desses à solta. Então Moisés pegou o sangue das bacias e aspergiu sobre o povo.
– E-este s-sangue se-sela o a-acordo d-de vo-vocês com Ja-Javé.
– Porra, Moisés, vai borrifar sangue na puta que te pariu!

– C-como di-disse? Q-quer de-despertar a i-i-ira de d-deus???
– Não, não, claro que não, longe de mim, ora, veja só! Desculpa aí.
– HUMPF! E-então to-tome-lhe s-sangue na fu-fuça, e ca-cala a b-boca.
Vemos que Moisés aprendeu algumas lições de autoritarismo durante o tempo que passou com deus. Depois de todo esse ritual, ele, Arão, Nadabe, Abiú e os líderes de Israel continuaram seu caminho. E depois de tanto sangue pra todo lado, deus até que ficou de bom humor, porque permitiu a todos que subissem até onde estava, e não só Moisés, como estava combinado, puta merda, que período comprido, cheio de vírgulas, não acaba mais?
Almoçaram com deus, tomaram cerveja e cachaça de alambique, contaram piadas sujas e jogaram truco até anoitecer.
– Bom, Javé, tá tarde, precisamos voltar lá pra baixo.
– Ô, beleza. Mas voltem sempre, gostei da companhia de vocês.
– Be-beleza. A-até m-mais.
– Você não, Moisés. Lembrei de umas coisas que eu preciso te falar.
– Pu-puta que p-pariu...
– Calaboca...

Moisés no monte Sinai

Mas eu dizia que **deus falou para Moisés continuar no monte**. Pois bem. Moisés desceu um pouco com os outros, mandou que ficassem esperando e voltou ao topo acompanhado apenas de Josué, seu auxiliar. Josué, guardem esse nome: Ele ainda vai desempenhar um papel importante.
– Puxa vida, Seu Moisés! PUXA VIDA! O senhor vai me levar pra falar com Javé, EU NÃO ACREDITO! Será que ele me dá um autógrafo se eu pedir com jeitinho? Hein? Será? PUXA!!! Que legal, Seu Moisés! Que le...
– C-cala a b-boca, mo-moleque do c-caralho!
– ...
Os dois percorreram o resto do caminho até o topo em silêncio. Lá chegando, viram uma coisa esquisita: Uma nuvem cobria todo o pico do monte, com uma luz muito forte dentro dela, parecendo que o monte estava pegando fogo. Fora da nuvem, uma senhora estava sentada atrás de uma mesa com um fax, dois aparelhos de telefone, um notebook. Lixava as unhas, ignorando Moisés e Josué.
– C-com li-licença. N-nós v-viemos a-aqui p-para fa-falar com J-Javé.
– Seus nomes, por favor?
– E-eu s-sou M-moisés, o me-menino a-aqui é Jo-Josué.
– Hum. Vocês têm hora marcada?
– E-ele m-mandou ch-chamar a g-gente.
– Ah, você deve ser o gaguinho de quem ele falou. Sim, sim, está aqui. Podem aguardar só um pouquinho? Vou avisar que vocês chegaram. Alô? Seu Javé? O gaguinho já chegou.. Não, está com um garoto... Tá bom, eu digo... Obrigada. Seu Moisés, ele já vai atender, ok? Está só passando os Dez Mandamentos a limpo para entregá-los ao senhor.
– M-muito o-obrigado.
Moisés e Josué sentaram-se na sala de espera e – fazer o quê? – esperaram. E esperaram. Meia hora. Uma hora. Duas horas. Seis. Doze. Um dia. Dois dias. Três. Seis. Ao sétimo dia, o ramal da secretária tocou.
– Pois não, Seu Javé? Tudo bem, vou mandar entrar. Seu Moisés, pode entrar. Mas só o senhor, deixa o menino aí. Seu Moisés? SEU MOISÉS!!!
– H-Hã??? Ah, a-acho que co-cochilei um p-pouco.
– Seu Moisés, pode entrar lá. Só o senhor.
– Ah, t-tudo b-bem. A-até q-que f-foi r-rápido. Jo-Josué, e-espera a-aí q-que eu j-já vo-volto.
E Josué teve que esperar mesmo, porque Moisés ficou com deus lá dentro da nuvem por quarenta dias.
– *Quarenta dias??? Fazendo o quê?*
– *Cursos. Decoração, Corte & Costura, Etiqueta...*
– *Deixa de ser mentiroso, porra.*
– *É sério. Cê vai ver.*

As ofertas para o Tabernáculo

– C-com li-licença...
– E precisa pedir licença, Moisés? Cê é da casa! Senta aí, fique à vontade. Tá vendo esse bloco de anotações aí? Pode pegar aí e prestar bastante atenção, porque vai começar sua série de cursos.
– C-cursos? Cu-cursos de q-quê?
– Oras, de quê. Você sabe. Decoração, corte e costura, economia doméstica, etiqueta, essas coisas de viado.
– P-porra, mas p-pra q-quê i-isso?
– É que eu estou cansado de ficar aqui em cima dessa montanha, quero uma tenda beeeeeeem bonita pra eu morar no maior luxo. Então vou te passar as instruções para a construção da minha tenda.
– Pe-pega l-leve, Ja-Javé... E-estamos no m-meio do de-deserto, j-já te-temos m-muitas p-preocupações. Se a i-isso a-ainda ju-juntarmos a co-construção de u-uma t-tenda p-pra vo-você, t-tamos na ro-roça.
– Porra, Moisés! Eu não **tirei vocês do Egito**? Eu não fiz vocês **atravessarem o Mar Vermelho**? Eu não **transformei a água salobra em água doce**? Eu não **mando maná do céu** todo dia pra vocês comerem? Hein, Moisés?
– É v-verdade...
– Então! E só o que eu peço em troca é que vocês construam uma casa pra mim! Vai regular?
– T-tá b-bom. M-mas co-como v-vamos fa-fazer a t-tenda a-aqui no m-meio do de-deserto? N-não d-dá pra ir a-até a Vi-Vinte e Ci-Cinco de M-Março p-pra c-comprar te-tecido com os t-turcos...
– Ô, Moisés, isso aí é má vontade sua. Pô, fala lá com o povo, explica pra eles que você vai construir um santuário para o deus que os tirou do Egito, cê vai ver como eles vão ficar empolgados. Aí cê vai pedir ofertas a eles. É só fazer uma chantagem emocional de leve, uma lavagenzinha cerebral e pronto: Controlar a multidão é fácil, Moisés! Aí quando eles já estiverem na sua mão, você vai especificar as ofertas: Ouro, prata, bronze, lã de todas as cores, linho fino, tecido de pêlos de cabra, peles de carneiro tingidas, madeira de acácia, azeite para as lamparinas, especiarias para os perfumes e incensos, pedras de ônix e outras pedras preciosas para o peitoral do Sumo-Sacerdote e para o éfode.
– É f-foda?
– É foda sim, Moisés. É foda ter que explicar tudo pra um velho caduco feito você. Tá gago das orelhas também? Eu disse *éfode*! Éfode é o manto sacerdotal.
– E-então p-por que vo-você n-não fa-fala *ma-manto sa-sacerdotal* l-logo, po-porra.
– Não falo *ma-manto sa-sacerdotal* porque não sou gago, caralho. Não enche o saco. Anotou aí o lance das ofertas? Então vamos aos detalhes. Primeiro os móveis.
– Mo-móveis? E-então e-era s-sério a co-conversa de c-curso de de-decoração.
– Claroq que é sério, porra.
– V-vai de-demorar.
– Que nada! Coisa de quarenta dias.
– A-ai ca-caralho...
– Não reclama. Anota.

A Arca da Aliança

– Tá prestando atenção, Moisés? Então anota aí. Cês vão fazer uma arca de madeira de acácia pra mim.
– A-Arca? Po-po-pa-porra! V-vai ma-mandar o-outro Di-Di-Di-Da-Di-**Dilúvio**???
– Mané Dilúvio, Moisés. Deixa eu terminar de falar. Essa aí que vocês vão fazer é a Arca da Aliança.
– A-arca da A-aliança?

– É, Arca da Aliança. *Indiana Jones e Os Caçadores da Arca Perdida*, manja? "Pã-parã-pãaaaaaa, pã-parãaaaaaaa, pa-parã-pãaaaaaaaa, pã-parã-pã-pã", aquela coisa toda.
– T-tá, e-entendi, n-não p-precisa de-desafinar no m-meu o-ouvido.
– Pois muito bem. A arca terá dois côvados e meio de comprimento, um côvado e meio de largura e um côvado e meio de altura.
– Ca-côvado? Q-que po-porra é e-essa?
– Um côvado, Moisés, equivale a 44 centímetros.
– E-então fa-fala di-direito, p-porra.
– Cê tá ficando abusado, hein? Mas tudo bem, vou facilitar pra você: Um metro e dez de comprimento, sessenta e seis centímetros de largura e de altura. Melhor assim?
– B-bem me-melhor.
– Então vamos em frente. Cês vão revestir de ouro essa caixa, por dentro e por fora. E botar uma moldura de ouro em volta. Depois, vão fazer quatro argolas de ouro e...
– P-peraí, Ja-Javé! N-não t-tá e-exagerando não? T-tanto o-ouro p-pra u-uma ca-caixa só...
– Caixa é o cacete! ARCA DA ALIANÇA! Mais respeito, porra. Essa arca é importante pra mim, então não me encha o saco.
– T-tá, n-não p-precisa fi-ficar t-todo ne-nervosinho...
– Cê me tira do sério, Moisés. Anota aí minhas instruções e cala a boca. Como eu ia dizendo, cês vão fazer quatro argolas de ouro e colocar duas de cada lado, nos pés da arca. Depois disso, farão dois cabos de madeira e revestirão de ouro. Esses cabos serão passados através das argolas, para facilitar no transporte da arca. E agora vem a tampa, que é o detalhe mais bonito: Será feita de ouro puro, um metro e dez por sessenta e seis centímetros. Vocês farão dois querubins de ouro batido, um para cada ponta da tampa, sendo os querubins e a tampa uma só peça. Os querubins ficarão um de frente pro outro, olhando para a tampa e as asas deles ficarão abertas, cobrindo a porra toda.
– Pe-peraí, t-tá fi-ficando di-difícil de vi-visualizar i-isso aí. Co-como é m-mesmo o l-lance dos que-querubins?
– Ô, Moisés, cê é muito tapado! Vai por mim, assiste *Os Caçadores da Arca Perdida*, a arca que eu quero é igualzinha aquela aparece no filme. Pã-parã-pãaaaaaa, pã-parãaaaaaaa, pã-parã-pã...
– T-tá, j-já e-entendi. V-vou a-alugar o fi-filme, p-pode d-deixar.
– Beleza, Moisés. Essa arca vai servir para você guardar as duas tábuas de pedra que eu vou te dar, com os Dez Mandamentos gravados.
– P-porra, e-essa t-trabalheira to-toda pra fa-fazer um b-baú pra g-guardar d-duas la-lajotas???
– Lajotas **o colete da véia**, porra! São as Tábuas dos Dez Mandamentos, objetos sagrados!
– Q-que se-seja...
– Humpf! Anotou tudo? Agora tem outra coisa, a mesa.
– Me-mesa? Ah, me-mesa q-qualquer um f-faz, não p-precisa i-instruções.
– Precisa sim, não discuta. Vai anotando aí.

A mesa dos pães para oferenda

– T-tá, J-Javé, co-como vo-você v-vai q-querer a me-mesa?
– Coisa simples, Moisés, nada de mais: de acácia, oitenta e oito centímetros de comprimento, quarenta e quatro de largura, sessenta e seis de altura.
– Ah, v-vai ser f-fácil de fa-fazer e-então...
– É, não te falei? Só vai precisar cortar a madeira nessas medidas e pronto. Ah, e revestir toda a mesa com ouro puro, e colocar um remate de ouro em volta dela.
– P-porra, J-Javé, n-não sa-sacaneia! E-estamos no m-meio d-do nada, o-onde é q-que va-vamos a-arrumar t-tanto o-o-ouro?
*(Boa pergunta, **Panthro Samah**!)*
– Bah, Moisés, não faz corpo mole! Não lembra que eu falei pra vocês pegarem as riquezas dos egípcios antes de saírem de lá?
– N-não le-lembro n-não.
– Não lembra o cacete, tá se fazendo de besta! Olha **aqui**!
– Po-porra, e-esse ne-negócio de fa-falar com l-links q-quebra as p-pernas da ge-gente...

– Quer me enrolar, Moisés? Você achou que eu mandei vocês fazerem isso por quê? Porque eu queria ver vocês ricos? Bah! Era pra mim, precisava desse ouro todo para a construção do meu tabernáculo. Eu não dou ponto sem nó, tá pensando o quê? Eu sou é deus, porra! DEUS!!!
– T-tá bom, t-tá bom...
– HUMPF. Cê me tira do sério, Moisés, até me perdi. Onde é que eu estava? Ah, o remate de ouro. Então. Em volta da mesa cês vão fazer um friso de quatro dedos de largura, e botar um outro remate de ouro em volta do friso. Por fim, vocês vão fazer quatro argolas de ouro para colocar nos pés da mesa e dois cabos de acácia revestidos de ouro para o transporte, daquele jeito que eu já expliquei nas **instruções para a Arca da Aliança**.
– T-tá tu-tudo a-anotado. M-mas p-pra q-quê e-essa me-mesa?
– Pra quê? Pra eu fazer minhas refeições, oras. Cês vão fazer pratos, copos, taças e jarras para vinho, tudo de ouro puro. Essa mesa vai ser colocada na frente da Arca, e em cima dela vocês vão deixar sempre uns pãezinhos quentinhos pra mim.
– P-por i-isso que cê t-tá go-gordo pra ca-caralho...
– Como é?
– Na-nada n-não... M-mas cê v-vai vi-viver s-só de p-pão e vi-vinho?
– Claro que não, isso é só o café da manhã. Para as outras refeições é que existem os sacrifícios de animais que serão oferecidos no altar, cujo projeto eu vou te passar depois. SANGUE! SAAAAAAAAAANGUEEEEEEEEEEEE!!!!!!!
– Ca-calma, Ja-Javé...
– Hum. Muito bem, então vamos continuar com esse negócio.

O C-c-ca-candelabro

– E a-aí, le-leitores d-do *J-Jesus, m-m-mmmmmmmmmm...*
– Moisés, que porra cê tá fazendo aqui?
– O-oi, A-A-Arão. D-dei u-um je-jeito de e-escapulir l-lá d-de ci-cima. J-Javé t-tá do-doido.
– Que ele é doido a gente já sabia. O que ele fez agora?
– E-ele t-tá pe-pensando q-que o-ouro d-dá em a-árvore, t-tudo q-que e-ele pe-pede t-tem q-que s-s-ser de o-ouro.
– Bom, mesmo que ouro desse em árvore: No meio do deserto, a gente tava fodido do mesmo jeito. Mas pra que ele tanto quer ouro?
– Ah, e-ele q-quer q-que a g-gente co-construa um lu-lugar de a-a-adoração pra e-ele. E c-com tu-tudo de o-ouro: u-uma a-arca, a ta-tampa da a-arca, u-uma mesa, co-copos, ja-jarras, co-colheres, o ca-caralho a q-quatro. O-olha a-aqui mi-minhas a-anotações, v-vê q-que a-absurdo.
– Tô vendo, Moisés, tô vendo. O cara endoidou mesmo.
– P-pois é. E o-olha o t-tal do ca-candelabro. I-isso aí f-foi a go-gota d'd'd'água, n-nem fo-fodendo que v-vai d-dar p-pra fa-fazer um ne-negócio a-assim, ch-cheio d-d-de...
– Moisés!
– Fo-fodeu...
– O curso ainda não acabou, Moisés, que porra cê tá fazendo aí em baixo? Pode subir, seu velho sem-vergonha, ainda temos muito o que conversar.
– M-mas Ja-Javé...
– Calaboca e sobe logo, porra!
– A-Arão, v-vou t-ter que su-subir. Fi-fica aí c-com as a-anotações, a ge-gente t-tem que d-dar um je-jeito. T-tô i-indo ne-nessa.
– Falô, Moisés, boa sorte. Muito bem, olá, leitores do *Jesus, me chicoteia!*. Eu sou Arão, irmão e assessor de imprensa do Moisés, que vocês conhecem muito bem. Se Javé tivesse todos os parafusos devidamente apertados em sua divina cachola, eu é que estaria lá falando com ele, não meu irmão gago e meio burro. Mas fazer o quê, o mundo é assim. Quero dizer que é um prazer e um privilégio dirigir-me a vocês sem o intermédio do autor, aquele agnóstico ateísta acéfalo. Quero aproveitar, então, essa oportunidade para contar-lhes minha vida, já que a Bíblia dá tantos pormenores a respeito da biografia de Moisés e quase nada fala a meu

respeito. Pois bem, nasci no Egito em... Peraí, peraí. Só agora reparei nas anotações do meu irmão. Cáspita, esse candelabro é absurdo! O cara quer que a gente faça um candelabro de ouro puro. Todo ele: O pedestal, a haste, os cálices. E os cálices vão ter forma de amêndoas, com botões e flores, tudo feito de ouro. Serão seis hastes com três cálices cada, mais o pedestal do candelabro, com quatro cálices. Porra, que complicação! E essa putaria toda de botões, flores, cálices, hastes, tem que ser tudo uma peça só de ouro batido. Fora isso, sete lamparinas para botar no candelabro, com todos os acessórios também feitos de ouro. Porra, quanto ouro será que a gente vai precisar pra fazer um troço desses? Peraí, tá anotado aqui no verso... Ah, um talento só. Um talento dá... TRINTA E QUATRO QUILOS DE OURO! Puta que pariu. Javé tá maluco. Nem a pau que vamos fazer isso aí. Precisamos dar um jeito de contornar essa situação, assim não pode, assim não dá.

O Tabernáculo

*(**Êxodo 26**)*

– Moisés, que palhaçada foi essa?
– F-foi n-nada n-não, Ja-Javé. S-só p-precisei ir d-dar uma mi-mijada.
– Tá bom, tá bom... Presta muita atenção agora, que eu vou te passar as instruções para a construção do meu tabernáculo, que é a parte mais importante dessa porra toda.
– P-por quê é m-mais i-importante?
– Oras, por quê! Porque é minha casa, Moisés! Considere assim: Essa porra toda de êxodo é uma superprodução. Eu sou o roteirista, diretor, produtor e protagonista do filme. Como tal, mereço ter um camarim só pra mim, com coisinhas pra comer, todo decorado e perfumado, com pessoas pra me atenderem sempre que eu quiser. Entendeu?
– Ah. O t-tal de ta-tabernáculo v-vai s-ser s-seu *t-trailer*?
– É isso aí. Pois vamos às instruções: Cês vão fazer dez cortinas de linho fino, fios de lã azul, púrpura e vermelha. Nessas cortinas serão bordadas figuras de querubins. Cada uma delas terá doze metros e meio de comprimento por um metro e oitenta de largura. Aí cês vão costurar cinco delas uma na outra, formando uma só peça, e farão o mesmo com as outras cinco. Feito isso, vão botar laçadas de tecido azul na beirada de fora da última cortina de cada peça, cinqüenta laçadas para cada, de forma que as cortinas fiquem de frente uma para a outra. Aí vocês vão fazer cinqüenta prendedores de ouro para juntar os jogos de cortinas, formando assim...
– J-Javé...
– Que é?
– D-desculpa i-interromper, m-mas n-não tá m-meio co-complicado e ch-chato de-demais i-isso a-aí?
– Hum. Tem razão, Moisés. Um pé-no-saco ficar descrevendo essas bagaças. Ainda mais que tenho tudo aqui no computador...
– CO-COMO??? V-você j-já t-tem os de-desenhos to-todos a-aí? E p-por que n-não i-imprimiu lo-logo?
– Ah, Moisés! Cê sabe quanto custa um cartucho de tinta? E toner pra impressora laser então? Tá tudo pelos olhos da cara, véio. Nem fodendo que eu ia gastar tinta, ainda mais podendo passar tudo pra você.
– Po-porra, J-Javé. T-tô c-com m-meu Pa-Palm aqui, é s-só pa-passar os de-desenhos.
– Ah é?
– É.
– Taí, não sabia. Deixa eu ver? Olha, que legal... Hum. Tem infravermelho! Puxa, preciso comprar um desse. Ah, demorô, Moisés. Vou passar todo o projeto do tabernáculo pro seu Palm, assim a gente não perde tempo. Aliás, essa parte toda da Bíblia é muuuuuuito chata. Vou passar tudo aí pra essa geringonça, assim a gente passa o resto dos quarenta dias só jogando Counter Strike.
– Q-que be-beleza! VA-valeu, Ja-Javé!
– Não seja por isso. Vamos começar logo esse negócio. O Tabernáculo é isso aí, esse monte de cortinas, a cobertura de peles de cabra, outra cobertura de peles de carneiro, e uma outra de peles fina. Aí tem toda a armação de acácia. Só preciso te lembrar de uma coisa: O tabernáculo será dividido por uma cortina. Pra cá da cortina fica o lugar Santo, pra lá fica o Santíssimo, onde ninguém pode entrar. No Santíssimo é que vai ficar a arca, no lugar Santo

ficarão a mesa e o candelabro. Que mais? Ah, a entrada da tenda será coberta por uma cortina, de linho fino e toda aquela viadagem, e ainda coberta de bordados. Os outros detalhes cê vê aí no seu Palm. Agora, o altar para os sacrifícios...

O altar para os sacrifícios, o pátio do Tabernáculo, o azeite para o candelabro

*(**Êxodo 27**)*

– Pô, Moisés, agora ficou fácil. Eu ia levar um tempão pra ficar aqui falando como eu quero o altar para os sacrifícios de dois e vinte por dois e vinte, oco, com uma grelha de bronze, argolas e cabos para o transporte. Agora é só passar aí pro seu aparelhinho e pronto! Que maravilha, a tecnologia!
– É ve-verdade. Ô, bo-bonito e-esse a-altar.
– E mais bonito ainda vai ficar quando estiver coberto de sangue! SANGUE! SAAAAAAAAAAANGUEEEEEEEEEEEEE! SAAAAAAAAAAAAAAAAAAANNNNNN...
– Ca-calma, Ja-Javé...
– Aham... Hum. É isso. Ah, fora esse desenho do altar aí, vou querer também vasilhas para recolher a gordura e as cinzas, pás, bacias, garfos, braseiros, tudo de bronze. Beleza?
– T-tá a-anotado. E de-depois?
– Ah, depois tem o pátio. O Tabernáculo será montado sempre que vocês assentarem acampamento, e em volta dele vocês colocarão cortinas e postes, formando um pátio de 44 por 22 metros. Assim eu fico mais sossegado dentro da minha tenda, sem nego toda hora entrando pra encher o saco. O altar dos sacrifícios será colocado no pátio, em frente à porta do Tabernáculo. Hum, acho que é só. Te falei do azeite?
– Q-que a-azeite?
– Tô vendo que não falei. Fala praquele povinho bunda que é pra eles trazerem o melhor azeite para acender o candelabro todas as tardes. Arão e os filhos dele colocarão o candelabro dentro do Tabernáculo, do lado de fora da cortina que separa o lugar Santo do lugar Santíssimo. O azeite vai ficar queimando ali, perfumando o ambiente até a manhã, que é pra eu relaxar.
– T-tá bom. M-mas po-por que A-A-Arão e m-meus so-sobrinhos?
– Ah, não te falei? Arão vai ser o sumo-sacerdote e os filhos dele serão sacerdotes também. Essa religião que eu tô inventando vai ser organizada, tá pensando o quê? Oras bolas. E por falar nos sacerdotes, agora vamos passar à parte de corte e costura...
– Ah, Ja-Javé, n-não sa-sacaneia.
– Calaboca, Moisés.

As roupas dos sacerdotes

(**Êxodo 28:1-5**)

– Pois muito bem, Moisés, negócio seguinte: Cê vai separar do povo o seu irmão Arão, e também os filhos dele, Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar, para que me sirvam como sacerdotes. Só que para isso eles vão precisar de roupas que dêem a eles dignidade e beleza. Então passamos agora ao curso de corte e costura.
– V-vai d-dar uma d-de e-estilista, Ja-Javé? E-essa eu q-quero v-ver...
– Tá me estranhando, Moisés? Eu sou um deus macho, porra! Cê acha que eu vou dar uma de costureiro a essa altura da minha vida?
– U-ué, mas cê fa-falou q-que...
– Eu falei que agora vamos passar para essa parte de confecção e tal. Mas não disse que eu ia te passar o desenho das roupas. Para isso eu contratei um cara que tava desempregado aí, precisando de uma força. O pobre coitado conseguiu ser demitido de todas as emissoras de TV, e você sabe como bicha velha tem tendências depressivas. Clodovil! Vem aqui pra eu te apresentar ao Moisés.
– Oi, Jajá. Ah, você que é o Moisés, né? Hum...
– J-J-J-JAJÁ??? HAHAHAHAHAHAHAHAHAHA!!!
– **Numfode**, Moisés...

– Olha, Moisés, você não pode se mover pelo preconceito, porque somos todos iguais, não é mesmo? Hoje eu sou eu e você é você, amanhã pode ser que você seja eu e que eu seja você, porque é tudo um processo cármico que se desencadeia e que torna a todos irmãos, de modo que todos devem viver em harmonia, sob a proteção de um mesmo pai. Que vem a ser o Jajá.
– Tá, tá, vamos logo ao que interessa.
– Calma lá, bofe! Tá pensando o quê? Eu vim lá de Ubatuba até aqui só pra isso e não estou reclamando! O Jajá me convenceu a aceitar esse emprego. Eu não queria, mas sabe como é o Jajá, tem essa coisa toda dele de saber convencer as pessoas, falou que se eu não viesse ele ia matar todos os viados, aí já viu, né? HAHAHAHAHAHA. Mas vamos lá. Você vai chamar tooooooooodas as costureiras do povo de Israel para confeccionarem essas roupas que eu vou desenhar agora. Peraí, deixa eu pegar minha prancheta. Hum-hum... Cadê meus pincéis? MEUS PINCÉIS! Ah, tão aqui. Ui. Cada pincelão, olha só!
– Va-vamos pa-parar de vi-viadagem.
– Nooooooooossa, a mona tá nervosa! Olha aqui, presta atenção no desenho e não reclama. Vê só, a roupa vai ter esse peitoral assim... Aí tem o manto sacerdotal, beeem bonito e chamativo... Uma sobrepeliz chiquéeeeeerrima... Uma túnica toda bordada, desse jeito assiiiiiiiiiim... Uma mitra bem estilosa... E o cinto vai ser assim, ó. Pronto. Tudo de bom, né? Pra essas roupas serão usados fios de lã azul, púrpura e vermelha, fios de ouro, linho fino, miçangas, paetês, lantejoulas, purpurina, plumas de pavão, de perdiz e avestruz.
– Hum... Clodovil?
– Sim, Jajá?
– Será que você não está exagerando não? Os caras vão ser meus sacerdotes, vão ter que impor respeito ao povo. Se as roupas deles forem feitas com essas coisas todas aí, vai virar palhaçada. Se eu quisesse que fosse assim, tinha chamado o Clóvis Bornay pra ser sumo-sacerdote.
– Ai, Jajá, mas não vai ser nada muito espalhafatoso! Só estava pensando numa alegoria de cabeça e um esplendor com plumas. Podíamos até dar nome pra essa obra de arte, Pavão Misterioso Multicor na Côrte de Assurbanípal, ou qualquer coisa assim...
– Porra, Clodovil, não sacaneia. Faz direito a bagaça aí.
– Tá bom, tá bom. Moisés, desconsidera o que eu falei das miçangas pra frente. Humpf.
– P-pô, que pe-pena... Ia s-ser le-legal v-ver o A-A-Arão de t-travesti...
– Ai, vocês não compreendem minha arte. Mas tudo bem, nessa vida a gente não é nada: A gente é TUDO, não é mesmo? HAHAHAHAHA. Amanhã eu volto para dar os detalhes do manto sacerdotal, se Jajá quiser. E ele HÁ de querer.
– Pu-puta q-que pa-pariu, e-essa vi-viadagem v-vai lo-longe...

O éfode e o peitoral

(**Êxodo 28:6-30**)
– E aí, Momô, vamos continuar?
– Mo-Momô é o ca-caralho, m-m-meu no-nome é M-Moisés, po-porra!
– Nooooooossa, que estressadinho! Momô, relaxa e presta atenção aqui. Vou te mostrar como é que vocês vão fazer o éfode.
– É f-foda?
– ÉFODE, Momô.
– Q-que po-porra é e-essa?
– O manto sacerdotal, tolinho.
– E p-por q-que vo-você n-não fa-fala m-manto sa-sacerdotal lo-logo?
– Porque éfode é mais bonito, Moisés. Éfode. Olha que palavra linda, explosiva, sibilante, proparoxítona, um primor!
– T-tá, ch-chega de vi-viadagem, to-toca o b-barco.
– Vamos lá. O éfode será feito de fios de lã azul, púrpura e vermelha, de linho fino e fios de ouro, e enfeitado com bordados beeeeeeem bonitos. Olha o desenho, que lindo. Olha aqui, nas duas pontas do manto vai ter essas alças assim, presas dos lados. E vai ter um cinto também, do mesmo material do éfode. Aí vem o toque mais bonito: Em duas pedras de ágata serão gravados os nomes dos **doze filhos de Jacó**, seis em cada uma. As pedras serão montadas em engastes de ouro e colocadas assim, ó, nas alças do éfode, representando as doze tribos de Israel.

– Pa-para q-que t-tanta f-frescura?
– Ah, Momô, o Jajá falou que vai ser assim para...
– Deixa que eu explico pra essa besta, Clô.
– C-Clô? HUMMMMMMMMMMMMMM!
– Se fecha, Moisés. Deixa eu explicar esse lance aí das pedras com as doze tribos. Isso aí o Arão vai usar nos ombros para eu sempre me lembrar do meu povo. É foda lembrar de cor, ainda mais com os nomes que Jacó deu aos filhos: Tem um tal de Zebulom, um Naftali, Dã, Issacar, porra, parece a prole da Baby Consuelo. Entendeu?
– E-entendi.
– Pode continuar, Clô.
– Obrigadinho, Jajá. Onde é que eu estava? Ah, do manto é só isso. Esses engastes de ouro serão presos com correntinhas de ouro, desse jeitinho assim. Viu tudinho, Momô? Então pega o desenho, guarda com cuidado. Agora, o peitoral. Ai, ai... O peitoral cês vão fazer com o mesmo material do éfode. Vai ser assim, ó, quadrado com um palmo de lado. E olha que lindo, vocês vão colocar quatro carreiras de pedras preciosas montadas em engastes de ouro no peitoral, três pedras em cada carreira: Um rubi, um topázio e uma granada, uma esmeralda, uma safira e um diamante, uma turquesa, uma ágata e uma ametista, um berilo, um ônix e um jaspe. Olha que lindo que vai ficar, tudo coloridinho e brilhante! Aí em cada pedra será escrito o nome de um dos filhos de Jacó.
– Po-porra, d-de no-novo?
– Não chia, Momô. Nem é você que vai fazer isso, nem tem capacidade. Humpf. Deixa eu continuar, porque o tempo não espera, e todo esse processo cármico que carregamos na nossa jornada por esse planeta maravilhoso para onde Deus nos enviou para cumprir cada um a sua missão de forma que...
– CH-CHEGA! E-essa vi-viadagem i-i-i-irrita!
– Ai, credo! Tá bom, tá bom... Continuando: O peitoral vai ser preso ao manto com correntinhas de ouro. Arão vai usar esse peitoral quando entrar no lugar Santo. Ah, e você vai botar o Urim e o Tumim no peitoral, bem em cima do coração do Arão.
– U-urina c-com o q-quê???
– Xacomigo, Clô. URIM E TUMIM, Moisés. Seguinte: Do jeito que vocês são chatos, vão querer me consultar direto. Já prevendo isso, bolei esse sistema, que na verdade é um jogo de dados simplificado: Duas pedrinhas, cada uma com um lado escuro e um lado claro. Sempre que Arão entrar no Tabernáculo para me consultar, vai fazer a pergunta e jogar as duas pedrinhas. Os dois lados escuros pra cima significam não, os dois lados claros significam sim. Se ficar um escuro e um claro, a pergunta fica sem resposta.
– Pe-peraí, n-não e-entendi. P-pra que e-esse ne-negócio d-de pe-pedrinhas? P-por que vo-você n-não r-responde di-direto?
– E vou perder meu tempo com os problemas de vocês, Moisés? Faça-me o favor! Tenho mais o que fazer. Vai por mim, é fácil enrolar esse povo. É só não chamar as pedrinhas de pedrinhas, porque aí vira esculhambação. O negócio já vai ser numa tenda, se o povo souber que Arão vem me consultar jogando pedrinhas, aí fode tudo: Vão botar placa na frente do Tabernáculo, "Pai Arão: búzios, tarô, amarração para o amor". Não, não: Chamem as pedrinhas sempre de Urim e Tumim, pra dar um ar misterioso, sobrenatural, místico. É puro marketing, Moisés! Sem isso ninguém vai pra frente. Marketing, marketing!
– T-tá b-bom, t-tá b-bom... Co-continua a-aí o ne-negócio d-das ro-roupas, C-Clô.
– ME CHAMOU DE CLÔ!
– Ch-chamei na-nada!!!
– Chamou sim!
– A-ARGH!
– Ai, que bom que estamos nos entendendo, Momô. Já estamos no final, viu? Fica calminho...

As outras roupas dos sacerdotes

(**Êxodo 28:31-43**)
– Vamos lá, Momô. Olha que linda a sobrepeliz que vocês vão fazer, todinha tecida com lã azul. A abertura para a cabeça será reforçada com uma tira de malha para não rasgar, estilo gola canoa, sabe? Então. Aí aqui em volta de toooooooooooda a barra vai ter umas aplicações assim em forma de romã. Entre uma romã e outra, vão ficar sininhos de ouro.

– Si-sininhos? Po-porra, n-não é vi-viadagem de-demais n-não???
– Momô, o Jajá que quis assim! Fala pra ele, Jajá!
– É isso mesmo, Moisés. Sabe como é, preciso de privacidade. Vai que o Arão chega quando eu estiver, sei lá, vendo uns filminhos pornô? Não pode chegar de surpresa, tem que avisar antes, pra eu poder botar no Discovery Channel e fingir que estou admirando minha criação e essa bobageira toda. Então vai ter esses sininhos na roupa, assim eu saberei pelo barulho quando ele estiver chegando.
– Cê é ch-cheio de mu-mumunhas, Ja-Javé.
– Faço o que posso. Continua, Clô.
– Vamos lá. Vocês vão fazer uma placa beeeeeeeeeem fininha de ouro puro, com a frase "Reservado para Javé" gravada. Essa placa será amarrada na frente da mitra com um cordão de lã azul, como se fosse assim um diadema, sabe?
– P-pra que i-i-isso?
– Ai meu saco. Deixa que eu explico, Clô. Moisés, o Arão vai usar essa placa na testa para eu aceitar as ofertas que ele me trouxer.
– M-mas n-não ba-basta a-aceitar as o-o-ofertas e p-pronto?
– Hum. Tá bom, eu confesso: É que eu achei engraçado isso, o velho Arão com uma placa de ouro na testa, escrito "Reservado para Javé". Aí quando ele entrar no Tabernáculo eu vou poder sacanear ele, "E aí, minha puta?", essas coisas. Legal, né?
– Hu-humpf!
– Véio chato da porra... Fala aí com ele, Clô, que eu tô sem paciência com gente mal humorada.
– Sim senhor, Jajá. Bom, para o sacerdote vocês vão tecer uma túnica e uma mitra de linho fino e um cinto bordado, bem bonitinho, assim, ó. E essas aqui são as roupinhas para os filhos do Arão, chiquéeeeeeeeeerrimas. Olha essa túnica! E esse cinto! E essa tiara, não é TUDO?
– Ti-tiara? N-não fo-fode...
– Tiara sim, que Jajá mandou. Vão usar tiara. E vão ficar lindinhos. Depois de vestidos assim, você vai consagrar Arão e os meninos derramando azeite na cabeça deles e... Nossa, estava esquecendo um detalhe im-por-tan-tís-si-mo!!! As cuequinhas! Precisa fazer cuecas pra eles também, tudo samba-canção de linho. Se não é capaz do Jajá ficar puto.
– Fi-ficar pu-puto s-só p-porque o ca-cara t-tá sem cu-cueca???
– Ô, Moisés, cacete! Segue as instruções do Clodovil, é a melhor coisa que cê faz. É claro que eu vou ficar puto se nego entrar no Tabernáculo sem cueca, oras! Imagina o cara lá, de túnica, andando de um lado pro outro com o pinto balançando dentro da roupa? Eu mato o feladaputa! MATO!
– T-tá b-bom, po-porra.
– Humpf! É foda lidar com você, Moisés. Acho que vou te mandar lá pra Ubatuba e contratar o Clô pra ficar no seu lugar.
– Jajá, eu queria MUITO. Mas preciso voltar pra casa, se não o Jorge me mata! E você sabe como é, se ele me mata, o processo cármico fica interrompido, então eu vou ter que voltar mais vezes para cumprir esse ciclo que é a verdadeira engrenagem da vida cósmica, unindo todos os seres num só espírito que é o próprio Deus, não é mesmo?
– Não é porra nenhuma! Deus sou eu! Volta lá pra tua terra, fico com o Moisés mesmo. BAH!
– Eu, hein, Creuza! Quanto recalque! Pode deixar, vou embora MESMO. Tchau, monas!
– A-audácia da bi-bicha, hein, Ja-Javé.
– Não torra, Moisés.

A consagração dos sacerdotes

(**Êxodo 29**)
– Podemos continuar, Moisés?
– C-claro, J-Jajá...
– Jajá é o caralho, porra! Não abusa, que se não eu acabo com a tua raça. Humpf. Presta atenção aí que essa parte da consagração dos sacerdotes é importante. Olha o que cê vai fazer: Cê vai pegar um novilho e dois carneiros sem defeito, mais um monte de pães, bolos e broas, tudo sem fermento. Aí cê vai botar todos esses pães num cesto e levar até o Tabernáculo junto com o novilho e os carneiros. Cê tá prestando atenção, Moisés? Tá anotando?

– T-tô, po-porra!
– Vê lá, hein? Não vá me fazer merda na hora. Onde é que eu estava? Ah! Cê vai levar essa bagulhada toda pra porta do Tabernáculo. Aí você vai falar pra Arão e os filhos dele se aproximarem, e vai dar banho neles.
– Ah, Ja-Javé! N-não fo-fode!
– Achou engraçado me chamar de Jajá, né? Pois agora vai dar banho em marmanjo, quero nem saber. Depois que eles estiverem limpinhos, cê vai passar talquinho nas dobrinhas do Arão.
– PO-PORRA!
– Hehehe, essa parte aí é sacanagem. Cê vai vestir Arão e os filhos dele com as roupas que vocês vão fazer conforme os desenhos do Clodovil. E não vá se esquecer das cuecas, hein? Se eu vir um bago que seja dentro daquela porra daquele Tabernáculo, eu mato todo mundo, tá entendendo?
– Po-pode d-deixar, não v-vou e-esquecer as cu-cuecas.
– E faz muito bem. Bom. Todo mundo limpinho, de roupinha nova. Aí cê vai pegar azeite e derramar na cabeça do Arão.
– A-azeite? E de-depois? Vi-vinagre? S-sal? Mo-molho Rosé? Um li-limãozinho?
– Porra, Moisés, quantas vezes eu vou ter que te explicar que estou tentando criar uma religião aqui? Uma religião não se faz sem rituais! Precisa de coisas desse tipo aí, ou não vai pra frente. Esse azeite aí é uma demonstração de que o cara foi consagrado para o meu serviço, entendeu?
– N-não.
– Bah, foda-se. Cê vai fazer assim como eu tô mandando e pronto. Não tô bom hoje. Pois bem, onde eu estava? Ah, agora que vem a parte legal! Sabe o que teremos agora, Moisés?
– S-sei. SA-SANGUEEEEEEEEEEEE!
– Isso aê! Muito bem, tá aprendendo. Cês vão trazer o novilho pra perto do Tabernáculo e Arão e os filhos dele colocarão as mãos sobre a cabeça do bicho. Aí cê vai degolar o novilho, molhar o dedo no sangue dele, passar o dedo nos quatro cantos do altar e derramar todo o resto do sangue na base do altar. Ai ai, esse papo tá me dando água na boca... Hmmmmm... Aí cê vai pegar toda a gordura que cobre as entranhas do novilho, mais a melhor parte do fígado e os dois rins, e queimar tudo isso sobre o altar, que eu também gosto de comer miúdos.
– Q-que n-nem os pa-padres?
– Não esses miúdos, Moisés. Porra, não me compromete! Tô falando dos miúdos dos animais, o fígado, os rins, essas coisas.
– Ah...
– Prestenção, Moisés, prestenção... Bom, feito isso cê vai queimar a carne, o couro e a merda do novilho fora do acampamento, que isso será o sacrifício pelo pecado de vocês. Depois disso, cê vai pegar um carneiro, os caras vão botar a mão na cabeça dele e cê vai degolar o bicho. Aí cê vai espargir o sangue do carneiro no altar e depois queimar o carneiro inteiro sobre ele. Gosto do cheirinho de carneiro assado, sabe? Então esse aí vai ser meu prato principal. Depois cê vai pegar o outro carneiro e fazer toda presepada de novo, mão na cabeça e degola. Com esse vai ser diferente, pra inventar outro ritual: Cê vai pegar o sangue do carneiro e manchar com ele a ponta da orelha direita de Arão e de seus filhos. E vai fazer a mesma coisa com o polegar direito e o dedão do pé direito de cada um deles: Manchar com sangue desse segundo carneiro. O resto do sangue, cê vai aspergir sobre o altar. Aí cê vai fazer uma mistureba do azeite da unção com o sangue do altar e borrifar essa meleca nojenta sobre Arão e seus filhos.
– P-pra que i-i-isso, Ja-Javé?
– Ai ai ai... Fora o negócio todo do ritual, que parece que cê não vai entender nunca mesmo, serve como diversão pra mim. Imagina só, eu já vou estar de bucho cheio, nada como dar umas risadas pra fazer a digestão.
– T-tá. E o q-que eu fa-faço c-com e-esse se-segundo ca-carneiro?
– Ah, é. Cê vai separar a gordura dele, o fígado, os rins e a coxa direita. Esse aí é o carneiro da consagração, olha que nome bonito. Aí cê vai tirar do cesto um pão, um bolo e uma broa, e entregar para Arão. O mesmo para os filhos dele. Aí eles vão ficar balançando os pães feito retardados, pra eu rir bastante, e depois você vai queimar tudo no altar. Aí cê vai pegar o peito do carneiro pra você.
– P-pra m-mim?
– É, porra. Cê achou que eu ia deixar você fazer tudo isso sem comer nada? Não sou tão ruim

assim, pombas.O peito do carneiro é seu, o resto é para Arão e os filhos dele. Cê vai cozinhar esse carneiro e Arão e os filhos vão comer a carne, junto com os pães, na porta do Tabernáculo, que é pra todo esse povo bunda ver e ficar lambendo os beiços. E o que sobrar dessa comilança será queimado, porque é santo e coisa e tal.
– Q-que de-desperdício... B-bom, é s-só i-isso?
– Tá quase no fim, güentaí. Me empolguei com essa parte da comida aí. Todo dia eu vou querer um novilho, que cês vão oferecer como oferta pra eu perdoar os pecados de vocês. Isso por sete dias, que é pra purificar o altar. Feito isso, o altar será considerado santo, por eu já ter comido tanto nele. Depois disso, todo dia cês vão me oferecer dois cordeiros de um ano de idade, um de manhã e outro à tardinha. O da manhã será oferecido com farinha de trigo, azeite e vinho. O da tarde, com cereais. Vê lá, hein? Todo dia, que é pra eu não ficar puto e sair matando todo mundo.
– Cê p-precisa co-comer me-menos, Ja-Javé. Cê tá g-gordo p-pra ca-caralho...
– Bah, e daí? Morrer é que eu não vou, então quero mais é me esbaldar. Agora cê me dá licença que eu vou ali fazer um lanchinho, essa conversa toda sobre comida abriu meu apetite. Quando eu voltar, falaremos do altar do incenso.
– Po-porra, a-ainda t-tem m-mais???
– Relaxa, Moisés. Se sobrar alguma coisa do meu lanchinho, eu trago aqui pra você. Volto já.

O altar de queimar incenso

(**Êxodo 30:1-10**)
– Ai, Moisés, comi pra caralho... Deixa eu ver se sobrou uma coisinha pra você. Hum... Hum... Aqui. Toma, pode comer tudo.
– U-um ta-talo de a-aipo???
– Ué, foi só o que sobrou. Não reclama, pelo menos é saudável. Vai roendo seu aipo aí.
– Po-porra...
– Bah, Moisés! Deixa de ser resmungão. Vamos agora ao altar de incenso. Vai ser de acácia também. Terá noventa centímetros de altura e a superfície será um quadrado de quarenta e cinco centímetros de lado. Nos quatro cantos haverá pontas, que formarão uma só peça com o altar, assim, ó. O resto é o de sempre: Tudo revestido de ouro, com um remate de ouro em volta, argolas e cabos para o transporte. O altar vai ficar em frente à cortina que divide o Tabernáculo. Todo dia de manhã e à noite Arão vai queimar incenso lá, pra perfumar o ambiente. E vê lá, hein? Não vão fazer confusão com o **altar dos sacrifícios**. Esse altar é só para o incenso.Uma vez por ano o Arão vai purificar o altar pondo sangue do animal sacrificado nas quatro pontas.
– Ta-tava de-demorando pra fa-falar em s-sangue...
– Não torra, Moisés.

O imposto para o Tabernáculo

(**Êxodo 30:11-16**)
– Anotou aí o negócio do altar de incenso, Moisés? Então peraí, que tá tudo uma zona nesse notebook aqui. Deixa eu ver... Ah! O recolhimento do imposto para o Tabernáculo.
– I-imposto? P-pra q-que i-imposto?
– Ô, Moisés, cê acha que é só construir o negócio e depois não tem mais despesas? Precisa de dinheiro pra manutenção do Tabernáculo, bicho.
– Bi-bicho?
– Hum. Escapou. Não sei de onde tirei isso... Bom, vamos lá. O imposto. Sempre que você for fazer o recenseamento do povo de Israel, vai recolher o imposto. No recenseamento só serão contados homens com mais de vinte anos, então só eles pagarão o imposto, que será de meio siclo de prata por cabeça.
– M-meio si-siclo? Q-quanto é i-isso.
– Ai caralho, tem que explicar tudo... Peraí. Meio siclo é... 5,712 gramas.
– T-tá.
– Então cê vai recolher isso aí, e todos vão pagar.

– Co-como você sa-sabe q-que não v-vai t-ter so-sonegação, Ja-Javé.
– Arrá! Fácil! Cê vai dizer que esse é o valor do resgate pela vida deles, que eles têm que pagar para que não lhes aconteça nenhuma desgraça ou coisa assim.
– Po-porra, i-isso é e-e-extorsão!
– Bah, chame como quiser. O que importa é que eles vão pagar direitinho. E eu me lembrarei de protegê-los.
– Vo-você vai n-nos p-proteger de vo-você m-mesmo?
– É isso aí.
– Q-que sa-sacanagem...
– Sacanagem nada, Moisés! Os fins justificam os meios. Fins, meios, começos... Porra! Esse notebook tá uma zona! Olha aqui, achei mais uns arquivos aqui que ainda têm coisa para a construção do Tabernáculo. Veja você... Bom, vai anotando aí.
– A-ai meu sa-saco...

A pia de bronze, o azeite para ungir e o incenso sagrado

(**Êxodo 30:17-38**)
– Pronto, Moisés, achei. Olha aqui o que tava faltando. A pia.
– P-pia? V-vai ter la-lavabo no T-Tabernáculo?
– É, mais ou menos. É para o Arão e os filhos dele lavarem as mãos e os pés sempre que entrarem no Tabernáculo. Se os putos não se lavarem direitinho, mato todos. Não gosto de gente porca.
– Pu-puta e-exagero...
– Exagero? Cê não viu nada, espera só até a gente chegar no Levítico... Mas então, a pia vai ser de bronze, com uma base também de bronze e vai ficar entre o Tabernáculo e o altar dos sacrifícios. Anotou?
– A-anotei.
– Pois muito bem. Agora as receitas. Primeiro o azeite para ungir. Vocês vão fazer esse azeite com quinhentos siclos de...
– P-pára! N-nem vem c-com e-esse ne-negócio de s-siclos, Ja-Javé. N-não complica.
– Ai meu saco... Peraí. Pronto. 5,7 quilos de mirra pura, 2,8 quilos de canela aromática, 2,8 quilos de cálamo aromático...
– Ô-opa! Ca-canhâmo? T-tá fi-ficando b-bom o ne-negócio...
– Cânhamo o cacete, Moisés! CÁLAMO! Porra. Vamos em frente, vê se não me interrompe com bobagens. Onde eu estava? Hum. 5,7 quilos de cássia e 6 litros de azeite de oliva. Cê vai achar aí no meio do povo um perfumista decente para juntar os ingredientes e fazer o azeite direitinho.
– E p-pra que e-esse a-azeite, Ja-Javé? C-cansou de t-tanto s-sangue e a-agora v-vai co-começar a co-comer sa-saladinha?
– Que saladinha **u'a sanfona**! Como você é burro! Não falei que esse azeite é para ungir? Então! Com esse azeite vocês vão ungir a parafernália toda: a arca, a mesa com todos os utensílios, o candelabro, o altar do incenso, o altar do holocausto, a pia. Isso aí será um ritual para consagrar essas coisas todas. Fora as tranqueiras, Arão e seus filhos também serão ungidos com esse azeite, **do jeito que eu expliquei**. E tem um detalhe: O *Azeite Para Ungir de Javé*® é exclusividade da *Javé Corporation*! Qualquer um que fizer azeite com essa receita para uso fora do Tabernáculo sofrerá processo, pagará indenização e será banido de Israel. Entendido?
– S-sim.
– Beleza. E aí tem outro produto da *Javé Corporation*, o Inc*enso Sagrado de Javé*®. Espera aí, deixa eu achar a receita aqui.
– C-cê tá p-prendado, he-hein, Ja-Javé?
– Pois é, rapaz. Peguei essas receitas no programa da Ana Maria Braga. Aliás, tem outra, ensinando como fazer sachê. Depois eu te passo, menino, aí você pode colocar dentro da arca para não embolorar as tábuas dos Dez Mandamentos e... Caralho, que que eu tô falando??? Tira esse sorrisinho idiota da cara e anota aí a receita pro *Incenso Sagrado de Javé*®. Será feito com especiarias aromáticas: benjoim, ônica, resina medicinal e incenso puro. O mesmo perfumista encarregado da fórmula do *Azeite Para Ungir de Javé*® produzirá o *Incenso Sagrado de Javé*®, que será colocado em frente à arca. Quem produzir incenso com a mesma

receita do *Incenso Sagrado de Javé®* sofrerá as penas já mencionadas: processo, indenização e expulsão. Aanotou tudo aí?
– A-anotei.
– Então assina aqui. Pronto, tudo certo. Só tem uma coisinha... Esse negócio de deixar você escolher os caras que trabalharão na construção do Tabernáculo e na decoração toda, sei não, acho que não vai dar certo...
– Po-porra, Ja-Javé, n-não co-confia em m-mim.
– Confio, Moisés, confio. Só que tem que você é meio burrinho, sabe? Acho que vou eu mesmo escolher esses caras, peraí.

Deus escolhe os operários para a construção do Tabernáculo e relembra o descanso no sábado

(**Êxodo 31:12-18**)
– Pronto, Moisés. Tava consultando meu banco de dados aqui e achei uns caras bons pra fazerem esse negócio todo. Cê conhece o Bezalel?
– Be-bezalel? Que Be-Bezalel?
– AQUELE QUE TE COMEU NO BANCO DO CORCEL! RÁ!
– N-não fo-fode, Ja-Javé...
– Porra, Moisés, o Bezalel! Filho do Uri, neto do Hur. O cara é da tribo de Judá. Cê conhece sim.
– Ah, co-conheço o U-Uri. N-nem sa-sabia que o fi-filho d-dele ch-chamava Be-Bezalel. A-agora j-já sei q-quem é.
– Então. O Bezalel é foda. Inteligente, competente, hábil em tudo que é trabalho artístico: Desenho, pintura, escultura, ourivesaria, marcenaria, artesanato, é tudo com ele. Muito bom mesmo. Então eu escolhi o Bezalel para construir o Tabernáculo e todas as coisas que eu te instruí.
– M-mas o ca-cara v-vai fa-fazer tudo so-sozinho?
– Claro que não, né? Ele vai coordenar o troço todo, orientar, ensinar, essas coisas. Tem outro cara que eu acho que seria um bom auxiliar direto pra ele, deixa eu ver aqui... Cê conhece o Aoliabe?
– Q-que A-Aoliabe?
– AQUELE QUE TE CO...
– Ca-caralho, Ja-Javé...
– Tá bom, tá bom. Nem ia conseguir achar uma rima pra Aoliabe mesmo... Ele é filho de um tal Aisamaque, da tribo de Dã. Eles dois vão ser os chefes da obra do Tabernáculo. Os trabalhadores estão nessa lista aqui, guarda bem. São os melhores artistas de Israel, que é para minha tenda ficar bem bonita. Eles vão fazer tudo exatamente como eu mandei, trabalhando com diligência. Mas tem uma coisa, presta bastante atenção! O sábado é dia de descanso. Quem trabalhar no sábado, morre.
– P-pô, mo-morrer p-por va-vagabundagem a-ainda v-vá lá, m-mas mo-morrer p-porque t-tá t-trabalhando?
– Moisés, Moisés... Cê não percebe mesmo nada desse negócio de rituais e tal. Os outros povos precisam ver que Israel é diferente. Só que não tem muito como diferenciar vocês dos outros. Se eu tivesse pensado nisso antes, em vez de **fechar negócio com Abraão**, teria escolhido algum japonês. Aí ia ser fácil: Quem tivesse olho puxado seria do meu povo, quem não tivesse, não seria. Mas só fui pensar nisso agora, tarde demais. O negócio é que os israelitas não têm nenhuma característica que os diferencie de outros povos. Bom, o tamanho do nariz talvez, mas isso é muito relativo. Então vou inventando coisas: **Circuncisão**, sábado, rituais religiosos. E o sábado é especialmente importante, por causa daquela historinha lá de eu ter criado o mundo em seis dias e descansado no sétimo. Entendeu agora?
– A-acho q-que sim.
– Pois muito bem, acho que é só. Pega aqui as duas tábuas de pedra onde estão os Dez Mandamentos. Desce lá, fala com o povo sobre o negócio todo que conversamos, começa a... Peraí, o celular. Alô! Ô, Gabriel, diz aí... Como é que é? Eles não fizeram isso! IMPOSSÍVEL! FILHOS DA PUTA!
– Q-que f-foi, Ja-Javé?
– Vai embora, Moisés, que o bicho tá pegando lá embaixo. Fodeu, Moisés, fodeu!

O bezerro de ouro

(**Êxodo 32**)
Opa! E aí, meu povo? Sentiram minha falta? Pois é, estive ausente esse tempo todo, mas agora já...
– Peraí, peraí, pára tudo. Quem é você, cacete?
Como assim, quem sou eu? Sou o narrador, porra!
– Narrador? Essa história não tem narrador, são diálogos entre deus e Moisés.
Ai meu saco, esses leitores de primeira viagem... A história tem narrador sim, só que os últimos capítulos foram só de diálogos. Agora voltei pra contar essa passagem que é muito importante para nossa história.
– Ah, entendi! Legal, narrador. Mas diz aí, que passagem é essa tão importante?
Puta que pariu, nego não presta atenção mesmo... Vamos começar de novo? Nosso assunto hoje é...

O bezerro de ouro
Moisés passou quarenta dias no monte Sinai. E conforme o tempo ia passando, a desconfiança do povo ia aumentando: Uns achavam que já tivesse morrido, outros que tivesse voltado ao Egito. Então alguns deles foram falar com Arão:
– Arão, cadê o teu irmão, cara? O cara tira a gente do Egito e depois some? Sacanagem! Na boa, esse tal de Javé aí que ele tanto fala deve ser invenção. Precisamos de outro deus e de outro líder para continuarmos nossa migração. E aí, que que você diz?
– Hum. Outro líder, é? Interessante... Façam o seguinte: Tirem todas as jóias de ouro que suas mulheres e filhas estiverem usando e tragam tudo pra mim.
– Nossa, Arão, a gente não sabia que você era tão vaidosinho!
– Não é nada disso, porra. Tragam lá os penduricalhos, eu sei o que tô fazendo.
Mesmo ressabiados, foram buscar as jóias e trouxeram para Arão. Ele derreteu tudo, despejou num molde e fez um bezerro de ouro.
– Valeu, Arão! Boa! Aê, galera! Esse é o nosso deus, que nos tirou da terra do Egito!
Arão, todo vaidoso de seu feito, disse:
– É isso aí! E amanhã teremos uma festa em honra ao nosso deus.
Na manhã seguinte, o povo trouxe alguns animais para serem oferecidos como sacrifício e outros para serem comidos. E, ao que consta, foram comidos nos dois sentidos: Os israelitas fizeram uma baita duma orgia, com muita comilança, bebida e putaria. O anjo Gabriel, que ia passando por ali, viu a zona toda e tratou logo de ligar para deus.
– Alô!
– Senhor, aqui é o Gabriel.
– Ô, Gabriel, diz aí.
– Tenho más notícias. Os israelitas arrumaram outro deus pra eles.
– Como é que é?
– É isso mesmo. Fizeram um bezerro de ouro e agora dizem que foi o bezerro que os tirou do Egito.
– Eles não fizeram isso!
– Fizeram, e não foi só isso: Estão oferecendo sacrifícios ao ídolo e aprontando uma puta suruba aqui embaixo.
– IMPOSSÍVEL! FILHOS DA PUTA!
E aí, como vimos no **último capítulo**, deus falou para Moisés descer do monte porque o bicho tava pegando lá embaixo.
– E desce depressa, Moisés. Esses filhos da puta que VOCÊ tirou do Egito me apunhalaram pelas costas.
– E-eu ti-tirei do E-Egito? Ué, n-não e-era vo-você q-que e-estava s-se ga-gabando a-até a-agora a po-pouco de t-ter li-libertado o po-povo?
– Não me contraria, Moisés, que eu já estou bastante puto sem isso.
– O q-que a-aconteceu?
– Eles fizeram uma porra de um bezerro de ouro e agora tão na maior putaria lá, dizendo que o tal bezerro é o deus deles. Puta que pariu, eu sabia que ia dar nisso! Ô povinho cabeça dura!
– Ca-calma, Ja-Javé.

– CALMA É O CARALHO! Não tenta me acalmar não, que hoje ninguém me segura. Vou descer lá e acabar com a raça deles, não vai sobrar um!
Mas você não se preocupe, Moisés: Vou começar tudo de novo com você, seus descendentes serão meu novo povo escolhido. Porque esse povo aí não deu certo.
– Ô, Ja-Javé, p-pensa bem. Cê te-teve a-aquele t-trabalhão to-todo pra ti-tirar o povo do E-Egito, com mi-milagres e p-pragas, e a-agora v-vai ma-matar t-todo m-mundo? S-será que va-vale a p-pena?
– Ah, Moisés, sei não, sei não. Porra, foi eu virar as costas um pouquinho e os caras já arrumaram outro deus!
– Ja-Javé, p-pelo m-menos se l-lembre da p-promessa q-que vo-você f-fez à-àqueles três ca-caras, co-como e-era m-mesmo o no-nome d-deles?
– Abraão, Isaque e Jacó. Bons tempos... Putz, e eu fiz um trato com eles, né? Cê tá certo, Moisés. Vou pensar com mais calma no que vou fazer. E você desce lá agora, pra ver direito o que está acontecendo, talvez Gabriel tenha exagerado.
– T-tá b-bom. A-até m-mais, Ja-Javé.
Moisés saiu e encontrou Josué dormindo embaixo do sofá da recepção. E ele nem se lembrava mais que **tinha trazido Josué junto com ele**.
– Jo-Josué? A-acorda, Jo-Josué! V-Vamos d-descer.
– Hum? Hã? Hein? Hein? Ah, oi, Seu Moisés. Terminou lá o papo com deus?
– T-terminei. E a-agora t-temos que d-descer r-rápido.
– Mas pra que a pressa?
– N-não po-posso e-explicar a-agora. V-vamos!
E lá foram Moisés e Josué descendo o monte. Moisés levava com ele as tábuas dos Dez Mandamentos. Já chegando perto do pé do monte, dava para ouvir uma gritaria que vinha do acampamento.
– Ih, Seu Moisés! Tá ouvindo o barulho lá embaixo? Parece barulho de guerra.
– G-guerra na-nada. T-tô o-ouvindo ge-gente ca-cantando.
– Porra, como são desafinados!
Quando chegaram perto do acampamento, viram o povo dançando e cantando em volta do bezerro de ouro. E Moisés, que tinha achado que a história toda fosse exagero do Gabriel, ficou muito puto: Deu um berro, quebrou as tábuas dos Dez Mandamentos e acelerou o passo na direção do bezerro. O povo, assustado com a repentina aparição do líder que eles julgavam morto ou desertor, deu passagem a ele. Moisés pegou o bezerro, queimou no fogo e moeu até virar pó. Depois espalhou o pó na água e fez o povo beber. Dado esse castigo, foi falar com Arão.
– Po-porra, A-Arão! Q-que me-merda vo-você f-fez a-aqui???
– Er. Hum. Veja bem, Moisés.
– Ve-veja b-bem é o ca-cacete!
– Calma, Moisés! Não fique com raiva do seu irmão. Não tenho culpa disso aí. Cê sabe como esse povo aí é mau. Vieram pra cima de mim com um papinho que achavam que você tivesse morrido. E, porra, cê ficou quarenta dias lá em cima sem dar sinal de vida, acabamos pensando o pior. E então eles queriam outro deus, e não sei o quê, e não sei que mais... Trouxeram para mim as jóias de ouro deles e aí... E aí...
– E a-aí...?
– E aí eu joguei as jóias no fogo e saiu esse bezerro! – Não estou inventando isso, podem conferir no **versículo 24**.
– Po-porra, A-Arão, co-conta o-outra!
Moisés ficou enfurecido. Para não descer o braço no irmão, saiu dali, foi para a entrada do acampamento, pegou um microfone e anunciou:
– Q-Quem é a-amigo d-do Ja-Javé, pa-passe p-para o la-lado de cá!
O povo estava com muita vergonha do que tinha feito, então ninguém se mexeu. Depois de um tempo, com a situação ficando muito constrangedora, os homens da tribo de Levi (que era a tribo de Moisés e Arão) se reuniram em volta de Moisés.
– Ah, e-então os le-levitas são a-amigos do Ja-Javé?
– Somos, Moisés!
Então Moisés deu a eles uma ordem tão cruel que nem Javé faria melhor: Mandou que saíssem pelo acampamento matando a sangue frio suas famílias, seus amigos e seus vizinhos. Eles obedeceram, e naquele dia mataram cerca de três mil homens. Moisés, que ao que parece tinha adquirido de deus a sede de sangue, ficou muito orgulhoso deles e disse que a partir

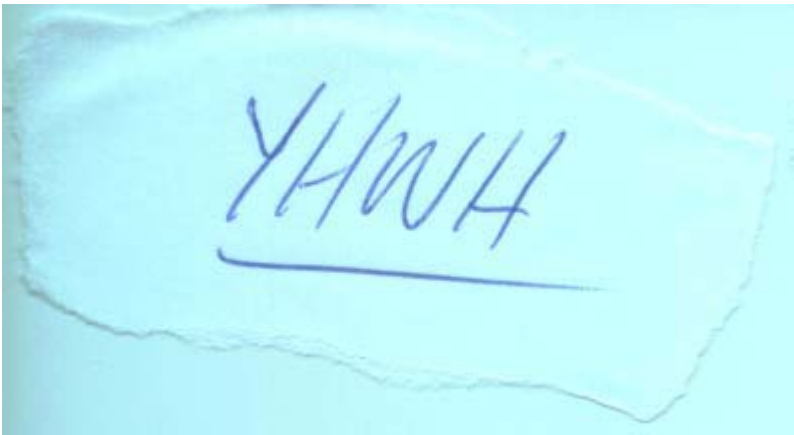
daquele dia os levitas seriam sacerdotes de Javé. É justo: Para um deus sanguinário, nada melhor que sacerdotes sanguinários.
Depois da carnificina, Moisés voltou ao monte Sinai para falar com deus.
– Ô, Ja-Javé. E-eu vi o q-que a-aconteceu lá e-embaixo. N-não era e-exagero do G-Gabriel não. M-mas p-perdo e-eles, Ja-Javé.
– Que perdoar o quê, Moisés! Pensei bem e vou mesmo sair matando geral.
– S-se vo-você n-não v-vai p-perdoar o po-povo, po-pode r-riscar m-meu no-nome d-da s-sua a-agenda.
– Porra, Moisés, aí cê tá pegando pesado. Riscar seu nome da agenda de telefones? Mas você é meu amigo, Moisés! Vai deixar de ser meu amigo por uma bobagem dessa?
– V-vou.
– Cáspita. Tá bom, tá bom, deixa pra lá. Mesmo porque você já deu um bom castigo pra eles, com aquele papo de fazer eles beberam água com ouro em pó e depois ainda obrigar os levitas a saírem matando as pessoas mais próximas deles. Parabéns, estou orgulhoso de você. Mas agora trata logo de levar esse povo para a terra que eu prometi a vocês. Vou mandar aquele anjo lá, o segurança, pra guiar vocês. É melhor que eu não vá junto, porque estou com muita raiva dos israelitas, não vou agüentar. E, de uma forma ou de outra, vou castigar esse povo.
Então deus castigou o povo de Israel com uma doença. A Bíblia não diz que doença foi essa, mas não deve ter sido coisa suave, afinal estamos falando de um deus cruel.

Deus promete ir com o povo

(**Êxodo 33**)
Muito bem, muito bem, este blog era sobre o que mesmo? Ah, aquele papo todo da Bíblia e tal. Então vamos lá.
Moisés não gostou nada da idéia de fazer toda aquela viagem só com o anjão segurança. O cara era truculento, folgado, entrava nas tendas sem bater, almoçava cada dia com uma família sem ser convidado, um inferno. Então lá foi Moisés falar com deus:
– Ô Ja-Javé, que p-puta sa-sacanagem! Q-quer que e-eu g-guie esse po-povaréu t-todo so-sozinho?
– Sozinho não, Moisés. Esqueceu do anjo?
– E-esqueci n-não, e-esse é o p-problema, o t-tal a-anjo s-só a-atrapalha. P-porra, Ja-Javé, q-quebra essa! Cê n-não di-disse que t-tá go-gostando do meu t-trabalho, que m-meus re-resultaqdos são b-bons e s-sei lá o q-quê?
– É, falei.
– E-então! Eu po-poderia até pe-edir a-aumento, co-cobrar aqueles b-bônus a-atrasados ou e-exigir pa-participação nos lu-lucros. Mas s-só pe-peço a vo-você que v-vá c-com a ge-gente.
– Ah, Moisés, não sei não... Eu já falei que não ia, se mudar de idéia pode pegar mal.
– Se-seguinte: Se vo-você n-não f-for, a ge-gente nem s-sai daqui. C-com que ca-cara a g-gente vai ch-chegar em Ca-Canaã sem d-deus ne-nenhum? Os ca-caras v-vão tirar sa-sarro da n-nossa ca-cara. Ah, n-não! Ou vo-você p-promete ir ou fi-ficamos por a-aqui m-mesmo.
– Cacete! Era o que me faltava! Eu sabia, eu sabia: Foi só o Lula ganhar a eleição que já começou essa baderna de greve, piquete, o caralho a quatro. Puta que pariu!ARGH! Tá bom, vai. Eu vou com vocês. Tá satisfeito agora, seu subversivo?
– T-tá me-melhorando. M-mas tem m-mais uma co-coisinha...
– Ai meu saco...
– S-seu sa-saco não: Sua ca-cara. Faz t-tempo que a ge-gente se co-conhece e eu n-nunca vi a s-sua ca-cara.
– Ai caralho... Moisés, você não pode ver minha cara. Ninguém pode. Quem vê minha cara, morre.
– Po-porra, cê é t-tão f-feio a-assim, Ja-Javé?
– Feio é **meu pau de óculos em Londres**! Aquele que contemplar meu rosto morrerá ofuscado pelo esplendor da glória emanada da face divina, irradiando uma luz tamanha que até...
– De-devagar com a vi-viadagem, Ja-Javé.
– Epa, foi mal. Então, o caso é que você não pode ver a minha cara. Mas vou dar um jeito. Tem um lugar aqui perto onde você poderá ficar em cima de uma rocha. Quando eu for passar, colocarei você numa rachadura da rocha e o cobrirei com a mão. Depois que eu passar, tiro a

mão e você pode me ver pelas costas.
– Pe-peraí, d-deixa eu v-ver se e-entendi: E-então o-olhar pra s-sua ca-cara não po-pode, mas a b-bundinha vo-você m-mostra pra quem qui-quiser?
– É isso aí... NÃO, PORRA! NUM FODE!
– Hehehe... Mas j-já que vo-você e-está a-aberto a ne-negociações hoje, bem q-que po-podíamos co-conversar so-sobre a-aquela p-participação nos l-lucros, né?
– Já disse, num fode...
– T-tá b-bom, t-tá b-bom...

As novas tábuas da lei

(**Êxodo 34:1-28**)
Ah, seus fariseus malditos! Acharam que a história tinha acabado, né? Até o Moisés achou, acabou dormindo, o velho safado. Mas eis que o telefone tocou.
– A-Alô?!
– CARALHO, MOISÉS! ACORDA, SEU FELADAPUTA!
– Hu-hum? He-hein? Ô. Fa-fala Ja-Javé.
– Porra, faz um tempão que o telefone tá tocando!
– D-desculpa, pe-peguei no so-sono.
– Cáspita. Seguinte: Corta duas tábuas de pedra aí pra eu escrever de novo os Dez Mandamentos nelas.
– Co-como é q-que eu v-vou co-cortar pe-pedra, Ja-Javé? T-tenho m-mais de o-oitenta a-anos, s-sem fe-ferramentas.
– Sei lá. Dá seus pulos. Ninguém mandou quebrar as tábuas originais.
– Pu-puta que p-pariu...
– Não chia. Nisso é que dá ficar tendo faniquitos. "Ui, um bezerro de ouro, vou quebrar tu-di-nho". Se fodeu. E tem mais: Amanhã de manhã você vem aqui no monte Sinai que eu quero conversar com você.
– T-tá b-bom.
Então Moisés, que não era besta nem nada, mandou Josué cortar as duas tábuas de pedra e na manhã seguinte subiu o monte Sinai. Quando já estava lá em cima, deus desceu do céu numa nuvem.
– Moisés, prepare-se! Vou revelar o meu nome sagrado!
– S-sim, Ja-Javé!
– Prestenção! Meu nome sagrado é... YHWH!
– Sa-saúde.
– Hein?
– O q-quê?
– Que foi?
– Fa-fala s-seu no-nome sa-sagrado, Ja-Javé.
– Ai caralho. Meu nome sagrado é... YHWH!
– Sa-saúde.
– Saúde porra nenhuma, Moisés! Tô te falando meu nome sagrado!
– M-mas vo-você e-espirra no m-meio do ne-negócio, n-não e-entendo na-nada.
– Espirro nada! Peraí, vou anotar meu nome sagrado num papel. Olha aqui meu nome sagrado:

– Hum. E co-como se p-pronuncia i-isso?
– Ora! Pronuncia-se como se escreve! YHWH!
– I-isso é i-impronunciável, Ja-Javé! Po-posso te ch-chamar de YMCA?
– Só se for pra eu chamar Israel, O Meu Povo Escolhido de *Village People*. Claro que não pode me chamar de YMCA, cacete! Bah, deixa isso pra lá, me chama de Javé mesmo. E agora vamos fazer aquela presepada toda que tínhamos combinado.
– Q-que p-presepada?
– Ah, eu colocaria link aqui, mas o arquivo do blog tá todo bagunçado. Lembra do que combinamos, que eu ia botar você numa fenda na rocha, cobrir você com a mão e tirar a mão depois que passasse?
– Ah, le-lembrei! A p-presepada de mo-mostrar a b-bundinha!
– Não fode... Bom, vamos lá.
Então deus botou Moisés num buraco, cobriu com a mão e passou. Enquanto passava, ia dizendo:
– Eu sou é deus, tá sabendo? DEUS! Sou um cara legal, tenho paciência com esse bando de inúteis que é o povo de Israel! Eu sou o grande deus, que perdoa os pecados dos homens, precisando para isso de apenas alguns litros de SANGUEEEEE! E apesar de misericordioso, não tomo o culpado por inocente, e castigo até os filhos e os netos de quem me sacaneia. Que que eu tô dizendo? Castigo até a quarta geração! Eu sou foda! Sou o maioral! Lambam minhas bolas!
Então deus passou e tirou a mão, deixando que Moisés o visse pelas costas. E eis que era jeitosinha a bunda de Javé.
– Be-bela b-bunda, Ja-Javé. A-andou ma-malhando?
– Pô, Moisés, obrigado. Sabe como é, ando bastante de bicicleta...
– Pa-parabéns... Mas, d-diz aí, vo-você v-vai m-mesmo com a g-gente, né?
– Vou, Moisés. E para isso vou fazer um pacto com vocês. Um pacto com todo o povo.
– Xi, t-tá a-aprendendo com o Lu-Lula, é?
– Calaboca. O pacto é o seguinte: Eu vou fazer na frente de vocês as maiores maravilhas que já se viu. Cês vão ficar bestas. Mais bestas ainda do que já são. E o povo que mora lá em Canaã vai ficar aterrorizado com tanta coisa impressionante que eu vou fazer. E eu expulsarei todos eles de lá, para entregar a vocês aquela terra. Mas vocês têm que colaborar também: Não façam conchavos com eles, para que não sejam má influência para vocês. Pelo contrário: Vocês vão chegar lá quebrando tudo, principalmente os ídolos deles. Não quero que vocês tenham nenhum tipo de ligação com aqueles povos, não quero casamento entre vocês, nada. Esse é o pacto.
– S-só i-isso?
– Não, tem mais. Mas não vou ficar aqui falando. É tudo confirmação do que falei pra você daquela outra vez em que você ficou quarenta dias aqui. Vou mandar os detalhes para seu email. Ah, e pega esse papel aqui.
– Q-que é i-isso?
– Os Dez Mandamentos. Pode ir entalhando aí nas pedras.
– U-ué. M-mas vo-você n-não di-disse que ia e-escrever os m-mandamentos na pe-pedra?

– Hehehe. Sacaneei!
– Fi-filho da p-puta...
Então Moisés passou mais quarenta dias e quarenta noites no Sinai, em absoluto jejum, entalhando os Dez Mandamentos nas tábuas de pedra e xingando Javé.

Moisés desce do Sinai todo purpurinado

(**Êxodo 34:29-35**)
Passados os quarenta dias, Moisés desceu do monte Sinai. Só que uma coisa estranha aconteceu: O rosto dele estava brilhando! Então quando veio anunciar ao povo os Dez Mandamentos e todas as outras leis, todo mundo estranhou. Ninguém chegava perto, achando que Moisés tinha virado bicha. Mas Moisés, inconsciente de sua condição de purpurinado, insistiu para que Arão e outras autoridades do povo se aproximassem. Eles vieram, se bem que relutantes, e ele falou com todos. Depois disso, Arão foi falar com ele:
– Moisés, tem alguma coisa que você queira me contar?
– N-não, A-Arão. P-por quê?
– Na boa, Moisés. Somos irmãos. Pode confiar em mim, eu vou entender e respeitar sua nova opção, se for o caso. Só não esconda nada de mim.
– Q-que p-porra cê tá f-falando, A-Arão?
– Caralho, Moisés, se olha no espelho!
– E-espelho? Q-que que t-tem? Ih, ca-caraca! T-tô b-brilhando!
– Foi o que eu disse, oras. O que significa isso?
– S-sei l-lá! B-bem que eu de-desconfiei do Ja-Javé, com a-aquele pa-papo de m-mostrar a b-bunda e tal...
– Poupe-me dos detalhes dessa viadagem entre você e o Javé. Mas dá um jeito de limpar isso aí, pega mal pra caralho.
Moisés bem que tentou limpar a cara, mas o brilho não saía. Então resolveu que era melhor esconder o rosto, e passou a usar um véu, o que foi pior ainda.
– QUE MERDA É ESSA AGORA, MOISÉS???
– Ah, A-Arão, o n-negócio n-não sa-saía, e-então...
– ... Então a santa vai andar de véu pra cima e pra baixo agora? Só me faltava essa, meu irmão virar viado depois de velho!

*(**Nota do autor:** Para minha alegria e satisfação, meu irmão virou viado ainda bem novinho, evitando que eu tivesse o mesmo desgosto que Arão teve)*

E então passou a ser assim: Moisés andava o dia inteiro de véu, que ele só tirava para falar com Javé, que não parecia mesmo se incomodar muito com essas boiolices.

As ofertas para a construção do Tabernáculo

(**Êxodo 35** e **36:1-7**)
Passada toda a celeuma (*celeuma!* Fazia tempo!) causada por seu **purpurinado retorno**, Moisés reuniu novamente o povo:
– Po-povo de I-I-IIIIIIIsrael! Ja-Javé m-manda q-que vo-vocês g-guardem o sa-sábado c-como dia de d-descanso! Vo-vocês n-não t-trabalharão no sa-sábado, nem m-mesmo...
– Já falou isso aí!
– He-hein?
– Cê já falou isso aí!
– Velho caduco!
– Bicha!
– T-tá, c-calma aí. C-confundi as a-anotações aqui. D-deixa ver... Ah. Aham. PO-POVO DE I-I-I-I...
– Tá, tá, povo de Israel. Pega a partir daí.
– O-obrigado. Ja-Javé o-ordena que vo-vocês t-tragam o-ofertas pa-para a co-construção do Ta-Tabernáculo! A-aqueles q-que q-quiserem co-contribuir, p-podem vir e...

– Ofertas? Tá doido? Tamos na miséria, no meio do deserto, e cê quer que a gente traga ofertas? Nem a pau!
– P-porra, que po-povinho d-difícil. S-seguinte, Ja-Javé t-tá querendo u-uma ca-casa pra e-ele. S-se a ge-gente não fi-fizer a tal c-casa, ca-capaz dele fi-ficar p-puto... E vo-vocês já vi-viram o que a-acontece q-quando ele fi-fica p-puto.
– ...
– É i-isso a-aí. A-além das o-ofertas, a-aqueles que ti-tiverem ha-habilidade de-deverão a-ajudar com s-seu t-trabalho.
Então o povo, que não era besta nem nada e não queria despertar a ira do temperamental Javé, começou a trazer ofertas para a construção do Tabernáculo: ouro, prata, bronze, linho fino, fios de lã, pêlos de cabra, peles de carneiro, madeira, pedras preciosas, especiarias. Já tendo uma boa quantidade de material, Moisés convocou Bezalel para ser o coordenador da construção do Tabernáculo, como deus tinha ordenado, tendo Aoliabe como seu ajudante. Os dois selecionaram os trabalhadores, pegaram as ofertas do povo e começaram a obra. Só que o povo, para se garantir, não parava de trazer ofertas. Então Bezalel e Aoliabe foram falar com Moisés:
– Porra, seu Moisés, assim não dá! Fala pra esse povo parar de trazer ofertas. Onde é que a gente vai enfiar tanto material?
– Q-quer que eu r-responda?
– É sério, seu Moisés! O que temos já dá e sobra para o projeto, se o povo continuar trazendo coisas vamos ter que superfaturar a obra.
Então Moisés ordenou que ninguém trouxesse mais ofertas. Teve nego que, cabreiro com a ira divina, ainda tentou trazer um pingentezinho de ouro, ou uma pedrinha de ônix. Mas Moisés garantiu que já tinham mais que suficiente para a construção do Tabernáculo, que transcorria em ritmo acelerado.

Saramago visita o *Jesus, me chicoteia!*

Já ficou dito que as obras do Tabernáculo foram iniciadas, ocioso seria descrever pormenores da construção, cansados estamos de saber as formas, as medidas e os materiais especificados por Javé, e triste figura faria o narrador repetindo toda aquela cantilena de côvados e siclos. Note-se, porém, que Moisés e Javé ainda conversam entre si, talvez até mais acaloradamente, porém sobre assuntos corriqueiros, velhos amigos que são. Acontece mesmo de vez por outra entregarem-se àquele silêncio agradável de quem sabe que tudo já foi dito, e o que ainda não o foi pode esperar, e é assim que os encontramos no Monte Sinai, ambos contemplando a paisagem, Moisés pensando na distância que ainda separa a si e seu povo da Terra Prometida, Deus pensando que talvez a criação dos desertos tenha sido um erro, estejam eles assim, esparramados em infindas superfícies, ou encerrados nos pobres corações humanos. Levando tal sorte de pensamentos adiante, talvez fosse Deus tentado, pois da tentação nem mesmo ele está livre, que o diga seu filho, ele também Deus, tentado no deserto, cá estamos a falar em deserto novamente e não concluímos a frase anterior, o que dizíamos é que se Deus levasse adiante suas reflexões sobre os tipos de deserto, talvez chegasse à conclusão de que erro mesmo foi criar o homem, o resto se ajeita. Felizmente para nós, Moisés interrompe a cadeia de pensamentos divinos, Que faremos quando estiver concluída a obra, Ora, Moisés, isso muito me espanta, Minha ignorância sobre o que fazer, Não, a ausência de sua gagueira, É verdade, não gaguejo, e não teria percebido não fosse você chamar-me atenção para o fato, Que aconteceu, Ora, que sei eu, se calhar foi um milagre, Impossível, Não crê nos milagres, Creio, Então por que diz ser impossível que o gago volte a falar direito, Não reside aí a impossibilidade, Então em quê, Se fosse um milagre eu saberia, Sabe de todos os milagres, Sei de todas as coisas, Então deves saber o que houve com minha gagueira, Não o sei, Como é possível, São os mistérios insondáveis de Deus, Isso serve de escusa para tudo, Alguma vantagem eu teria de obter do fato de ser Deus.

A construção do Tabernáculo

(**Êxodo 36:8-38**; **37**; **38**; **39**)
– Isso que é preguiça, hein, Chicoteia? Vai querer que a gente acredite que você vai condensar quase quatro capítulos num só?
Calma, meu povo, não é o que parece. O negócio é que, **como bem disse o Saramago**, não vale a pena ficar recapitulando as especificações para a construção do Tabernáculo e cada um de seus itens. Tudo isso já foi visto, seria abusar da paciência de vocês detalhar tudo outra vez. O autor do Êxodo fez isso, mas eu sou bonzinho e não o farei.
Então basta dizer que os trabalhadores, chefiados por Bezalel e Aoliabe, fizeram tudo conforme as detalhadas instruções que deus passara a Moisés: O Tabernáculo, a arca do acordo, a mesa dos pães, o candelabro, o altar de incenso, o altar de sacrifícios, a pia de bronze, o pátio, as roupas dos sacerdotes. Durante o trabalho, Moisés teve a curiosidade de saber o quanto de metais preciosos seriam usados na obra, e chamou seu irmão.
– A-Arão, cê s-sabe q-quanto o-ouro, p-prata e b-bronze e-estamos ga-gastando n-nesse ne-negócio?
– Não tenho nem idéia, Moisés. Mas você pode contratar alguém para fazer esse levantamento.
– M-mas vo-você c-conhece alguém de co-confiança?
– Bom, tem o Itamar...
– O I-I-Itamar? M-mas o m-mandato d-dele v-vai até ja-janeiro, a-acho que ele n-não vai ter t-tempo de...
– Não esse Itamar, Moisés. Tô falando do Itamar, meu filho.
– Ah, e-esse... E-ele é de co-confiança?
– Não muito. Mas podemos tirar uma porcentagem disso.
– S-sei n-não...
– Ora, que que tem, Moisés? Cê não sabe que vai sobrar coisa pra caramba dessa obra? Só estamos pegando nosso pagamento pelos serviços prestados...
– E-então tá b-bom.
Itamar foi chamado a fazer o levantamento, apresentando a Moisés quantidades impressionantes: 1 tonelada de ouro, 3,4 toneladas de prata, 2,4 toneladas de bronze. E, conforme a combinação da maracutaia entre Moisés e Arão, cada um deles pegou uma porcentagem, como sempre acontece nessas obras públicas.
Corrupção à parte, a obra correu bem e foi concluída dentro do prazo. Depois que tudo estava pronto, Moisés foi vistoriar. Tudo tinha ficado mais bonito do que ele imaginara. Reuniu os trabalhadores para um breve discurso de agradecimento:
– Vo-vocês estão de p-parabéns. I-isso a-aqui fi-ficou uma b-boniteza!
– Muito obrigado, seu Moisés. Agora só falta o senhor acertar o pagamento com a gente.
– Pa-pagamento? M-mas vo-vocês n-não fi-fizeram essa o-obra pra mim! O co-contrato de vo-vocês é com o Ja-Javé. Q-que d-deus lhes pa-pague.
– Filho da puta...
Com esse "deus lhes pague", foi iniciado o processo de endividamento de deus, que desde então não parou mais de crescer. Aliás, andam dizendo por aí que se deus não conseguir cumprir o mais recente acordo com o FMI, é capaz dele sofrer impeachment e o diabo tomar conta da porra toda. Isso porque o diabo já é dono de 49% das ações, por isso o mundo está do jeito que está.
Mas isso não tem nada a ver com nossa história.

A consagração do Tabernáculo

(**Êxodo 40**)

Quando o Tabernáculo finalmente ficou pronto, já fazia quase um ano que os israelitas tinham saído do Egito. Ansioso por ver sua nova casa pronta, deus foi falar com Moisés:
– Moisés! Ô Moisés!
– T-tô aqui, Ja-Javé.
– O que aconteceu aqui, Moisés? Tá tudo diferente...
– Ah,o Ch-Chicoteia re-redecorou t-tudo pra i-inauguração do Ta-Tabernáculo.
– Inauguração? Então já tá pronta a minha tenda?
– S-sim senhor.

– E o que é que a gente tá fazendo aqui? Bora inaugurar a bagaça!
– Ca-calma, Ja-Javé. T-tá pe-pensando que é a-assim? T-tem que m-mandar os co-convites, co-contratar o buffet, os m-músicos, co-convidar umas ce-celebridades, umas pi-piranhas f-famosas, a-avisar a TV, os jo-jornais, a "Caras"...
– Porra, Moisés, que viadagem! Precisa nada disso não! Arma a tenda lá, eu vejo como ficou e pronto.
– Ja-Javé, cê n-não m-manja nada de o-organização de e-eventos. D-deixa o ne-negócio co-comigo, cê v-vai ver que be-beleza.
– Tá bom, tá bom... Mas vê se organiza direito esse negócio aí. Se vai fazer festa, tem que fazer direito.
Moisés não fez por menos: organizou uma festa grandiosa para a inauguração do Tabernáculo. É pena que poucas pessoas que compareceram à festa ainda estejam vivas hoje. Dos governantes convidados, só a Rainha Elisabeth II e Fidel Castro ainda estão por aí. Dos grupos musicais que animaram a festa, só restaram os Demônios da Garoa. Roberto Marinho fez a cobertura do evento para o jornal em que trabalhava. Oscar Niemeyer compareceu, mas foi embora logo, torcendo o nariz para o projeto da tenda. Dercy Gonçalves foi o centro da festa, atraindo os flashes com sua beleza juvenil. João Paulo II tentou entrar mas foi barrado: O Cristianismo ainda não fora inventado, e ele era apenas um polaco muito do cara-de-pau. Resumindo: Foi uma baita festança que entrou pela madrugada. Quando o último convidado saiu, deus foi verificar com calma seus aposentos.
– Que beleza ficou isso aqui, Moisés! Que beleza!
– A-ainda bem que vo-você g-gostou, p-porque deu um t-trabalho fi-filho da p-puta.
– Eu sei, eu sei. Mas valeu a pena, olha só que maravilha! Isso merece uma celebração. Cê tem seda, Moisés?
E então uma nuvem de fumaça cobriu a tenda. Moisés, que não era dessas coisas, voltou pra casa. A partir de então, virou rotina: O povo ficava acampado num lugar até que deus se cansava de tanto fumar e criava coragem pra meter o pé na estrada. Enquanto isso não acontecia, durante o dia todos podiam ver a nuvem de fumaça cobrindo o Tabernáculo; e durante a noite a brasa iluminava o acampamento. Cá pra nós, não é à toa que deus fez questão de tanto pão, vinho e animais sacrificados. Imaginem a larica do cara...